



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

O ESPAÇO COLECTIVO

COMO ORGANIZADOR SOCIAL

Adequação do Aterro da Boavista às Práticas Contemporâneas



Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Rita Macedo Coutinho de Oliveira Soares

Licenciada

Arquitecto Especialista Pedro Pacheco

Orientador Científico

Professor Doutor Jorge Spencer

Co-Orientador Científico

Lisboa, Setembro 2014

Fig. 1 - Crianças brincando no pavimento com giz - Fotografia de Shirley Baker. Imagem obtida em:
<http://www.art.com/products/p4171036645-sa-i4795405/shirley-baker-children-draw-on-pavement-withchalk.htm?sOrig=CAT&sOrigID=0&dimVals=5248710&ui=24307BBA017B4173AF9DA53A35A33022>

O ESPAÇO COLECTIVO

COMO ORGANIZADOR SOCIAL

Adequação do Aterro da Boavista às Práticas Contemporâneas

Rita Macedo Coutinho de Oliveira Soares

Orientador Científico: Arquitecto Especialista Pedro Pacheco

Co-Orientador Científico: Professor Doutor Jorge Spencer

Lisboa, Setembro 2014

RESUMO

Esta investigação incide numa reflexão sobre o papel dos espaços colectivos na organização da sociedade e na activação de uma vida colectiva na cidade.

O espaço colectivo, palco de interacções sociais, é também uma estrutura organizadora da cidade. Desta maneira, quando a estrutura sofre interrupções, existe uma perda de continuidade. Cria-se, com isto, barreiras que impedem uma continuidade tanto a nível físico como, consequentemente, social.

A cidade altera-se e com ela alteram-se os seus espaços e práticas. Assim, deve ser relembrada a importância da (re)construção de novos espaços colectivos no seu interior; espaços que proporcionem uma urbanidade colectiva ao corrigirem e readaptarem os problemas provenientes destas alterações. Devem ser mantidos, reforçados ou recriados o carácter destes lugares, potenciando a regeneração dos núcleos urbanos consolidados, dando-lhes uma continuidade ao nível da cidade, reorganizando o espaço e os modos de o habitar. Dentro do que são os parâmetros e ferramentas da Arquitectura é possível intervir na cidade e adequar o desenho do espaço às práticas contemporâneas, corrigindo aquilo a que o tempo não permitiu que o crescimento das cidades se adequasse.

Indo ao encontro da concretização específica deste ensaio, existe uma necessidade de responder a problemas em territórios mais concretos. Face a (des)encontros entre os antigos limites da Cidade de Lisboa, o Aterro da Boavista e a Frente Ribeirinha, enfrentam-se questões que interrompem o tecido urbano consolidado e que prejudicam a sua continuidade, não só física, mas também social.

(237 palavras)

Palavras-Chave: Espaço Colectivo, Contacto Social, Mudança, Continuidade, Ordem, Sociedade

COLLECTIVE SPACE

AS SOCIAL STRUCTURE

Adequacy of Aterro da Boavista to Contemporary Practices

Rita Macedo Coutinho de Oliveira Soares

Advisor: Arquitecto Especialista Pedro Pacheco

Co-Advisor: Professor Doutor Jorge Spencer

Lisbon, September 2014

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the role of collective spaces in the organization of society and the way they activate a collective life in urban areas.

The collective space is studied not only as a stage of social interactions but also as a way of organizing the structure of a city. When this structure is interrupted, there is a loss of continuity in the city. These barriers can be physical and social. As time goes by, the cities change and consequently their public spaces and the practices of their inhabitants. It is important to reinforce the relevance of the (re) construction of public spaces inside this urban areas; spaces that provide a collective urbanity and try to break the barriers caused by this changes. The character of these places should be maintained or recreated in order to enhance the regeneration of consolidated urban centers, giving them a new continuity and reorganizing the space and ways of dwelling. Based on the evolution of the way of thinking and building in contemporary architecture, it is possible to adjust the urban design to the contemporary practices, being more aware of the city scale and how to adapt to it existent structure.

The goal of this essay is to develop an urban design based on these issues in a specific area of Lisbon, as an example to further developments. It is going to be developed a specific area created by the (dis) encounters between the old limits of Lisbon, the area of Aterro da Boavista and the city riverfront where there is a gap in the city structure with consequences not only physical but mainly in the social life of this urban area.

(282 words)

Keywords: Collective Space, Social Contact, Change, Continuity, Order, Society

*"A arte cria vida na ordem,
a ordem é intangível,
é um nível da consciência criadora
que se vai elevando cada vez mais.
E quanto mais alto se eleva
tanto melhor resultará a composição.
A ordem favorece a integração.
Ao conceber o espaço,
o arquitecto materializa o intangível.
Na ordem encontrará a força criadora
e a capacidade de auto crítica
para dar forma ao desconhecido.
A beleza triunfará."*

Louis Kahn

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Jorge Spencer, um sincero agradecimento pelo importante contributo que tem tido em toda a minha formação e, em especial, pelo próximo e incansável acompanhamento neste trabalho que ultrapassou quaisquer distâncias.

Ao Professor Pedro Pacheco por ter orientado este trabalho.

Ao Bráulio, ao Francisco, ao Duarte, ao Pedro, à Teresa, à Maria, à Maria e, em particular, à Sara pela companhia e amizade durante este e outros percursos no 'interior e no exterior' da arquitectura.

A todos os meus grandes amigos pela compreensão e apoio em mais uma etapa da minha vida e por estarem cá sempre e desde sempre!

À minha família por serem, em tudo, os meus grandes pilares.

E em especial ao Miguel, por tudo aquilo que a sua presença representa e por me fazer sempre acreditar.

INTRODUÇÃO.....	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
SOCIALIZAÇÃO.....	6
Homem, um Ser Colectivo.....	6
Socialização e Prática.....	7
Socialização na Vida Urbana.....	9
Valor da Vida Colectiva.....	10
ESPAÇO COLECTIVO.....	12
Essência da Vida Colectiva.....	12
Valor do Espaço Colectivo.....	13
TEMPORALIDADE.....	16
Cidade em Mudança.....	16
Conceito de Continuidade.....	18
Arquitectura, um Trabalho Contínuo.....	19
Mudanças Espaciais e Sociais da Cidade.....	21
2. A INTERVENÇÃO ARQUITECTÓNICA NA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE.....	33
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	34
VIDA COLECTIVA NA CIDADE.....	37
Acessibilidade e Continuidade.....	37
Acessibilidade e Demarcação Territorial.....	40
Visibilidade e Segurança.....	44
Visibilidade Diversa.....	45
Unidade e Diferença Formal.....	46
Diversidade Formal.....	47
Desenhar a Forma.....	48
Proporção e Escala.....	52
Diversidade Funcional.....	54
VIDA COLECTIVA NO BAIRRO.....	56
Acessibilidade Dinamizadora do Espaço.....	56
Acessibilidade e Organização do Espaço Privado.....	59
Visibilidade e Pertença.....	60
Forma do Espaço.....	62
Flexibilidade e Polivalência.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
BIBLIOGRAFIA.....	73
SUPLEMENTOS GRÁFICOS	

Fig.2 - Esquema explicativo da relação entre o espaço e as práticas. Desenho da autora.	9
Fig.3 - Qualidade do Espaço - Aumenta a possibilidade de actividade opcionais. Gehl, J. (2011) <i>Life Between Buildings. Using Public Space</i> . Washington, Island Press, p. 11.....	14
Fig.4 - Esquema explicativo da correlação temporal entre as alterações do espaço e da prática. Desenho da autora.	17
Fig.5 - Cidade Medieval. Vista aérea de Rothenburg ob der Tauber (Alemanha) - planta aparentemente mas organizada pela rua principal de comércio que atravessa a cidade e cruza a praça principal. Imagem obtida em: https://www.singolo.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/10/luftbild_altstadt_800.jpg . Vista aérea da praça do mercado - espaço colectivo principal da cidade. Imagem obtida em: http://3.bp.blogspot.com/-WXR5-K7CBn4/Trsf-xH-dXl/AAAAAAAAAYU/2gnzcHzPnjs/s1600/rothenburg6.jpg	22
Fig.6 - Cidade Renascentista. Plano de Palmanova (Itália). Imagem obtida em: http://www.historic-maps.de/stadtansichten-panoramen/stadtansichten-1600/galerie/images/Palmanova%201602.jpg . Vista aérea de Palmanova. Imagem obtida em: http://photo.goss.ru/img/_fotogalleries/ft_palmanova/00-00.jpg . Piazza Grande, espaço público principal da cidade. Imagem obtida em: http://www.photocommunity.qtp.it/attachment.php?attachmentid=28972&d=1387819741	23
Fig.7 - Plano de Haussman para Paris. Imagem obtida em: http://spargelandfraise.files.wordpress.com/2011/05/haussmannparc3ads.jpeg	25
Fig.8 - Plano de Cerdá para Barcelona. Imagem obtida em: http://1.bp.blogspot.com/-O733-rJKt2E/T-pEfJgVzpl/AAAAAAAAADHI/wVlu32h4iAM/s640/barcelona.jpg	25
Fig.9 - Imigração em Nova Iorque. Imagem obtida: http://www.latinamericanstudies.org/immigration/tenament-1900.jpg	26
Fig. 10 - Villa Ramos (Lisboa). Imagem obtida em: http://c4.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/b070108f3/6181443_GOg9e.jpeg	26
Fig. 11 - Familistério, Jean Baptiste Godin, Guise, 1856-1859. - Pátio comum central. Imagem obtida em: http://www.histoire-image.org/photo/zoom/pin4_anonyme_004f.jpg . Escadas de acesso às habitações. Imagem obtida em: http://www.histoire-image.org/photo/zoom/pin4_anonyme_004f.jpg	28
Fig. 12 - Falanstério, Charles Fourier, 1829 (cima). - Rowe, C. Koetter, F. (1978) <i>Collage City</i> . Cambridge: MIT Press, p. 23.....	28
Fig. 13 - Ville Radieuse - Plano de Le Corbusier para o centro de Paris, 1934. Imagem obtida em: http://expeditionary.files.wordpress.com/2014/01/radiantcity.jpg	29
Fig. 14 - Desenho dos espaços colectivos na Ville Radieuse. Imagem obtida em: http://eliinbar.files.wordpress.com/2010/10/le-corbusiers-sketches-la-ville-radieuse-20001.jpg	29
Fig. 15 - Integração dos meio electrónicos de comunicação no espaço público da cidade. Fotogramas de uma acção da.....	31
Fig. 16 - Transição entre a cidade antiga e a frente ribeirinha - Passagem de um carácter privado para público . Desenho do autora.	35
Fig. 17 - Acessos com a cidade. Desenho da autora.....	38
Fig. 18 - Acesso com o bairro. Desenho do autora.....	38
Fig.19 - Percursos com a frente ribeirinha. Desenho do autora.	39
Fig.20 - Parque Thays (Buenos Aires). Ponte entre parque Thays e o bairro da Recoleta. Imagem obtida em: http://www.tripin.travel/buenos-aires/facultad-de-derecho.html . Barreira da Avenida del Libertador. Imagem obtida em: http://tinypic.com/view.php?pic=nlais&s=6#.VCaPHUsZEmY . Percursos entre o bairro da Recoleta e o parque Thays. Imagem obtida em: http://i.argentino.com.ar/images/2012/1120/753255-salga-a-correr-con-su-perro-alrededor-de-parque-thays-aumenta-la-salud-fisica-y-emocional-20121120063211807.jpg	39

Fig. 21 - Área Pedonal no Centro de Copenhaga - Aumento do uso do espaço colectivo.	
Gehl, J. (2011) <i>Life Between Buildings. Using Public Space</i> . Washington, Island Press, p. 33.....	40
Fig. 22 - Percursos Pedonais. Desenho da autora	41
Fig. 23 - Influência do desenho do pavimento - Importância dos Espaços Pedonais na Cidade. Monteys, X. (et alt.). (2012). <i>Rehabitar en nueve episodios</i> . Barcelona: Habitar Grupo de Investigación, p. 109 e p.103.....	42
Fig. 24 - Velocidade - Diminui a possibilidade de contacto social. Gehl, J. (2011) <i>Life Between Buildings. Using Public Space</i> . Washington, Island Press, p. 62.	43
Fig. 25 - Distância e Percurso - Importância do Acesso Automóvel. Gehl, J. (2011) <i>Life Between Buildings. Using Public Space</i> . Washington, Island Press, p.126.	43
Fig. 26 - Espaços de maior encontro colectivo vigiados pelo 'olhar público' - Avenida Duque D'Ávila. Imagem obtida em: http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://www.italycafferistorante.com/wp-content/uploads/2011/08/gelataria-586x293.jpg&imgrefurl=http://www.italycafferistorante.com/en/restaurante/cafeteria-e-gelataria/&h=293&w=586&tbnid=289TmxhSjOQd4M&zoom=1&tbnh=159&tbnw=318&usq=__OBNDivPCdqqyN_sYd46CVBr7E= - Playground Aldo Van Eyck, Spielsinsel, Van Boetelaerstraat, 1961. Imagem obtida em: http://www.architekturfuerkinder.ch/index.php?pioniere/aldo-van-eyck/	44
Fig. 27 - Espaços Semi-Públicos - Importância do grau de exposição pública para o controlo dos espaços na organização da vida colectiva. Gehl, J. (2011) <i>Life Between Buildings. Using Public Space</i> . Washington, Island Press, p.126.....	44
Fig. 28 - Perspectiva - Importância do tipo de ligações visuais no grau de privacidade de um espaço - Rua Augusta (Baixa Pombalina). Imagem obtida em: http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://p0.storage.canalblog.com/09/22/584944/40174600.jpg&imgrefurl=http://boucletteinuk.canalblog.com/archives/2009/05/25/13926867.html&h=600&w=800&tbnid=bEnp1OldvnrY-M&zoom=1&tbnh=194&tbnw=259&usq=__oX7Vlcr4AH5cXfPZWMYCBqCW1wk= - Rua de Alfama. Imagem obtida em: http://fotos.sapo.pt/sydowhummel/fotos/?uid=AUHS1MulG7dEpiByLcjj	45
Fig. 29 - Unidade e Diferença - Alçado da 24 de Julho. Desenho da autora.....	47
Fig. 30 - Diversidade de Espaços - Promove uma maior variedade de actividades. Monteys, X. (et alt.). (2012). <i>Rehabitar en nueve episodios</i> . Barcelona: Habitar Grupo de Investigación, p. 111.....	48
Fig. 31 - Formas dos Espaços Colectivos. Desenho da autora.....	50
Fig. 32 - Árvore nos Espaços Colectivos. Desenho da autora.....	50
Fig. 33 - Ascoli Piceno (Itália) - Tendência de apropriação do espaço 'em volta'. Gehl, J. (2011) <i>Life Between Buildings. Using Public Space</i> . Washington, Island Press, p.148.....	51
Fig. 34 - Ascoli Piceno (Itália) - Coluna como encosto. Gehl, J. (2011) <i>Life Between Buildings. Using Public Space</i> . Washington, Island Press, p.148.....	51
Fig. 35 - Praça Vredenburg em Utrecht, Holanda. Hertzberger, H. (2006). <i>Lições de arquitectura</i> . São Paulo: Martins Fontes, p. 156.	51
Fig. 36 - Proporção de Cheios e Vazios. Desenho da autora.	52
Fig. 37 - Apropriação do Interior de Quarteirão. Gehl, J. (2011) <i>Life Between Buildings. Using Public Space</i> . Washington, Island Press, p.126.....	53
Fig. 38 - Proporção e Escala do Espaço Construído e do Espaço Vazio - Corte Transversal e Longitudinal. Desenhos da autora.....	53
Fig. 39 - Planta Funcional - Castanho: Habitação e comércio; Laranja: Grandes Equipamentos; Amarelo: Pequenos equipamentos, comércio, ateliers e espaços de trabalho; Cinzento: Habitação mais pequena, ateliers e comércio local. Desenho da autora.	55
Fig. 40 - Diversidade de Funções nos Pisos Térreos - Promove uma maior variedade de actividades. Monteys, X. (et alt.). (2012). <i>Rehabitar en nueve episodios</i> . Barcelona: Habitar Grupo de Investigación, p. 111.....	55

Fig. 41 - Contacto Rua e Edifício - Acessos. Desenho da autora.....	56
Fig. 42 - Acesso Visual com a Rua da Boavista. Fotografia da autora.....	57
Fig. 43 - Acessos Pedonais com a Rua da Boavista. Desenho da autora.	57
Fig. 45 - Continuidade Pedonal da Rua Nova do Carvalho - Percurso pedonal complementar à Rua da Boavista. Desenho da autora.	58
Fig. 46 - O Acesso à Casa. Desenho da autora.	59
Fig. 47 - Contacto através da visibilidade - Fotograma do filme <i>A Janela Indiscreta</i> , 1954. Alfred Hitchcock. Imagem obtida em: http://www.jeffdesom.com/hitch/Day.jpg	61
Fig. 48 - Visibilidade sobre o Espaço Público - Sensação de Pertença. Monteys, X. (et alt.). (2012). <i>Rehabitar en nueve episodios</i> . Barcelona: Habitar Grupo de Investigación.....	61
Fig. 49 - Pátio Casa Atelier - O acesso como complemento da casa. Desenho da autora.	61
Fig. 50 - Mansardas Curvas - Desenho vira a casa para o pátio como lugar colectivo da casa. Desenho da autora.	63
Fig. 51 - Depósito - A forma dá origem nos seus recuos a espaços mais privados. Desenho da autora.	63
Fig. 52 - Exposição e Recolha. Diagrama de Aldo van Eyck - Smithson, A. (1974). <i>Team 10</i> ..	63
Fig. 53 - Acesso ao Largo de Santo Antoninho, Bica. Fotografia da autora. - Acesso ao Pátio de Siza Vieira, Chiado. Fotografia da autora.....	64
Fig. 54 - Cour intérieure - Fotografia de Marie Bovo (27 de Setembro de 2008). Imagem obtida em: o-cour-interieure-26-septembre-2008.html	64
Fig. 55 - Playground do Van Eyck - Monteys, X. (et alt.). (2012). <i>Rehabitar en nueve episodios</i> . Barcelona: Habitar Grupo de Investigación	65
Fig. 56 - Canais de Utrech - Readaptação dos armazéns de descarga para cafés, ateliers e restaurantes. Hertzberger, H. (2006). <i>Lições de arquitectura</i> . São Paulo: Martins Fontes, p. 97.....	67
Fig. 57 - Flexibilidade casa-atelier - Pormenor da forma como impulsionador de diferentes usos no espaço. Desenho da autora.....	67

INTRODUÇÃO

*"O objecto original da arquitectura é (...) o da construção do espaço socializado, apropriado pelo Homem."*¹

O espaço colectivo tem um papel estruturante na vida em sociedade. É necessário perceber a importância dos espaços colectivos na organização da cidade e da sociedade e de que forma é que actuar sobre eles poderá ajudar a corrigir a estratificação das mesmas em partes demasiado distintas. A desagregação espacial e a estratificação social que as cidades têm vindo a sofrer ao longo dos tempos são resultado do seu crescimento descontrolado e da falta de um planeamento das mesmas como um todo. É imprescindível voltar a pensar a cidade de forma integrada e reorganizá-la de forma a corrigir as barreiras que a espartilham, reintroduzindo nela espaços urbanos que a vitalizam.

A reestruturação dos espaços colectivos, como principais elementos de ligação espacial e social, pode contribuir para a construção de uma cidade mais próxima. Repensar a vida na cidade passa por repensar os espaços colectivos que a organizam. Uma reflexão sobre as necessidades destes espaços, para que estes promovam lugares de encontro e a revitalização de uma vida urbana, é o ponto central deste projecto. Este ensaio pretende adequar o espaço colectivo às práticas contemporâneas, recuperando e dando continuidade a uma vida urbana nos vazios existentes. Uma questão essencial a ser tratada será, com isto, entender o reflexo que as alterações do seu desenho podem ter nas práticas da sociedade e, em contraponto, entender o reflexo que as alterações das práticas da sociedade poderão ter no modo de habitar estes espaços.

Para uma correcta compreensão do campo de actuação deste trabalho é preciso delimitar espacialmente a expressão 'espaço colectivo'. Esta terminologia refere-se aos espaços colectivos da cidade e do edifício, excluindo portanto, quaisquer espaços colectivos pertencentes ao interior do lar. Esta delimitação tem como objectivo um enfoque do estudo sobre os espaços colectivos com influência directa na organização da sociedade. Partindo deste princípio, o estudo incide apenas nos espaços que servem como suporte dos contactos sociais da vida urbana, deixando de parte tudo o que acontece na vida privada.

A estrutura deste trabalho divide-se em duas partes. Na primeira, é procurado um entendimento de natureza mais teórica sobre o comportamento do Homem como ser colectivo. É importante introduzir o tema explicando porque é que os espaços colectivos são importantes na vida do Homem e no modo como este se organiza em sociedade. Deste modo, a compreensão do papel dos espaços colectivos vem ajudar a que seja evidenciada a

¹ Freitag, M. (1992, "2004"). *Arquitectura e Sociedade*. P.17.

importância da qualificação arquitectónica dos mesmos.

A partir da formulação de um discurso que liga o espaço e a prática - relação esta que está em constante mudança pela sucessiva alteração dos seus constituintes - é procurada, na segunda parte deste trabalho, uma aplicação prática deste posicionamento sobre a sua importância na vida em sociedade.

Dar resposta às mudanças e alterações da cidade é dar uma resposta informada sobre a vida urbana, tendo em conta, o lugar. Devem ser mantidos, reforçados ou recriados o carácter destes lugares, potenciando a regeneração dos núcleos urbanos consolidados, dando-lhes uma continuidade ao nível da cidade, reorganizando o espaço e os modos de o habitar. Seria incoerente e utópico pensar nos princípios de continuidade espacial e social das cidades, como princípios únicos e absolutos, desprendidos de qualquer envolvente. Dar continuidade, é precisamente ter consciência da envolvente em que cada intervenção se insere e saber dar resposta àquilo com que nos deparamos em cada lugar específico.

Como tal, sentindo a necessidade de dar resposta a estas questões de investigação através de um exemplo concreto e no qual possa lidar e responder a problemas reais, o ensaio centra-se no Aterro da Boavista, onde é evidente a necessidade de uma continuidade do tecido urbano e da ligação deste espaço urbano à sua envolvente. Aqui podemos depararmo-nos com um encontro de diferentes realidades que se foram construindo e sobrepondo ao longo do tempo devido ao aumento da frente ribeirinha e da zona portuária. O processo de repensar a cidade pressupõe uma constante actualização do seu carácter face às mudanças morfológicas, funcionais e sociais que se vão dando ao longo do tempo. Na metodologia adoptada é procurado unir o campo das ciências sociais - através do entendimento dos comportamentos do Homem em sociedade - com o campo da prática disciplinar - através de uma demonstração prática da importância das escolhas do Arquitecto em qualquer intervenção sobre o espaço colectivo da cidade; consciencializando-o das consequências e repercussões que essas mesmas intervenções têm sobre a sociedade.

*"Anima-nos a esperança de que este ensaio torne cada leitor mais consciente do papel que ele próprio desempenha na organização do espaço e bem assim da importância que uma criação de formas mais harmoniosas pode representar na sua vida, quer como individuo, quer como elemento de uma sociedade."*²

² Távara, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.10.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Homem, um Ser Colectivo

Este ensaio procurou, como ponto de partida um esclarecimento sobre o comportamento do homem como ser colectivo. Antes de procurar entender a importância dos espaços colectivos na vida urbana e de que forma é que eles podem contribuir para a organização da sociedade, existia um desejo que se estendia à compreensão da raiz social deste problema. Esta necessidade de ir ao 'início' da questão levou a uma procura de um melhor entendimento da sociedade e dos seus processos de organização.

No âmbito da Sociologia, o conceito de Socialização é entendido como "mecanismo de internalização dos valores que suportam a organização normativa dos papéis-status"³ da sociedade. A sociedade é organizada através de uma ordem e é na criação dessa ordem e dessa estrutura que o papel das relações sociais entre o Homem são de maior importância.

Na história da sociologia, primeiro Émile Durkheim (1859-1917) - sociólogo e filósofo francês - e mais tarde, Talcott Parsons (1902-1979) - sociólogo americano - atribuem uma importância fulcral ao conceito de socialização devido à "necessidade de um consenso sobre os valores enquanto mecanismo de integração na sociedade"⁴.

A formulação clássica do conceito de integração surgiu com Auguste Comte (1798-1857) - um filósofo francês - na procura do entendimento sobre o modo como a integração é assegurada numa sociedade caracterizada por processos de crescente diferenciação. Comte conclui que "a organização social seria mantida pelo incremento da interdependência sistémica, pelo alargamento das funções de coordenação via centralização da autoridade e pelo desenvolvimento de uma moral comum entre os seus membros"⁵.

Na literatura sociológica, o conceito de integração descreve "'o modo como os actores são incorporados num espaço social comum", numa escala micro" e "'o modo como são compatibilizados diferentes subsistemas sociais", na escala macro"⁶. O Homem é integrado na sociedade através do acto de socialização e da troca de valores que o mesmo proporciona. O consenso destes valores - que leva à padronização de uma vida social - é feito através da partilha de um espaço social comum. E como diz Freitag (1935-2009) - sociólogo e filósofo suíço - "é nesse espaço que a sociedade se torna visível para si própria, é

³ Pires, Rui P., *Uma Teoria dos Processos de Integração, Sociologia – Problemas e Práticas*, n.º 30, 1999, p. 10. In Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.22.

⁴ Idem, *Ibidem*.

⁵ Idem, p.9.

⁶ Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.21.

nele que ela encarna a sua própria perenidade no meio de tudo aquilo que não é senão movimento, de tudo o que somente passa, entre o nascimento e a morte".⁷

As relações sociais têm, como se pode verificar, um papel de grande importância na estruturação da sociedade. É imprescindível o contacto social entre indivíduos para que eles se estruturam e integrem; e para que consigam, desta maneira, organizar-se.

Importa perceber que é a "estruturação materializada desta ordem que modula de maneira sensível e visível a apropriação simbólica do mundo humano" e que o transforma "em habitat acolhedor para os homens".⁸

Socialização e Prática

Os estudos sociológicos sobre a problemática da ordem e da estruturação resumiram-se - até à década de 1970 - a uma análise estática sobre o papel da estrutura na construção de uma ordem na sociedade. A cultura era entendida como estrutura deste sistema, uma estrutura parada no tempo, conceptualizada como uma forma de 'constrangimento', de 'hegemonia' ou de 'dominação simbólica', que dependia exclusivamente das relações sociais.

No entanto, novas análises sociológicas começaram a ser tidas em conta e a mudança, a evolução, a alteração passaram a ser parte processual da construção da ordem. Estas novas teorias afirmavam que "a sociedade e a história não são simplesmente somas de resposta ad hoc e adaptações a estímulos particulares"⁹. A sociedade é considerada um sistema que opera segundo determinados constrangimentos mas que "pode ser feito e desfeito através da acção e da interacção humanas"¹⁰. Relacionam-se assim, pela primeira vez, os termos sociedade e prática. Nasce uma necessidade de perceber o modo como a prática influencia este sistema, isto é, de perceber "de que modo a prática reproduz o sistema e de que modo a prática pode modificar o sistema"¹¹.

Os sociólogos Anthony Giddens (1938) e Pierre Bourdieu (1930-2002) vieram aprofundar o estudo das interdependências entre a estrutura social e a acção e comportamentos humanos, analisando o funcionamento dos processos de reprodução social e identificando o modo como a vida quotidiana constitui um meio privilegiado para a reprodução das relações

⁷ Freitag, M. (1992, "2004"). *Arquitectura e Sociedade*. P.17 e 18.

⁸ Idem, Ibidem.

⁹ Ortner, Sherry B., "Theory in Anthropology Since the Sixties", *Comparative Studies in Society and History*, vol. 26, 1984, p. 148.

¹⁰ Idem, p.159.

¹¹ Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento,, p.23.

sociais. As práticas triviais veêm-se descritas sobre "as principais noções de ordenação temporal, espacial e social que estão subjacentes e organizam o sistema como um todo"¹².

Na 'Teoria da Prática'¹³, Bourdieu recupera a noção de 'habitus' - trazida pelo alemão historiador de arte Erwin Panofsky (1892-1968) como princípio que rege a acção - e explica-a como "sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e as acções característicos de uma cultura, e somente esses"¹⁴. De acordo com o autor, a cultura não retira a particularidade de cada indivíduo, simplesmente dita as regras ou 'esquemas fundamentais' pelos quais cada indivíduo livre traça os seus próprios 'esquemas particulares' dentro dos limites estabelecidos pelo seu sistema cultural. Numa perspectiva semelhante, Giddens propõe a 'Teoria da Estruturação'¹⁵. O sociólogo inglês define a socialização como "o processo de permanente actualização, pelos actores, do sistema estratificado da personalidade". Este mostra a importância da prática como mecanismo de actualização contínua dos valores sociais. O processo de internalização de valores decorre ao longo de toda a vida de um actor social e como tal, iguala-se a importância do termo de socialização - incorporação das regras de comportamento adequado e de reprodução social - desempenho das actividades e dos comportamentos do quotidiano"¹⁶.

Em ambas as teorias é estabelecida uma forte ligação com a acção e com a prática. A construção de uma ponte entre o espaço social e o espaço físico levou à confirmação da abordagem estruturalista que considerava a organização espacial como um reflexo da ordem social. Esta relação entre actores sociais, as práticas do quotidiano e o espaço construído encontra-se descrita nos modelos tradicionais de vida urbana. A socialização é um factor essencial na organização da sociedade e da cidade, já que é através delas que o homem se integra - interiorizando as regras do seu sistema cultural - e se mantém integrado - desempenhando as práticas do seu quotidiano.

¹² Ortner Sherry B., "Theory in Anthropology Since the Sixties", *Comparative Studies in Society and History*, vol. 26, 1984, p. 154.

¹³ Bourdieu, Pierre, *Esquisse d'une Théorie de la Pratique Précédée de Trois Études d'Éthnologie Kabyle*, 1972.

¹⁴ Bourdieu, Pierre, "Postface", in Erwin Panofsky, *Architecture Gothique et Pensée Scolastique*, 1967 (versão port. "Estrutura, Habitus e Prática" in Idem, *A Economia das Trocas Simbólicas*, 2003, p. 349). In Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.35.

¹⁵ Giddens, Anthony, *Central Problems in Social Theory*, 1979 (versão port. parcial: *Dualidade da Estrutura. Agência e Estrutura*, 2000); Idem, *The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration*, 1984 (versão port.: *A Constituição da Sociedade*, 1989).

¹⁶ Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.28.

Socialização na Vida Urbana

A vida urbana é o modo como os cidadãos habitam qualquer cidade e o modo como um conjunto de práticas interagem entre si neste espaço físico e social comum. A partir desta relação, poderemos entender da vida urbana como um grande sistema. Um sistema que tem o espaço como suporte físico e a prática como suporte social, e que constrói uma relação directa e indissociável entre Cidade e Sociedade. O processo de socialização tem a cidade como palco, a sociedade como protagonista e as práticas da vida urbana como desencadeadoras da acção.

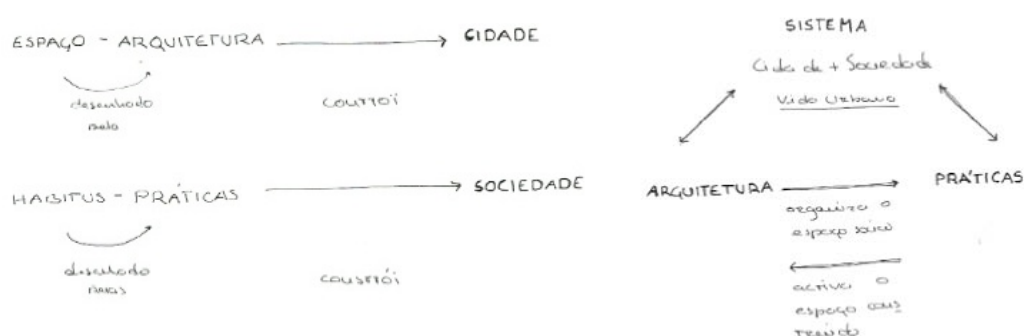


Fig. 2 - Esquema explicativo da relação entre o espaço e as práticas - Desenho da autora.

Actuar na (re)construção de uma vida colectiva na cidade exige a compreensão do funcionamento da mesma e do sistema que a sustenta. A Sociedade expressa-se através do desenho das práticas e a Cidade expressa-se através do desenho do espaço, ou seja, o espaço desenhado pela arquitectura organiza a Cidade e o 'habitus' desenhado pelas práticas organiza a Sociedade. O tipo de vida urbana depende por isso, do tipo de desenho de espaços na Cidade e do modo como as práticas da Sociedade nele se organizam. A questão fundamental a ser retirada na compreensão deste sistema é a dependência existente entre Cidade e Sociedade, espaço e prática, e arquitectura e 'habitus'.

No entanto, a explicação da vida urbana é, em boa verdade, muito mais complexa. Esta é determinada por uma variedade de factores - humanos, políticos, sociais, espaciais, religiosos, económicos - sobre os quais é difícil e extensa a sua total compreensão. Visto isto, o sistema explicado anteriormente não se resume a uma relação exclusiva da prática e do espaço; no entanto, na procura de um melhor entendimento da relação dos temas de trabalho com uma vida urbana colectiva, opta-se por limitar a explicação apenas à relação com os factores que nos interessam.

Então conclui-se, que o espaço organiza as práticas e as práticas activam o espaço, e que é com o contributo da correcta relação entre eles que a vida urbana se vê assegurada.

Valor da Vida Colectiva

*"A privacidade na zona urbana é preciosa. É indispensável. Talvez seja preciosa e indispensável em todos os lugares mas na maioria deles não se consegue obtê-la. Em comunidades pequenas, todos os indivíduos sabem da vida uns dos outros. Numa grande cidade, nem todos sabem, a não ser aqueles que cada um escolhe para revelar os seus segredos. Essa é uma característica das grandes cidades preciosa para a maioria da população, seja ela de moradores antigos ou novos, e trata-se de uma das dádivas da vida nas grandes cidades mais intensamente apreciadas e zelosamente preservadas."*¹⁷

Actuar sobre a vida colectiva exige não só perceber como funciona, mas também aquilo que a distingue e caracteriza. Jane Jacobs (1916 - 2006) - uma jornalista americana - explica a importância da privacidade na vida em sociedade mostrando a capacidade que a cidade tem de - através da existência de uma grande variedade de graus de contacto - proporcionar aos seus cidadãos a possibilidade de contactar muito, pouco ou nada. A quantidade de relações sociais e os graus de variação das mesmas confere aos cidadãos uma enorme liberdade no tipo de contacto que querem estabelecer. Aquilo a que Jane Jacobs se refere como 'boa vizinhança urbana' caracteriza-se por um equilíbrio - determinado por cada actor social - de poder usufruir de um mínimo de privacidade e, ao mesmo tempo, de uma grande liberdade para "poder variar de graus de contacto, prazer e auxílio"¹⁸. Esta liberdade de contacto permite ao indivíduo integrar-se na sociedade e, em simultâneo, "conhecer na vizinhança todo o tipo de pessoa sem estabelecer laços indesejados, sem haver chateação, necessidade de desculpas, explicações, receio de ofender, constrangimentos com imposições ou compromissos e todas a parafernália de obrigações dessa espécie que vêm agarradas aos relacionamentos menos restritos"¹⁹. O respeito pelo espaço particular e pela intimidade de cada um torna possível assegurar dentro duma mesma sociedade, factores de diferenciação. É feita desta maneira, a tradução prática do conceito teórico de integração dado por Auguste Comte²⁰. Percebe-se, com isto, como é que a sociedade funciona de forma integrada e, paralelamente, consegue estar sujeita a vários factores de diferenciação. Esta característica da vida colectiva em sociedade - tendo em conta a dimensão e complexidade deste sistema - é indispensável para a sua organização e existência.

A existência de uma variedade de contactos, não só permite organizar a sociedade de forma integrada como, em oposição, a inexistência dessa variedade destruiria por completo o

¹⁷ **Jacobs, J.** (1961, "2000"). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes Editora, p.62 e 63.

¹⁸ *Idem*, p.64.

¹⁹ *Idem*, p.67.

²⁰ **Pires, Rui P.** *Uma Teoria dos Processos de Integração, Sociologia – Problemas e Práticas*, n.º 30, 1999, p. 10. In **Martins, J. P.** (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.22.

conceito de sociedade e de vida social colectiva. Tal aconteceria porque, "o resultado mais comum nas cidades, onde as pessoas se vêem diante da opção de compartilhar muito ou nada, é o nada" e "em lugares da cidade que careçam de uma vida pública natural e informal, é comum os moradores manterem em relação aos outros um isolamento extraordinário"²¹.

Jan Gehl (1936) não só fala sobre a importância desta variedade de contactos, como aprofunda a questão explicando a importância daquilo que denomina de 'contactos passivos'. Os contactos passivos são um tipo de contacto que não requer obrigatoriedade, que não nos é imposto e que, em contraste, nos é proporcionado. Através deles podemos estar em contacto com o mundo e, em simultâneo, mantermo-nos no conforto da nossa intimidade, porque a "vida entre edifícios oferece-nos uma oportunidade espontânea e não institucionalizada de estarmos com os outros"²² e sem sentirmos que o contacto nos obriga de imediato a um acto social. Porque se assim não fosse, a 'vida entre edifícios' perdia todo o seu sentido e existência pois "a exigência de partilhar mais afasta os moradores das cidades"²³.

²¹ **Jacobs, J.** (1961, "2000"). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes Editora, p.67.

²² **Gehl, J.** (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 17. Tradução livre.

²³ **Jacobs, J.** Op. Cit. p.67.

Essência da Vida nas Cidades

*"A condição fundamental de se ser humano é o homem com o seu semelhante. Radica no facto de que um ser considera outro como um outro, como um ser claramente distinto, sendo capaz de comunicar com ele numa esfera que é comum a ambos e que transcende as esferas individuais de ambos. A esta esfera, que surge da existência do homem como homem, mas que não está ainda definida como conceito, eu chamo 'esfera do intermédio' ['sphere of the in-between']. É uma categoria primária da realidade humana. Será o ponto de partida para o verdadeiro terceiro [das echte Dritte]."*²⁴

A este verdadeiro terceiro ou 'esfera do intermédio' Martin Buber (1878-1965) - filósofo judeu austríaco - refere-se "a um intermédio situado, não no interior dos sujeitos, mas realmente entre eles, nas "formas arquitectónicas através das quais e nas quais o homem se encontra a si próprio e ao seu semelhante""²⁵. Buber defendia a essência do homem através da noção de 'encontro'. A essência de uma vida urbana - como vida do homem na cidade - está então nas oportunidades de encontro, isto é, nas relações sociais que se estabelecem. E a essência dos espaços da vida na cidade está nos espaços em que se criam oportunidades de encontro. Através desta relação, faz-se a ponte para o principal enfoque deste trabalho - o espaço colectivo, como espaço onde se criam as maiores possibilidades de encontro.

*"É nos espaços públicos que a vida urbana, e tudo o que a diferencia de outros tipos de existência colectiva, alcança a sua expressão máxima."*²⁶

Estes espaços são essenciais e imprescindíveis como suporte espacial das relações sociais estabelecidas na cidade. É neles onde tudo acontece. É a partir deles que tudo se organiza. É através deles que se vê esboçado o reflexo de uma vida colectiva na cidade.

²⁴ **Martins, J. P.** (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.260.

²⁵ Idem, p.261.

²⁶ **Bauman, Z.** (2005, "2006"). *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, p. 67. In Durão, Pedro (2013). *Os lugares do colectivo*. Tese de mestrado, p.27.

Valor do Espaço Colectivo

O espaço colectivo suporta as práticas colectivas da vida nas cidades. Estes espaços, segundo Maurice Halbwachs (1877-1945) - sociólogo francês - estabelecem uma memória colectiva pois "todos os objectos materiais, todos os espaços apropriados pelo grupo, constituem registos das suas tradições e do pensamento colectivo; ao mesmo tempo, o próprio grupo é parcialmente moldado por essas condições materiais" e "é nelas que a memória, tanto colectiva como individual, tem origem, é depositada e se conserva"²⁷. João Paulo Martins compara a organização da casa com a organização da sociedade, mostrando que tal como os objectos de uma casa criam, no seu conjunto, uma atmosfera específica e caracterizadora desse mesmo espaço, de forma semelhante, os objectos de uma cidade ou bairro - a casa, o mercado, a igreja, a escola, etc.. - transcendem as suas funções primárias e também eles criam uma atmosfera específica e portadora de significado. O autor explica que na "envolvente física e espacial de qualquer acção social, os objectos materiais que são implicados nessas actividades, são portadores de significado, são o capital simbólico de qualquer interacção"²⁸. Ao longo do tempo, vários autores têm vindo a considerar o espaço colectivo como uma importante ferramenta para a organização da sociedade e das práticas sociais.

Jan Gehl refere, em *Life Between Buildings*, que as actividades exteriores são influenciadas por vários factores e que o "espaço físico é um dos factores - um factor que influencia as actividades em vários graus e de diferentes maneiras"²⁹. O autor divide as actividades do espaço público em três categorias: as actividades necessárias ou '*necessary activities*' - que incluem as actividades imprescindíveis ao dia-a-dia; as actividades opcionais ou '*optional activities*' - que, segundo o autor, dependem das condições exteriores favoráveis; e as actividades sociais e resultantes ou '*social and resultant activities*' - que dependem da presença de outros para que estas se desencadeiem e portanto, da quantidade de actividades necessárias e opcionais e das possibilidades de encontro que destas nascem. Esta diferenciação de actividades é importante para percebermos a influência que a qualidade do espaço colectivo tem sobre cada uma delas. A qualidade do espaço colectivo tem uma enorme influência nas actividades não necessárias, isto é, nas actividades que Gehl denomina por opcionais e sociais. De um modo geral, as actividades necessárias - ao serem consideradas necessárias - não podem deixar de existir; estas são imprescindíveis à vida do

²⁷ Halbwachs, Maurice, *La Mémoire Collective*, 1950 (1968). In Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.53.

²⁸ Martins, J. P. Op. Cit. p.54.

²⁹ Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 9. Tradução livre.

Homem, impõem-se a qualquer desejo ou vontade que este tenha e, como tal, têm lugar segundo quaisquer condições. Por outro lado, o mesmo não acontece com as actividades opcionais e com as actividades resultantes das mesmas pois, "em ruas e espaços da cidade de pouca qualidade, apenas um mínimo básico de actividades têm lugar" e as "pessoas apressam-se para ir para casa"³⁰, não dando quase oportunidade às actividades resultantes para se desenvolverem. Estas actividades resultantes são actividades sociais que são desencadeadas pelos outros tipos de actividades faladas; estas "ocorrem espontaneamente e como uma consequência directa do facto das pessoas se moverem e de estarem no mesmo espaço"³¹. Como podemos observar no quadro abaixo (Fig.3) , a correlação entre a qualidade e condições do espaço colectivo é maioritariamente observável nas actividades opcionais - aquelas que estão subjacentes à vontade do Homem.

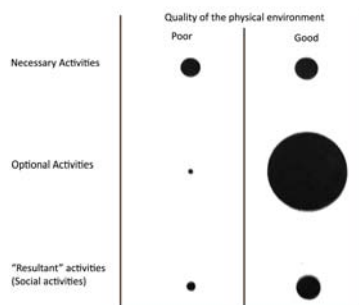


Fig. 3 - Qualidade do Espaço - Aumenta a possibilidade de actividade opcionais. Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 11.

Recuperando a ideia de 'contacto passivo' trazida do ponto anterior, podemos agora, acrescentar ao facto dele ser imprescindível à vida colectiva na cidade, a importância da qualidade do espaço colectivo como factor da sua existência. Os contactos passivos podem ser descritos como oportunidades de contacto que "permitem estar, ver e ouvir os outros, de modo a podermos experienciar a maneira como as outras pessoas funcionam no seu quotidiano"³². Como foi referido anteriormente, a inexistência de espaços de encontro informais na vida colectiva levaria à extinção deste tipo de contacto. Os indivíduos passariam a ser obrigados a partilhar ou tudo ou nada, deixando o contacto entre indivíduos de poder ser um acontecimento espontâneo para passar a ser um acontecimento planeado. Segundo Gehl, este tipo de contacto exige um lugar que suscite várias ocasiões informais de contacto, daí a importância do espaço colectivo como palco de uma vida em sociedade, espaço este onde se sustentam as actividades quotidianas - trocas de olhar, sensações,

³⁰ Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 9. Tradução livre.

³¹ Idem, p. 12. Tradução livre.

³² Idem, p. 15. Tradução livre

experiências, informações, estímulos, conhecimento - tudo através de um contacto directo e superficial com o mundo.

Na mesma linha de pensamento, também Jane Jacobs através de casos práticos reais da cidade diz que “as ruas e as suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são os seus órgãos vitais”³³. Tal como Gehl, a autora refere a grande importância da qualidade dos espaços colectivos para o bom funcionamento da cidade e para o desenrolar da vida quotidiana, justificando que se “as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona.”³⁴ Ainda numa mesma perspectiva, os Smithsons “concluía[m] que a rua era mais do que um simples meio de acesso, era como que um palco da expressão social no qual eram gerados a identidade, os laços sociais, a sensação de segurança e de bem-estar”³⁵.

Fernando Távora expõe a importância do espaço colectivo de um outro modo, não através da importância que este tem como suporte das práticas quotidianas, mas através da sua importância como negativo da forma construída. O autor descreve a forma através de um conjunto de pontos que geram linhas, que por sua vez desenhavam superfícies e através das quais se constroem volumes. A estes elementos Távora dá o nome de 'acontecimentos'. Estes 'acontecimentos' organizam o espaço mas “em matéria da organização do espaço”, no exemplo dado pelo autor de um ponto lançado num papel, “contam igualmente o ponto e o papel ou, apontando um exemplo mais prosaico mas claro, é ainda o caso de certo famoso queijo com buracos no qual, ainda que os buracos não alimentem, eles são indispensáveis para a total definição das suas características”³⁶. A partir deste exemplo, retira-se a importância do espaço colectivo como espaço entre espaços privados da cidade pois, “esta noção, tantas vezes esquecida, de que o espaço que separa - e liga - as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas que vemos ocuparem o espaço, quer entre elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos constituir forma - negativo ou molde - das formas aparentes”³⁷. Se na maneira de pensar o espaço, este é organizado pela relação entre a forma construída e o espaço entre a forma, então na maneira de pensar a sociedade, esta é organizada pela relação entre as práticas colectivas e as práticas individuais. Ao pensarmos assim e sabendo que o espaço colectivo é o suporte físico das práticas colectivas, se organizarmos o espaço colectivo em coerência

³³ Jacobs, J. (1961, “2000”). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes Editora, p.29.

³⁴ Jacobs, J. (1961, “2000”). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes Editora, p.30.

³⁵ Kozlovsky, Roy. “A Criança Enquadrada no CIAM”, *In Si(s)tu*, n.º 7/ 8, Ago. 2004, p. 72. In Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.255.

³⁶ Távora, F. (1962, “2008”). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.18.

³⁷ Idem. p.12.

com as práticas da sociedade, estaremos também a organizar as 'formas isoladas', isto é, a vida privada e, portanto, a totalidade da vida urbana.

Todas estas abordagens vêm fundamentar o poder que os espaços colectivos têm na organização espacial da cidade e, conseqüentemente, também na organização das práticas sociais que este suporta.

TEMPORALIDADE

Cidade em Mudança

"Tal como Giddens a define, a socialização constitui "o processo de permanente actualização, pelos actores, do sistema estratificado da personalidade", referindo-se aqui o termo actualização não a uma simples substituição do antigo pelo novo, mas a uma "sedimentação da história passada das vidas individuais, a qual pode assim vir sempre a influenciar o presente"".³⁸

Giddens mostra que o processo de socialização está em constante mudança e permanente actualização. Estas actualizações não vêm substituir, mas sim, acrescentar-se a tudo o que já existe. A mudança deve lidar com o passado, o presente e o futuro e nunca cingir-se a um tempo particular.

Na arquitectura das cidades o mesmo se passa, a cidade modifica-se com o passar do tempo e as suas mudanças acrescentam-se à sua envolvente construída, influenciando o seu passado, o seu presente e também o seu futuro. Nas cidades "o tempo joga como factor fundamental e não apenas como dimensão de observação mas como dimensão da própria obra, sabido como é que um edifício tem uma vida - tal como uma pintura ou uma escultura - neste caso mais agitada pois que o cumprimento de determinadas funções concretas a obrigam a uma actualização - ou a um abandono - que o alteram como espaço organizado"³⁹.

O processo de socialização - "mecanismo de internalização dos valores que suportam a organização normativa dos papéis-status"⁴⁰ - tem um papel importante na organização da sociedade e, por sua vez, o processo arquitectónico - mecanismo de desenho do espaço - tem um papel importante na organização da cidade. Estas relações sociais e espaciais organizam a vida urbana e como tal, a alteração e actualização das mesmas, tem sobre elas uma influência directa. Esta torna-se um sistema, também ele, dinâmico.

³⁸ Giddens, Anthony, *Central Problems in Social Theory*, 1979, p. 128-30. In Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.28.

³⁹ Távora, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.16.

⁴⁰ Idem. p.19.

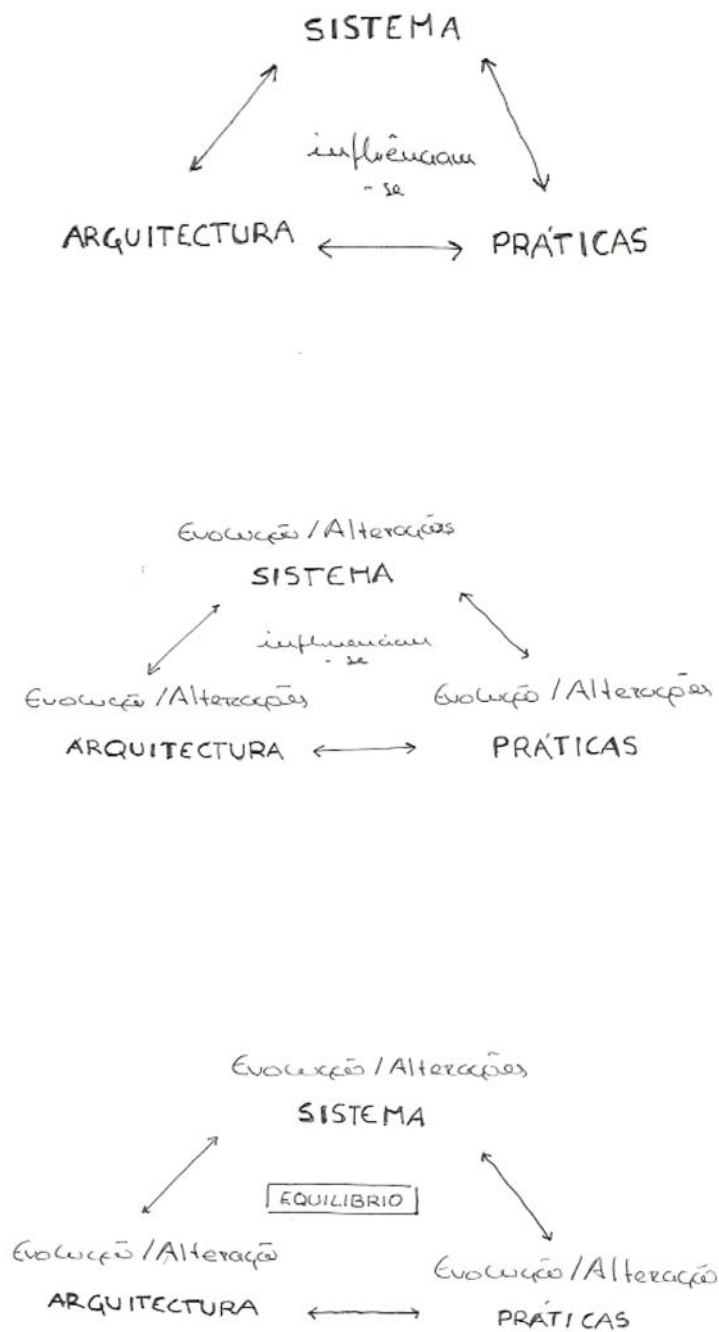


Fig. 4 - Esquema explicativo da correlação temporal entre as alterações do espaço e da prática - Desenho da autora.

O entendimento de uma vida social colectiva entre edifícios como um sistema de vida urbana é imprescindível para que o mesmo possa ser preservado e mantido. Interessa lembrar, que este está dependente de variadíssimos factores ou - como chama Fernando Távora - 'circunstâncias'; e que ignorar este facto pode ser "uma limitação cómoda mas grave, que resulta de uma visão parcial, não apenas do ponto de vista do espaço organizado mas do ponto de vista de um conjunto de factores - circunstância - de que ele não está desligado"⁴¹. Partindo deste princípio, e apesar de termos apenas em conta os reflexos espaciais e sociais da vida colectiva na cidade, não podemos tomá-los como únicos e muito menos partir do pressuposto que actuar sobre eles resolverá todos e quaisquer problemas da mesma. Esta interdependência entre os vários factores ou 'circunstâncias' pode ser retirada como princípio consciente da complexidade da vida em sociedade, pois qualquer 'circunstância' nunca tem um principio e um fim em si própria. O esquema apresentado acima tenta mostrar a interdependência entre o espaço e a prática. É visível a necessidade de uma alteração e actualização equilibrada entre os dois, que pressupõe actuar segundo a consciência de que estes se influenciam, ou seja, entendendo as influências que as alterações do desenho do espaço colectivo podem ter nas práticas da sociedade e, em contraponto, entender as influências que as alterações das práticas da sociedade poderão ter no modo de habitar o espaço colectivo.

Conceito de Continuidade

*"Do que foi dito parece poder deduzir-se uma característica fundamental do espaço organizado: a sua continuidade. O espaço é contínuo, não pode ser organizado com uma visão parcial, não aceita limitações na sua organização e do mesmo modo que forma o espaço estão tão intimamente ligados que uma é negativo do outro, e vice-versa, pelo que não podem separar-se, assim as formas visualmente apreendidas mantêm entre si estreitas relações - harmónica ou desarmónicas - mas de qualquer modo evidentes."*⁴²

A história da vida urbana é complexa e nela podemos encontrar várias cenas. O processo de socialização tem a cidade como cenário, a sociedade como protagonista e a prática como desencadeadora da acção. Em qualquer peça de teatro, os cenários vão sendo alterados consoante o decorrer da acção e a continuidade das várias cenas. Esta continuidade vai contando uma história. No caso da vida colectiva entre edifícios, se quisermos que esta

⁴¹ Távora, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.19.

⁴² Idem. p.18.

história não tenha fim, é necessário dar-lhe continuidade - uma continuidade marcada pela mudança equilibrada e consciente dos seus factores intervenientes como é, entre outros, o caso do espaço e da prática. Esta noção de continuidade deve ser vista espacialmente e temporalmente porque, como explica Fernando Távora, "é assim um espaço organizado tão continuo nas suas dimensões físicas como no processo da sua organização"⁴³. Retomemos o exemplo da peça de teatro, em que é preciso trabalhar em continuidade e coerência não só na atmosfera espacial de cada cena, mas também no decorrer temporal da totalidade das cenas. A estes dois tipos de participação, Távora chama de participação horizontal e vertical. A participação horizontal deve dar resposta à cena em que se insere e, ao mesmo tempo, a participação vertical deve ter consciência das repercussões que tem na sucessão das várias cenas - centrando-se na construção da peça como um todo.

Este exemplo explica, por outras palavras, acontecimentos essenciais para uma correcta organização do espaço, "porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi, donde ainda a afirmação de que o espaço está em permanente devir".⁴⁴ Uma participação em continuidade com o espaço e a prática e com as alterações a que estes vão sendo sujeitos, será um principio importante a ter em conta, para o equilíbrio e preservação da vida colectiva nas cidades.

Arquitectura, um Trabalho Contínuo

*"Daqui se infere que o homem tem de tomar uma atitude ao criar qualquer forma, quer porque não é obrigado a obedecer passivamente à circunstância, que até porque esta pode apresentar aspectos terrivelmente negativos e seria uma posição covarde cultivar tais aspectos em lugar de os combater, além de que o homem sabe, igualmente, que ao criar pode agravar esses aspectos ou pode melhorá-los."*⁴⁵

Távora defende que para que um espaço seja 'harmónico', a participação do homem na organização do espaço deve colaborar com o espaço e não apenas participar nele, pois "o espaço organizado pelo Homem é condicionado na sua organização mas, uma vez organizado, passa a ser condicionante de organizações futuras"⁴⁶, ou seja, "ele é

⁴³ Távora, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.20.

⁴⁴ Idem. p.19.

⁴⁵ Idem. p.24.

⁴⁶ Idem. p.22.

condicionado na sua elaboração e condicionante na sua existência"⁴⁷. Neste sentido, a continuidade como processo de organização do espaço resulta em dois aspectos fundamentais: "em primeiro lugar, a importância de que as formas se revestem na vida dos homens e em segundo lugar, e como consequência, a responsabilidade que assume cada homem ao organizar o espaço que o cerca"; sendo por isso, preciso ter em conta que a "liberdade de escolha de formas, ainda que satisfazendo a determinada circunstância, e consciência da importância do espaço organizado, devem estar na base da actividade do organizador do espaço."⁴⁸

Existem outros autores - que importa referir - que fortalecem esta importância da arquitectura e do papel do arquitecto como organizador do espaço ao longo do tempo.

Martin Heidegger⁴⁹ (1889-1976) defende que o tempo está integrado nos objectos e nos acontecimentos e que a mudança e alteração dos mesmos, nos revela precisamente esse factor temporalidade. Mais uma vez, podemos ver revelada a importância do papel do arquitecto como criador de objectos.

Numa visão semelhante, Van Eyck diz que "a experiência dos lugares é cumulativa; a cada momento, a experiência de cada lugar influencia a experiência de todos os outros, de modo que nunca entramos no mesmo lugar duas vezes".⁵⁰ O espaço torna-se lugar na sua relação com o homem e são estes lugares que na sua relação entre o homem e o espaço, ao longo do tempo, criam diferentes ocasiões. Este decorrer de ocasiões constrói um conjunto de memórias e é através delas - como resultado das relações criadas entre o homem e o espaço - que nasce a 'identidade' do lugar. O papel do arquitecto, segundo Van Eyck, está então em conferir 'identidade' ao "oferecer a todos um regresso-ao-lar construído [*built homecoming*], apoiar uma sensação de pertença [...], desenvolver uma arquitectura que estabeleça um lugar para cada ocasião"⁵¹.

Alison and Peter Smithson, num ponto de vista mais direccionado à prática "queriam produzir novos conceitos adequados a uma condição cultural e social em constante mudança"⁵² acreditando que o dever do arquitecto era o de adaptar-se às mudanças e actualizações do quadro social.

⁴⁷ **Távora**, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações., p.22.

⁴⁸ *Idem*, p.24.

⁴⁹ **Heidegger**, M. "Bauen Wohnen Denken" ["Construir Habitar Pensar"; conferência em 1951], *Vorträge und Aufsätze II* [Conferências e Artigos II], 1954, *apud* Christian Norberg-Schultz, *Existence, Space and Architecture*, 1971 (versão cast.: *Existencia, Espacio y Arquitectura*, 1980, p. 18). In Martins, J. P., op. cit., p. 63.

⁵⁰ Aldo Van Eyck, *The Child, the City and the Artist*, 1962, *apud* Francis Strauven, *Aldo Van Eyck*, 1994 (versão ingl.: *Aldo Van Eyck. The Shape of Relativity*, 1998, p. 418). In Martins, J. P., op. cit., p. 263.

⁵¹ "Doorstep", in Alison Smithson (ed.) *Team 10 Primer*, 1962 (1968, pp. 102, 104). In Martins, J. P., op. cit., p. 262.

⁵² **Martins**, J. P. Op. Cit. p.275.

Por último, João Paulo Martins explica, também no âmbito das ciências sociais, que as preocupações que o arquitecto deve ter como desenhador do espaço podem resumir-se ao sustento das constantes alterações e actualizações das práticas e do 'habitus'; considerando que “o 'habitus' não está nunca congelado mas em estado de reestruturação permanente em função da evolução das condições de existência dos indivíduos” e que os “espaços da vida quotidiana contribuem para estruturar tanto os 'habitus' das crianças como os dos indivíduos adultos”⁵³ e portanto os 'habitus' da sociedade em geral.

Mudanças Espaciais e Sociais da Cidade

Paralelamente a uma procura de conceitos sobre o papel da arquitectura na organização das cidades e das sociedades, é também importante perceber - na prática - como é que ela tem vindo a actuar ao longo dos tempos. A cidade foi sofrendo várias intervenções pois, como vimos, esta requer um trabalho contínuo sobre os seus espaços para que estes consigam estar a par das necessidades específicas do homem. Estas várias intervenções sobre a cidade deram origem a diferentes tipologias ou respostas espaciais. O conhecimento destas respostas espaciais e, mais concretamente - no âmbito deste trabalho - o conhecimento das implicações que o desenho do espaço colectivo tem tido na organização da sociedade é uma necessidade que deve ser anterior a qualquer intervenção.

A Cidade Medieval (Fig. 5) não tem como base qualquer plano. Esta tipologia de cidade “não era um fim em si próprio, mas um instrumento formado pelo uso”⁵⁴. O quarteirão definia o limite e o alinhamento das suas ruas reduzidas e densamente ocupadas mas que, através de pequenos intervalos, eram interrompidas por praças e largos. As trocas comerciais eram a actividade social com maior destaque e importância; era através delas que a hierarquia viária era definida, levando as ruas a ser mais ou menos largas consoante uma maior ou menor concentração das actividades comerciais. O desenho do espaço, embora irregular e não planeado, respondia às necessidades da vida urbana, organizando as práticas e consequentemente a sociedade.

⁵³ Pinçon, Michel, *Besoins et Habitus. Critique de la Notion de Besoin et Theorie de la Pratique*, 1979, p. 35. In Martins, J. P., op. cit., p.54.

⁵⁴ Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 41. Tradução livre.



Fig. 5 - Cidade Medieval. Vista aérea de Rothenburg ob der Tauber (Alemanha) - planta aparentemente mas organizada pela rua principal de comércio que atravessa a cidade e cruza a praça principal. Imagem obtida em: https://www.singolo.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/10/luftbild_altstadt_800.jpg. Vista aérea da praça do mercado, espaço colectivo principal da cidade. Imagem obtida em: <http://3.bp.blogspot.com/-WXR5-K7CBn4/Trsf-xH-dXI/AAAAAAAAAYU/2gnzHzPnjs/s1600/rothenburg6.jpg>

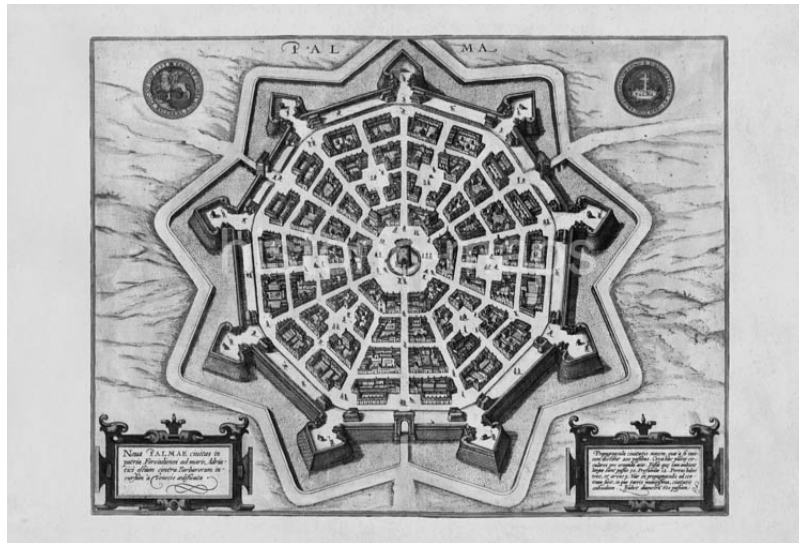


Fig. 6 Cidade Renascentista - Plano de Palmanova (Itália). Imagem obtida em: <http://www.historic-maps.de/stadtansichten-panoramen/stadtansichten-1600/galerie/images/Palmanova%201602.jpg>. Vista aérea de Palmanova. Imagem obtida em: http://photo.goss.ru/img/_fotogalleries/ft_palmanova/00-00.jpg. Piazza Grande, espaço público principal da cidade. Imagem obtida em: <http://www.photocommunity.qtp.it/attachment.php?attachmentid=28972&d=1387819741>

Anos mais tarde surgiu, com a Cidade Renascentista (Fig. 6), a primeira reflexão sobre a organização e desenho das cidades, onde foram desenvolvidas um conjunto de teorias sobre "lugares geometricamente desenhados, planeados e organizados, na busca da perfeição e harmonia geométrica"⁵⁵. A cidade abandonou o seu carácter exclusivamente funcional e ganhou uma dimensão estética e artística. A rua ganha uma importância visual e perspectiva; a praça passa a funcionar como um vazio singular e simbólico na cidade, onde se inserem os principais edifícios; o quarteirão assume diferentes formas, dimensões e volumes; surgem as alamedas, os passeios públicos, os saguões de serviço e ventilação, e a arborização nas ruas. O Renascimento constrói assim, uma estrutura social através de um cenário criado para a vida quotidiana.

A Revolução Industrial (Fig.9 e 10) traz consigo um enorme leque de transformações na vida urbana, caracterizadas pelo aparecimento do comboio, de novos materiais de construção, de fábricas, de várias oportunidades de emprego, entre muitas outras mudanças. Este conjunto de acontecimentos tiveram como resultado um enorme crescimento demográfico das cidades provocado pelo êxodo rural. Para conseguir dar resposta às novas exigências espaciais da cidade surgem vários planos e ideologias urbanísticas, como é o caso do plano de Haussman em Paris, do plano Cerdá em Barcelona ou de ideologias como a Cidade Jardim de Howard, o Falanstério de Fourier ou a Cidade Industrial de Garnier.

No caso do plano de Haussman em Paris (Fig.7), o principal objectivo era melhorar a circulação e o acesso rápido a toda a cidade para facilitar as manobras militares. A abertura de novas avenidas ligando pontos importantes, a instauração de leis de ocupação com o parcelamento do quarteirão feito perpendicularmente à rua, a padronização das fachadas, a criação de praças com monumentos como cenário, a instalação de sistemas de iluminação e esgotos, a modernização construtiva e a reorganização dos quarteirões, a invenção dos boulevards como novos espaços públicos da cidade, foram algumas das alterações mais importantes que fizeram com que a cidade de Paris conseguisse responder às novas necessidades dessa época.

Em Barcelona (Fig.8), após o derrubamento da muralha em 1854, Cerdá desenvolve um plano da extensão da cidade que tem como base um sistema de ruas e de quarteirões que se podia estender indefinidamente. Este plano desenha uma grelha ortogonal organizada por edifícios que não ocupavam mais de dois terços do quarteirão e cujo interior se abria à cidade com equipamentos públicos e zonas verdes.

⁵⁵ **Fernandes**, I. M. (2012). *Quarteirões Abertos*. Tese de Mestrado não publicada. Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa. p.28.

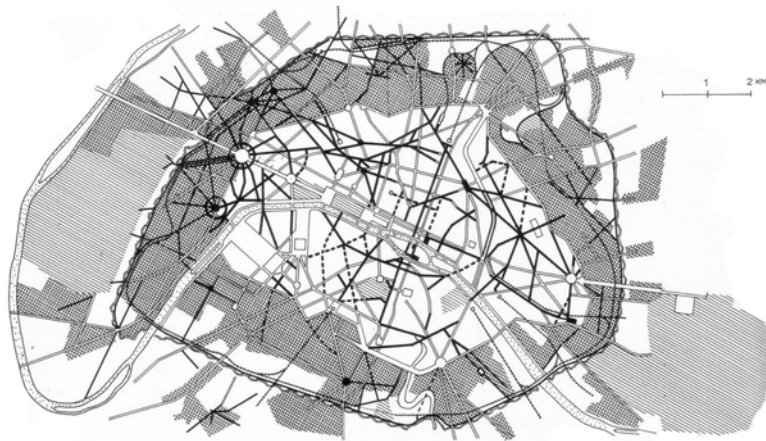


Fig. 7 - Plano de Haussman para Paris. Imagem obtida em: <http://spargelandfraise.files.wordpress.com/2011/05/haussmannparc3ads.jpeg>

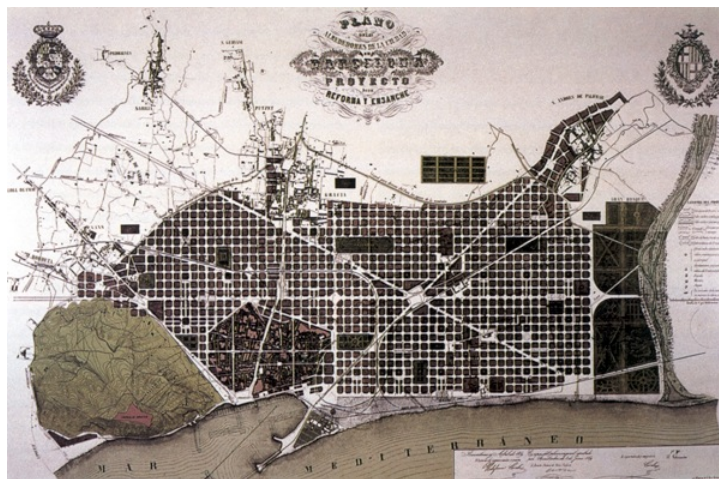


Fig. 8 - Plano de Cerdá para Barcelona. Imagem obtida em: <http://1.bp.blogspot.com/-O733-rJkt2E/T-pEfJgVzpl/AAAAAAAAADHI/wVlu32h4iAM/s640/barcelona.jpg>



Fig. 9 - Imigração em Nova Iorque. Imagem obtida: <http://www.latinamericanstudies.org/immigration/tenement-1900.jpg>



Fig. 10 - Villa Ramos (Lisboa). Imagem obtida em: http://c4.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/b070108f3/6181443_GOg9e.jpeg

Em paralelo, os modelos societários surgiram como resposta ao problema da habitação proletária originado pela revolução industrial. Estes propõem “a transformação da sociedade criando novas comunidades e diferente distribuição no território, como alternativa às condições de vida da sociedade industrial”. O modelo societário de Owen, o familistério de Godin (Fig.11) ou o falanstério de Fourier (Fig.12) configuravam novas comunidades que partilhavam os equipamentos e um espaço colectivo comum.

A concentração das preocupações de uma vida em sociedade na melhoria de condições da habitação, levou a que os restantes espaços da cidade caíssem nalgum esquecimento. Estas ideologias societárias, ao se concentrarem na unidade habitacional, serviram como inspiração para as premissas modernistas da formulação espacial da cidade.

O Movimento Moderno foi o segundo importante desenvolvimento no desenho das cidades. Nesta altura, os aspectos físicos e funcionais eram desenvolvidos e planeados numa dimensão independente e suplementar à dimensão estética da cidade. Falava-se da importância do sol, do ar e da luz na arquitectura, e separavam-se as zonas de trabalho e de residência. Em consonância com os modelos societários, a ideia de quarteirão perde-se e o espaço construído torna-se completamente independente. A concentração das preocupações na componente funcional e fisiológica do edifício, deixaram de lado todo o espaço sobrance - o espaço público. Este fenómeno fez com que o desenho dos edifícios se sobrepusessem ao desenho das cidades, fazendo com que o conceito de rua e de praça desapareça. Um dos exemplos mais marcantes do urbanismo modernista foi o plano de Le Corbusier da Ville Radieuse (Fig. 13 e 14) - uma cidade de grandes blocos habitacionais e de grandes espaços verdes. Estas premissas vêm revolucionar os espaços colectivos da cidade, que terão graves consequências nas práticas da vida urbana.



Fig. 11 - Familistério, Jean Baptiste Godin, Guise, 1856-1859. - Pátio comum central. Imagem obtida em: http://www.histoire-image.org/photo/zoom/pin4_anonyme_004f.jpg. Escadas de acesso às habitações. Imagem obtida em: http://www.histoire-image.org/photo/zoom/pin4_anonyme_004f.jpg

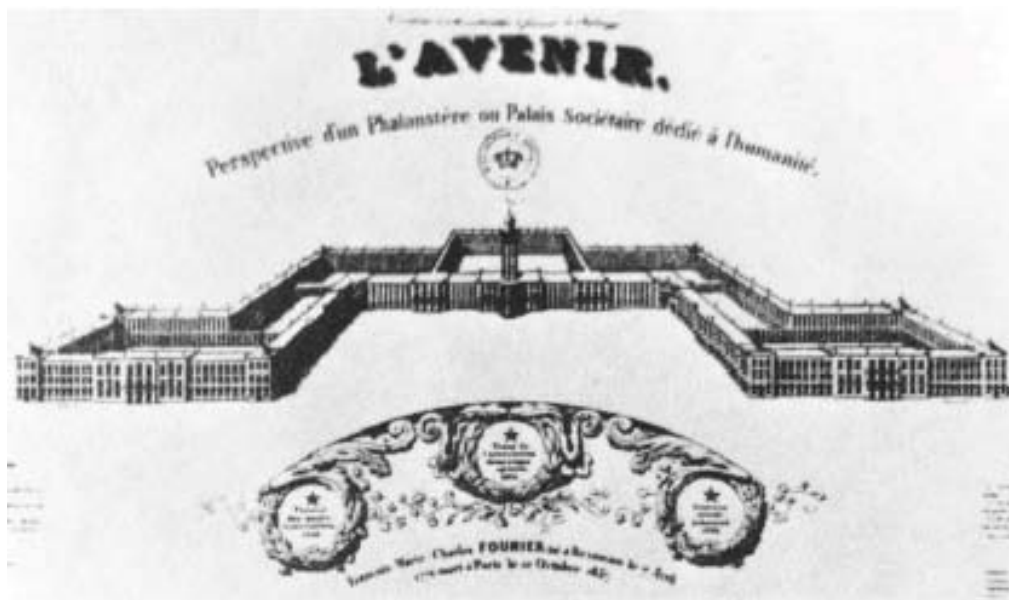


Fig. 12 - Falanstério, Charles Fourier, 1829 (cima). - Rowe, C., Koetter, F. (1978) *Collage City*. Cambridge: MIT Press, p. 23.

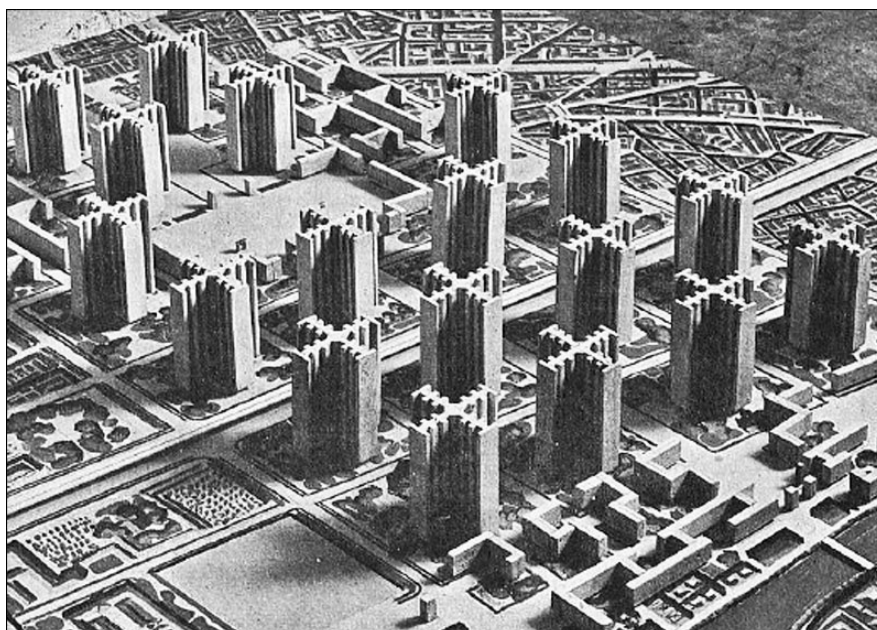


Fig. 13 - Ville Radieuse - Plano de Le Corbusier para o centro de Paris, 1934. Imagem obtida em: <http://expeditionary.files.wordpress.com/2014/01/radiantcity.jpg>



Fig. 14 - Desenho dos espaços colectivos na Ville Radieuse. Imagem obtida em: <http://eliinbar.files.wordpress.com/2010/10/le-corbusiers-sketches-la-ville-radieuse-20001.jpg>

A Cidade Contemporânea (Fig.15) "tem sido avessa à colaboração, o que acontece em todas aquelas cujos homens se ignoram mutuamente, donde resulta que as suas obras constituem apenas soma e nunca integração"⁵⁶. Esta falta de integração deve-se a uma participação descuidada e egoísta, da qual não pode não resultar algo "que não seja uma pura e simples ocupação do espaço e nunca a sua organização".⁵⁷ Relembrar que o espaço "é condicionado na sua elaboração e condicionante na sua existência"⁵⁸ é ferramenta essencial para um trabalho de correcção das lesões existentes na cidade. Vários factores, entre eles o aumento da deslocação automóvel e o aumento de utilização de novas tecnologias como o telemóvel e a internet, fizeram com que os padrões da vida em sociedade se fossem alterando. Estes novos instrumentos trouxeram consigo novas práticas que são agora parte essencial no dia-a-dia do Homem.

Agora, o Homem desloca-se de carro ou de transportes motorizados dentro da cidade porque lhe permite chegar mais rápido. O Homem contacta através do telemóvel e da internet o que lhe permite poder 'estar em contacto' com o mundo exterior prescindindo do contacto espacial exterior. O Homem cumpre muitas das suas actividades necessárias através de encomendas online o que lhe poupa várias deslocações físicas ao espaço exterior para o fazer. Entre estes e outros motivos apercebemo-nos que a dependência do Homem sobre o espaço colectivo para o cumprimento das suas actividades necessárias diminuiu e como tal, as exigências para com estes espaços aumentaram. É portanto, com isto, necessária uma qualificação dos espaços colectivos da cidade para que a possibilidade de vários tipos de práticas ou 'actividades opcionais' - como diz Gehl - atraiam os habitantes à rua, fazendo com que o contacto físico na sociedade não diminua e que a vida urbana não desapareça.

⁵⁶ **Távora**, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.21.

⁵⁷ Idem, *Ibidem*.

⁵⁸ Idem. p.22.



Fig. 15 - Integração dos meio electrónicos de comunicação no espaço público da cidade. Fotogramas de uma acção da Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro Franceses (SNCF) em parceria com a TBWA Paris. Imagem obtida em: <http://comunicadores.info/2013/11/05/misteriosas-portas-melo-pracas-conectam-cidades-europeias>

A INTERVENÇÃO ARQUITECTÓNICA
NA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

*"(...) um edifício não é um edifício, um lugar não é um lugar até que tenha pessoas nele e em torno de si experimentando o seu potencial de significado positivo. São eles o corpo do espaço, não a construção, a forma ou os materiais. Se o espaço permite às pessoas estar vivas nele, ele tornar-se-á lugar."*⁵⁹

O interesse deste ensaio está na aplicação prática dos princípios que têm sido trazidos até aqui. Depois de construído um posicionamento através do entendimento do conceito de socialização, do modo como está integrado na vida urbana e da importância que o mesmo tem na organização da sociedade, torna-se agora - no que toca a uma consciência da influência que as ferramentas da arquitectura podem ter nas questões da organização do espaço social - o trabalho do arquitecto mais claro e mais objectivo. Desenhar os espaços de encontro do homem é mais do que responder aos seus requisitos funcionais imediatos, é também responder às necessidades de organização da cidade e da sociedade para que estas possam funcionar como um todo. Qualquer intervenção deve estar consciente dessa totalidade, mas precisa de colaborar nela através de um lugar específico.

A abordagem prática segundo estes princípios de continuidade espacial e social da cidade foi feita tendo em conta três grupos de ferramentas de intervenção arquitectónica sobre os espaços colectivos: em primeiro lugar, o desenho das ligações físicas e visuais - como principio de construção de percursos que permitem ao individuo deslocar-se no espaço; em segundo lugar, o desenho da forma e da dimensão - como principio de construção de uma atmosfera que permitem ao individuo identificar-se nele; e por último o desenho das funções e do uso que permitem ao individuo habitar o espaço e experienciar-se nele. No entanto, seguindo a lógica de qualquer intervenção arquitectónica e pressupondo por isso uma melhor e mais fácil compreensão do trabalho, a exposição destes temas vai ser dividida em duas escalas de trabalho - a escala da vida colectiva na cidade e a escala da vida colectiva no bairro. Procurou-se para isso uma descontinuidade espacial e social da cidade de Lisboa que mostrasse uma grave interrupção no tecido urbano envolvente.

O Aterro da Boavista foi uma das maiores obras públicas do país que veio, em 1855, acrescentar um novo território aos limites da cidade antiga através da conquista do mesmo ao rio. Criam-se, através dele, ligações entre o Cais do Sodré e Alcântara, contudo a ligação do mesmo com a sua envolvente nunca chega a ser estabelecida. O confronto entre

⁵⁹ Aldo Van Eyck, *The Child, the City and the Artist*, 1962, apud Francis Strauven, *Aldo Van Eyck*, 1994 (versão ingl.: *Aldo Van Eyck. The Shape of Relativity*, 1998, p. 418).

realidades é, portanto, bastante marcante neste território. A regeneração dos espaços colectivos deste lugar é uma contribuição necessária e imprescindível para o restabelecimento espacial e social do carácter urbano da cidade consolidada.

O Aterro faz fronteira com dois mundos bastante distintos. Para que este se integre na vida colectiva envolvente e consiga dar continuidade à cidade é preciso atenuar estes contrastes e ligá-los à sua envolvente. O estudo das zonas de fronteira deste território foi, portanto, importante para perceber que 'circunstâncias'⁶⁰ é que o influenciam e que é preciso dar resposta. No limite superior (Fig. 15), a fronteira com a cidade antiga, remete-nos para uma atmosfera de carácter mais íntimo, de uma escala mais apertada, de uma maior densidade de edificado e de espaços colectivos, consequentemente, mais pequenos. A Rua da Boavista ou Rua de São Paulo é uma rua muito contagiada pelo carácter dos bairros acima. Esta vive sobretudo do comércio local e proporciona - maioritariamente nos alargamentos do Conde Barão e da Bica - espaços de encontro que tentam equilibrar a escassez de espaços colectivos da zona habitacional acima. Em contraste, o limite inferior desta área (Fig. 16) é marcado pelo encontro com a Avenida 24 de Julho e, não fosse a barreira da linha de comboio, pelo encontro com a frente ribeirinha. O aumento da escala dos quarteirões é indiciado pelo desenho das ruas. Esta frente encontra-se mais descaracterizada, mas ainda assim consegue fazer-se a leitura de uma atmosfera mais pública; não só pela escala do espaço mas também pelo tipo de edificado que a compõe. Enquanto os quarteirões acima são marcados por edifícios mais pequenos - à excepção do edifício do BCP e do Museu das Comunicações - os quarteirões inferiores são marcados por edifícios de maior escala.

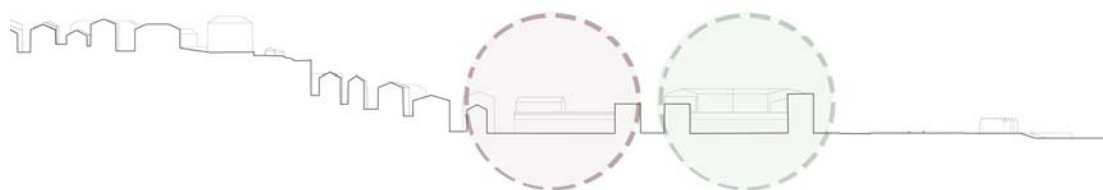


Fig. 16 - Transição entre a cidade antiga e a frente ribeirinha - passagem de um carácter privado para público . Desenho do autora.

Partindo desta análise foram retirados alguns princípios de organização destes espaços. De uma maneira sucinta, era preciso evidenciar uma atmosfera mais privada e mais íntima nos quarteirões acima, para que, através dela se potenciase uma maior vida de bairro. Pretende-se alguma proximidade com a cidade antiga para conseguir criar uma transição suave entre esta e a frente ribeirinha. Esta transição é conseguida através do desenho de espaços - interiores e exteriores - de escala pequena que, por isso, usufruíam de um

⁶⁰ Távor, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.22.

contacto mais privado com a rua. Quanto aos terrenos abaixo é procurado um carácter bastante mais público. A existência de uma frente de lazer mais pública em toda zona ribeirinha da cidade de Lisboa vê-se, também aqui, reforçada através da contínua oferta de espaços colectivos para a cidade. São eles o jardim D. Luís, o jardim de Santos, o Mercado da Ribeira, a Estação do Cais do Sodré, a EDP e o IADE. A Avenida 24 de Julho tem sido, até hoje, uma rua quase exclusiva à ligação e distribuição automóvel e de transportes. Visto isso, esta deve perder essa exclusividade e construir um lugar que integre o homem e as suas práticas, que venha reforçar o carácter público e de lazer da área em que se insere e oferecer um ponto de partida e chegada para a ligação com a frente ribeirinha. A transição entre uma esfera mais privada e outra mais pública é feita através duma mudança gradual e cautelosa do desenho dos espaços colectivos. É através desse desenho cauteloso que é conseguida uma organização destes espaços e da vida que eles sustentam.

Acessibilidade e Continuidade

"Deslocando o seu corpo, construindo a sua casa, arroteando um campo, escrevendo uma carta, vestindo-se, pintando, conduzindo o seu automóvel, levantando uma ponte, poderíamos dizer - vivendo - o homem organiza o espaço que o cerca, criando formas, umas aparentemente estáticas, outras claramente dinâmicas."⁶¹

Uma cidade não é construída exclusivamente pelo conjunto dos seus espaços isolados mas também pela relação que os mesmos criam. O homem é um ser dinâmico e dinâmico será o espaço habitado pelo homem. Organizar a cidade passa por organizar os seus espaços e as dinâmicas que se realizam entre eles.

No caso específico do aterro havia dois tipos de dinâmicas que era preciso ter em conta. Uma (Fig.17), marcadas pelas ligações longitudinais entre o Cais do Sodré e Santos, que ligam duas artérias importantes na cidade - a Rua D. Carlos I e a Rua do Alecrim -, são dinâmicas que pertencem a uma escala mais alargada e de distribuição da cidade. Outras (Fig.18), que ligam a cidade antiga com a frente ribeirinha e marcam distâncias mais curtas, são dinâmicas que pertencem a uma escala mais pequena, de vizinhança. Estas atravessam realidades sociais bastantes distintas e por isso, uma regular articulação entre elas faz com que as mesmas se contaiem, que o contraste entre elas diminua, e que a divisão marcada entre bairros seja por isso atenuada. No entanto, desde a construção do aterro que o contacto entre a cidade antiga e o rio foi completamente anulado. A quebra das dinâmicas de bairro com o rio pode ser atenuada através da criação de uma maior liberdade de percursos. Isto é, se em vez de uma passagem exclusiva, forem asseguradas várias não muito distantes umas das outras, essa variedade permite criar diferentes percursos e várias 'entradas' e 'saídas'; oferecendo ao utilizador liberdade de escolha e não, uma obrigação de percurso. (Fig.19) Na cidade de Buenos Aires a ligação entre o bairro da Recoleta e o Parque Thays é interrompida por uma larga via de trânsito automóvel. A existência de várias pontes constroem uma possibilidade de acessos diversos, amenizando uma sensação de transição entre eles. (Fig. 20)

⁶¹ Távor, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.14.

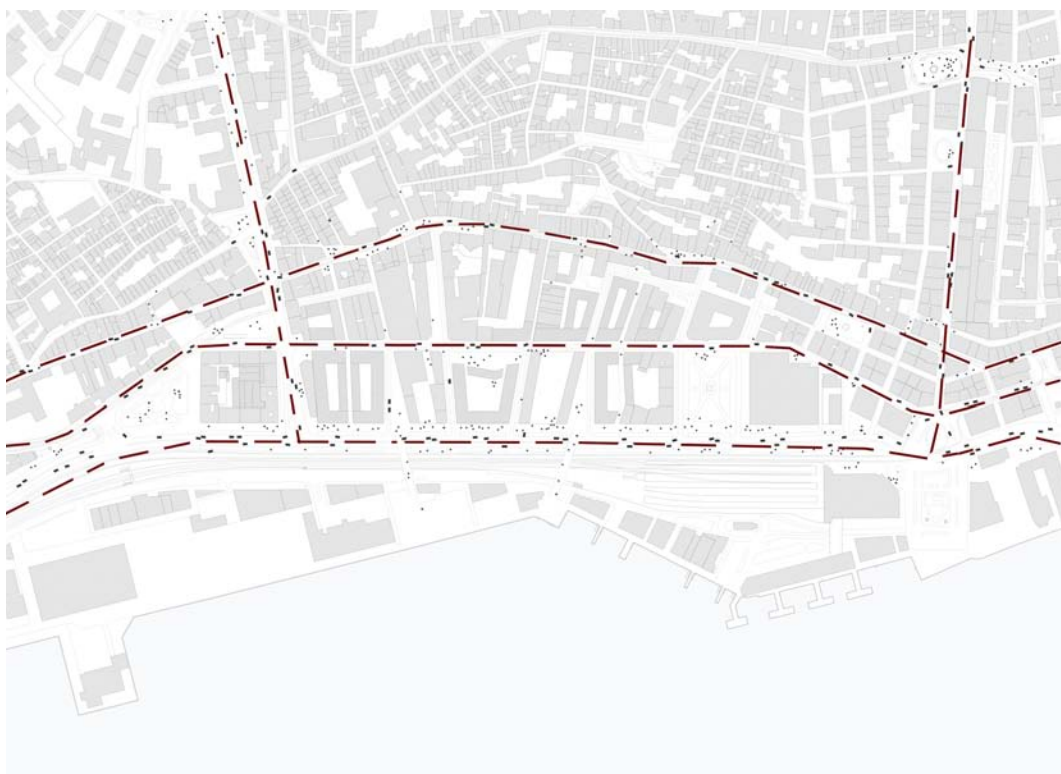


Fig. 17 - Acessos com a cidade. Desenho da autora.

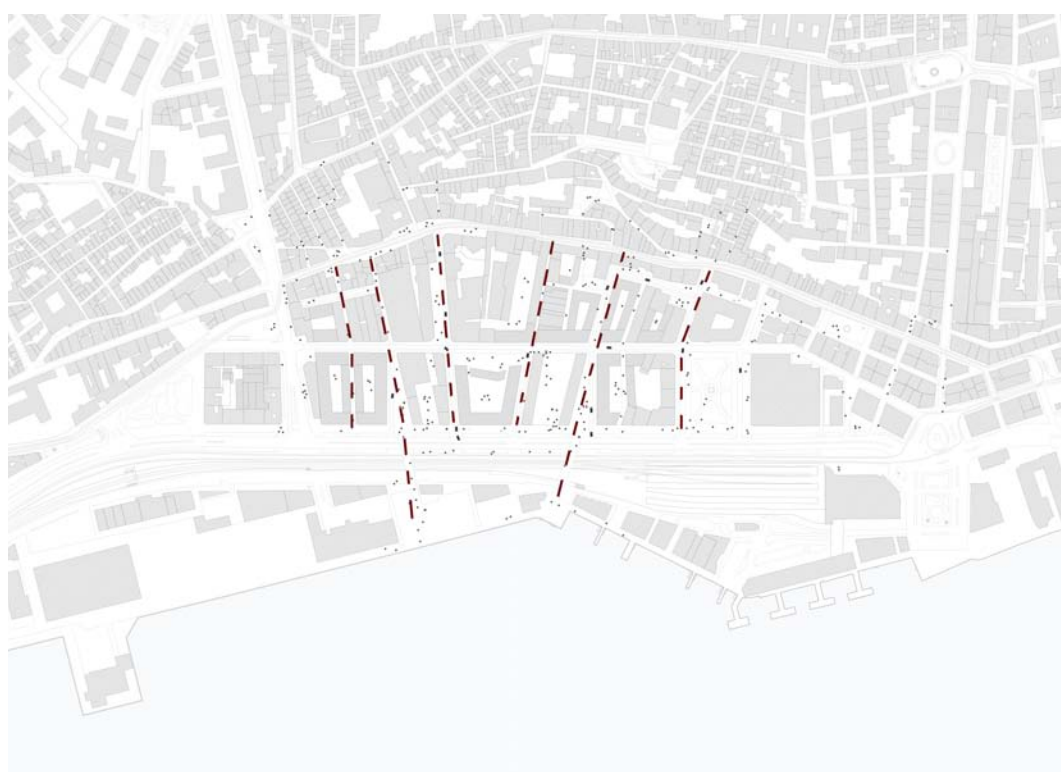


Fig. 18 - Acesso com o bairro. Desenho do autora



Fig.19 - Percursos com a frente ribeirinha. Desenho do autora.

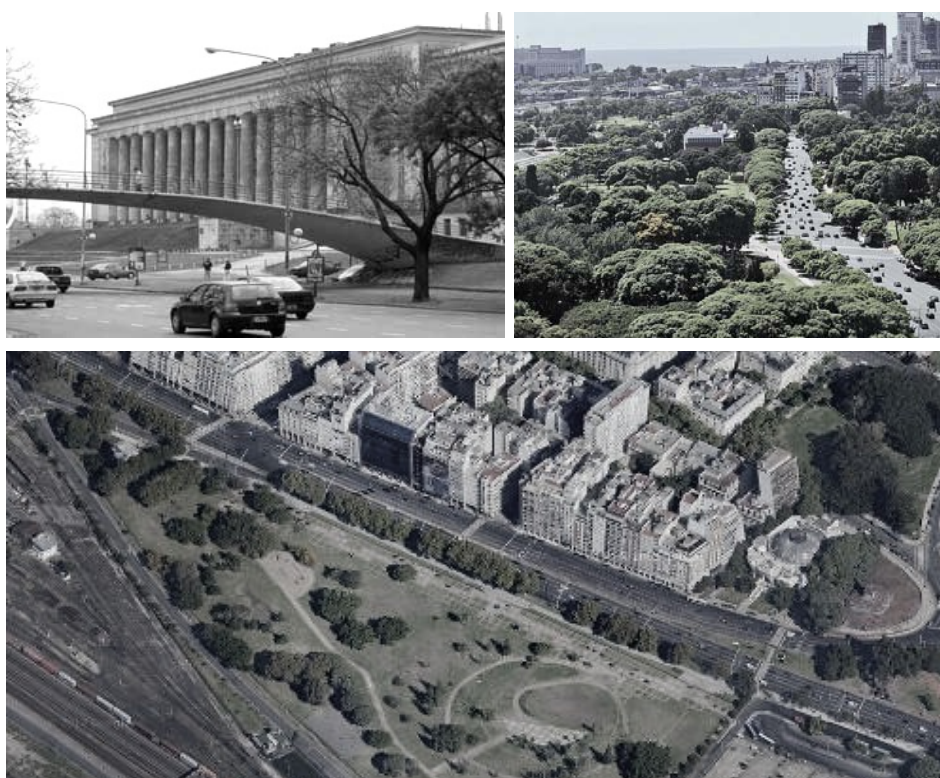


Fig.20 - Parque Thays (Buenos Aires). Ponte entre parque Thays e o bairro da Recoleta. Imagem obtida em: <http://www.tripin.travel/buenos-aires/facultad-de-derecho.html>. Barreira da Avenida del Libertador. Imagem obtida em: <http://tinypic.com/view.php?pic=nlais&s=6#.VCaPHUsZEmY>. Percursos entre o bairro da Recoleta e o parque Thays. Imagem obtida em: <http://i.argentino.com.ar/images/2012/1120/753255-salga-a-correr-con-su-perro-alrededor-de-parque-thays-aumenta-la-salud-fisica-y-emocional-20121120063211807.jpg>.

Acessibilidade e Demarcação Territorial

"No mundo inteiro encontramos gradações de demarcações territoriais, acompanhadas pela sensação de acesso. Às vezes o grau de acesso é uma questão de legislação, mas em geral, é exclusivamente uma questão de convenção, que é respeitada por todos."⁶²

As demarcações territoriais são um aspecto essencial na organização social duma cidade. A importância - dada por Hertzberger - ao 'acesso' na organização do edifício, pode ser extraída para a organização da cidade pois, também na cidade, se "ao projectar cada espaço e segmento, temos consciência do grau de relevância da demarcação territorial e das formas concomitantes das possibilidades de 'acesso' aos espaços vizinhos, podemos expressar essas diferenças pela articulação de forma, material, luz e cor, e introduzir certo ordenamento no projecto como um todo."⁶³ Na cidade, os espaços que são desenhados integrando à partida o homem, têm uma maior possibilidade de desencadear actividades sociais. No caso da cidade de Copenhaga (Fig.21) este principio pode ser verificado pois, através de um estudo que foi feito, mostrou-se que à medida que a área de espaços pedonais aumentava, ia aumentando com ela, a percentagem de utilização dos mesmos.



Fig. 21 - Área Pedonal no Centro de Copenhaga - levou a um aumento do uso do espaço colectivo. Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 33.

⁶² Hertzberger, H. (2006). *Lições de arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 15.

⁶³ Idem, p. 19.

Uma demarcação deliberada dos espaços do homem é fundamental na organização da vida colectiva na cidade. Na área em estudo (Fig.22) foram diferenciadas duas zonas: a primeira entre a Rua D. Luís e a Rua da Boavista - que se caracteriza por uma atmosfera mais privada e a segunda entre a Rua D. Luís e a Avenida 24 de Julho - que se caracteriza por uma atmosfera mais pública. Na zona de carácter mais íntimo, tanto a rua como o passeio têm o mesmo pavimento para que, através da sensação de transição para um único território mais privado, o acesso automóvel seja mais restrito e a rua seja um espaço apropriado por quem lá vive. Em contraste, na zona de carácter mais público, o pavimento das ruas e dos passeios é distinto pois, sendo esta uma zona de maior acesso automóvel e mais movimentada é preferível separar o acesso viário do acesso pedonal, assegurando assim, um lugar para as actividades do homem.

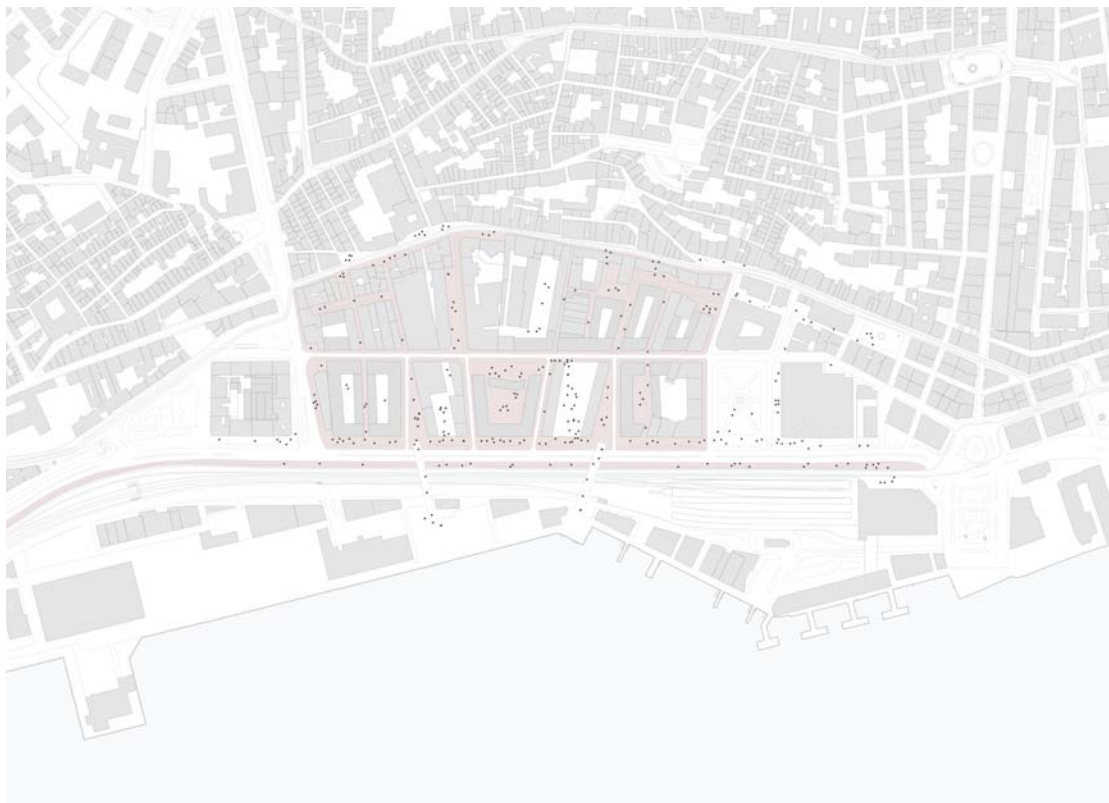


Fig. 22 - Percursos Pedonais. Desenho da autora

Apesar da existência de espaços pedonais seja de grande importância no desenvolvimento de contactos sociais (Fig.23), também a integração do automóvel (Fig. 23) - como uma necessidade actual do homem - o é. Não podemos esperar que a exclusão completa do automóvel das cidades seja a solução para a recuperação de uma vida de rua. É preciso sim, integrar este facto na vida urbana das cidades de hoje, pensando o automóvel como, também ele, um impulsionador de actos sociais.

Jan Gehl⁶⁴ dá o exemplo da organização do estacionamento automóvel na cidade que pode, ao ser integrado nas ruas, suscitar encontros sociais durante o percurso de acesso ao mesmo (Fig.25). Através da colocação de estacionamentos, não só o acesso - mas também o desaceleramento do trânsito pela entrada e saída de automóveis (Fig.24) - podem beneficiar a qualidade de vida nas ruas. Esta consequência foi um contributo importante para a mudança do carácter (quase) exclusivamente viário da Avenida 24 de Julho, conferindo ao espaço uma maior qualidade para o uso pedonal.



Fig. 23 - Influência do desenho do pavimento - Importância dos Espaços Pedonais na Cidade. **Monteys, X.** (et alt.). (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Barcelona: Habitar Grupo de Investigación, p. 109 e p.103.

⁶⁴ Idem, Ibidem.



Fig. 24 - Velocidade - Diminui a possibilidade de contacto social. Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 62.

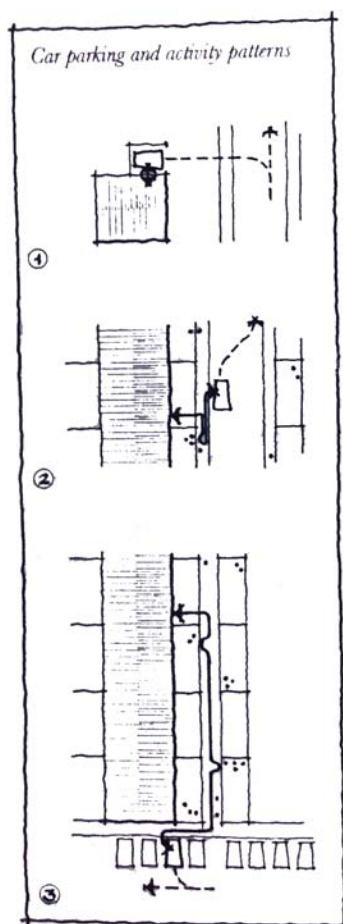


Fig. 25 - Distância e Percurso - Importância do Acesso Automóvel. Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p.126.

Visibilidade e Segurança

A visibilidade do espaço colectivo é um tópico de grande importância no que toca à segurança das cidades. Um espaço que esteja visualmente acessível pela entrada e saída de moradores, pela entrada e saída de condutores dos seus automóveis, pela existência de estabelecimentos de comércio ou de simples transeuntes está portanto, vigiado pelo 'olhar público' de que tanto fala Jane Jacobs⁶⁵. No desenho dos vários espaços colectivos do aterro existiu sempre uma preocupação de relacionamento dos mesmos com a rua, por ser este um espaço de maior movimento. Desta maneira, os grandes espaços colectivos desenhados podem ser considerados como zonas de alargamento do espaço, que mantêm por isso o grau de vigilância e de 'olhar público' característico de qualquer rua (Fig.26). No caso específico dos interiores de quarteirão, estes são sempre zonas semi-públicas que dependem do controle dos equipamentos a que estes pertencem. (Fig.27)



Fig. 26 - Espaços de maior encontro colectivo vigiados pelo 'olhar público' - Avenida Duque D'Ávila. Imagem obtida em: http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://www.italycafferistorante.com/wp-content/uploads/2011/08/gelataria-586x293.jpg&imgrefurl=http://www.italycafferistorante.com/en/restaurant/cafetaria-e-gelataria/&h=293&w=586&tbnid=289TmxhSjOQd4M&zoom=1&tbnh=159&tbnw=318&usq=__OBNDivPCdqyqN_sYd46CVBr7E=- **Playground Aldo Van Eyck,** Spielsinsel, Van Boetelaerstraat, 1961. Imagem obtida em: <http://www.architektur fuer kinder.ch/index.php?pioniere/aldo-van-eyck/>

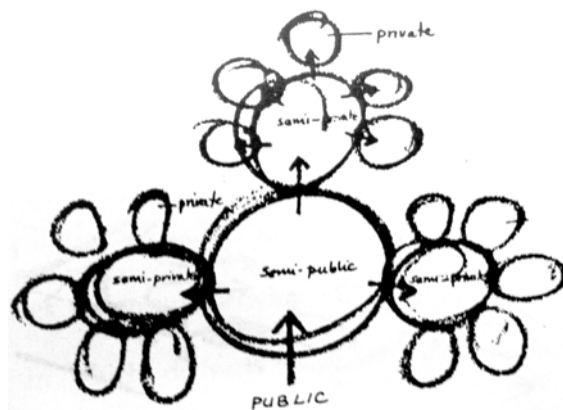


Fig. 27 - Espaços Semi-Públicos - Importância do grau de exposição pública para o controlo dos espaços na organização da vida colectiva. Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p.126..

⁶⁵ Jacobs, J. (1961, "2000"). *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Visibilidade Diversa

A capacidade que a diversidade visual de ligações tem em comprometer o sentido de localização do homem foi uma das ferramentas espaciais utilizada na marcação de diferentes graus de privacidade deste território. Uma visão mais abrangente do espaço oferece-nos um maior controle sobre ele, visto que, "o grau com que os lugares são separados ou abertos em relação aos outros, e a maneira como isto é feito, está nas mãos do arquitecto e, conseqüentemente, podemos regular o contacto desejado numa situação particular para afirmar a intimidade onde ela é necessária".⁶⁶

Na zona de maior privacidade - a norte da Rua D. Luís - apesar de existir uma direcção visivelmente predominante que vai criando permeabilidades entre a Rua D. Luís e a Rua da Boavista, existem algumas ligações que sofrem alguns desvios, que são intersectadas por outras de igual hierarquia ou que terminam em pequenas aberturas nos pisos térreos. É então criada uma maior indefinição destes percursos, fazendo com que não seja qualquer indivíduo que se sinta localizado neles e que seja, em consequência disso, mais utilizado por quem os conhece.



Fig. 28 - Perspectiva - Importância do tipo de ligações visuais no grau de privacidade de um espaço - Rua Augusta (Baixa Pombalina). Imagem obtida em:

http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://p0.storage.canalblog.com/09/22/584944/40174600.jpg&imgrefurl=http://boucletteinuk.canalblog.com/archives/2009/05/25/13926867.html&h=600&w=800&tbnid=bEnp1OIdvnrY-M&zoom=1&tbnh=194&tbnw=259&usg=__oX7Vlcr4AH5cXfPZWMYCBqCW1wk=- - Rua de Alfama.

Imagem obtida em: <http://fotos.sapo.pt/sydowhummel/fotos/?uid=AUHS1MulG7dEpiByLcj>

⁶⁶ Hertzberger, H. (2006). *Lições de arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 202.

Unidade e Diferença Formal

*"A delapidação é assim um processo de criação de formas desprovidas de eficiência e de beleza, de utilidade e de sentido, de formas sem raízes, verdadeiros nados-mortos que nada acrescentam ao espaço organizado ou o perturbam com a sua existência."*⁶⁷

A delapidação de que fala Fernando Távora refere-se à criação de formas sem sentido no conjunto da cidade como espaço formal. A existência de unidade formal num edifício, numa rua, num bairro ou numa cidade caracteriza o espaço colectivo e dá identidade ao lugar. Kevin Lynch⁶⁸ descreve 'identidade' como atributo específico de um lugar que o torna reconhecível e irrepetível. A inexistência de uma unidade formal no espaço, faz com que esta não tenha nenhum atributo específico e que por isso não possa ser reconhecível, identificável ou criar qualquer relação de pertença perante os seus habitantes. É necessário haver uma regra, para poder existir uma ordem sobre a qual a sociedade se possa organizar. Face ao que foi dito, a área em estudo é um espaço bastante descaracterizado. Este não constrói qualquer unidade, nem qualquer regra e por isso não tem uma 'identidade' que possibilite a criação de uma 'estrutura'. Lynch⁶⁹ define 'estrutura' como uma ordem ou padrão que liga as várias partes de um lugar entre si e esse mesmo lugar com o homem. Esta ligação é essencial para a organização de qualquer sociedade. Procura-se uma unidade formal que organize o território na sua totalidade e particularmente cada uma das suas ruas. Tanto a Avenida 24 de Julho como a Rua D. Luís são ruas que precisam de ver configuradas as suas frentes.

Assumida a importância de uma unidade é também preciso perceber a importância da diferença pois, "nas novas extensões urbanas, seria especialmente necessária a definição de 'dispositivos de identificação', aos quais o bairro ou a cidade no seu conjunto pudessem ligar-se, marcas com as quais a comunidade pudesse identificar-se e através dos quais fosse identificada do exterior".⁷⁰ João Paulo Martins explica a importância destes elementos de excepção como dispositivos 'memorizáveis' e que são "tanto um meio de orientação para os habitantes da cidade como referências para os próprios arquitectos durante o processo de projecto urbano"⁷¹.

⁶⁷ Távora, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.26.

⁶⁸ Lynch, Kevin, (2000). *A Imagem da Cidade*, Edições 70. p. 15.

⁶⁹ Lynch, Kevin, (2000). *A Imagem da Cidade*, Edições 70. p. 16.

⁷⁰ Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.264.

⁷¹ Idem. p.264.

Neste sistema de espaços, a regra é quebrada em dois momentos - no edifício da EDP e nos antigos armazéns pombalinos, que pressupõem uma ocupação de um equipamento público devido ao seu carácter excepcional. (Fig. 29)



Fig. 29 - Unidade e Diferença - Alçado da 24 de Julho. Desenho da autora.

Diversidade Formal

*"... o mundo das formas é de infinita e progressiva riqueza para o Homem e o seu estudo apresenta-se cada dia mais cativante e necessário dada a consciência crescente da importância de que a forma se reveste em relação à existência humana..."*⁷²

Jan Gehl mostra que *"a necessidade de espaços de todos os tipos e tamanhos é óbvia - desde a pequena rua residencial até à praça de uma cidade"*⁷³ e que por isso, a diversidade é uma característica que enriquece qualquer espaço, evitando que este se torne monótono. Apesar do seu valor, esta característica não deve ser confundida com a existência de excepções, para que não caia no fenómeno de 'delapidação' de que falava Távora⁷⁴. A diversidade é, neste caso, descrita por uma cidade marcada por consecutivas diferenças subtis nos edifícios e nos seus espaços, oferecendo oportunidades para acontecimentos diferentes.

Monteys⁷⁵, em *Rehabitar*, fala da 'rua não especializada' e da importância de alguma indefinição do espaço para que haja flexibilidade nas actividades que nela se praticam. O espaço pode, através das suas diferenças subtis (Fig.30), oferecer nele uma variedade de formas que suscitem tipos e graus de actividades diferentes. Esta indefinição, ou será melhor dizer variação do espaço deve ser tida em conta, não só nos espaços mas também nos seus elementos. A estes elementos o autor dá o nome de 'acidentes e obstáculos'.

Herman Hertzberger reforça ainda a ideia da importância da forma dizendo que *"a forma é capaz de se adaptar a uma variedade de funções e de assumir numerosa aparências, ao mesmo tempo em que permanece fundamentalmente a mesma"*⁷⁶.

Conclui-se assim, que *"quanto maior a diversidade das partes, melhor a qualidade do todo"* e que por por isso *"caos e ordem parecem necessitar um do outro."*⁷⁷

⁷² Távora, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.13.

⁷³ Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 51. Tradução livre.

⁷⁴ Távora, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.26.

⁷⁵ Monteys, X. (et alt.). (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Barcelona: Habitar Grupo de Investigación, p. 111.

⁷⁶ Hertzberger, H. (2006). *Lições de arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 103.

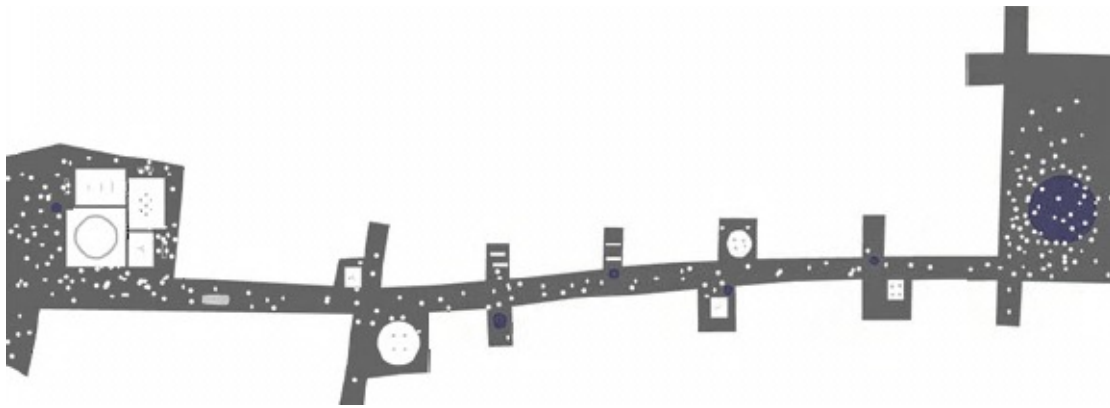


Fig. 30 - Diversidade de Espaços - Promove uma maior variedade de actividades. **Monteys, X.** (et alt.). (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Barcelona: Habitar Grupo de Investigación, p. 111.

Desenhar a Forma

Antes de mais é preciso acrescentar, retomando o que foi dito no ponto anterior, que flexibilidade não é neutralidade pois esta "consiste apenas na ausência de identidade, em outras palavras, na falta de traços característicos" e que "o problema da mudança não é tanto uma questão de ter de adaptar e mudar traços característicos, mas de, antes de tudo, possuir esses traços característicos!"⁷⁸

"Assim como é possível, através da escolha de materiais e cores, criar uma certa paleta de cores na cidade, é igualmente possível, através de decisões de planeamento que influenciem as práticas, criar melhores ou piores condições para eventos ao ar livre, e para criar cidades com ou sem vida."⁷⁹

Apesar da ideia de forma estar na maioria das vezes ligada ao seu valor estético, esta é muito mais do que isso. No que interessa à organização da cidade, a forma do espaço pode ajudar o arquitecto a despoletar diversos acontecimentos. Hertzberger dá o exemplo da forma dos canais de Amsterdão que através dos "sucessivos semicírculos concêntricos não só permitem que nos situemos no centro da cidade, como ainda indicam a passagem do tempo - tal como os anéis do tronco de uma árvore."⁸⁰ Ao percebermos que este desenho surgiu numa necessidade de defesa, verificamos que o desenho da forma envolve mais do que a resposta directa à função a que está subjacente, e que "a sua capacidade de absorver e comunicar significado determina o efeito que a forma pode ter sobre os usuários, e, inversamente, o efeito dos usuários sobre a forma".

⁷⁷ Idem, p. 109.

⁷⁸ Idem, p. 147.

⁷⁹ Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 31. Tradução livre.

⁸⁰ Hertzberger, H. (2006). *Lições de arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 94.

No desenvolvimento prático do trabalho (Fig.31), o alargamento das zonas pedonais que vão dar acesso às passagens para a frente ribeirinha sugerem uma chegada a um acontecimento excepcional. No caso do largo em frente à Etic e ao Museu da Comunicação, a sua forma recuada sugere algum aconchego que marca um momento de excepção e incentiva a que este seja utilizado como local de estadia. A alameda pedonal criada na Avenida 24 de Julho cria - com o seu comprimento - um espaço de distribuição pedonal através da zona baixa da cidade e - com a sua largura - uma possibilidade de vários espaços de estar. As ruas mais estreitas são espaço colectivos que proporcionam uma maior intimidade pela sua forma alongada. Estes são espaços de passagem que pressupõem uma apropriação mais exclusiva dos equipamentos e comércio que os limitam. O interior de bairro - por ser um espaço de carácter mais habitacional - é de todos estes espaços aquele que cria um maior contacto e incentiva uma maior oportunidade de encontro entre vizinhos. Por último, já antes falado numa outra temática, as pontes de acesso à frente ribeirinha incentivam a passagem e sugerem um fácil acesso por serem largas e contínuas. A eliminação visual de obstáculos físicos que a sua forma proporciona aumenta uma sensação de proximidade através da diminuição psicológica da ideia de esforço que lhe está implícita. Também as árvores podem funcionar como um contributo na construção formal do espaço colectivo. A colocação das mesmas pode evidenciar a marcação de um centro, de uma ligação ou até travar um limite. (Fig.32) Uma linha de árvores define uma direcção, um sentido; uma árvore colocada especificamente no espaço, marca uma posição; um conjunto de árvores cria uma atmosfera, um contorno delimita o espaço e ainda, em casos mais específicos, constrói um lugar.

Na Praça Vredenburg, em Utrecht, os canteiros das árvores organizam a feira nos dias de feira e desenham lugares de paragem e estadia quando esta não está. (Fig.35)

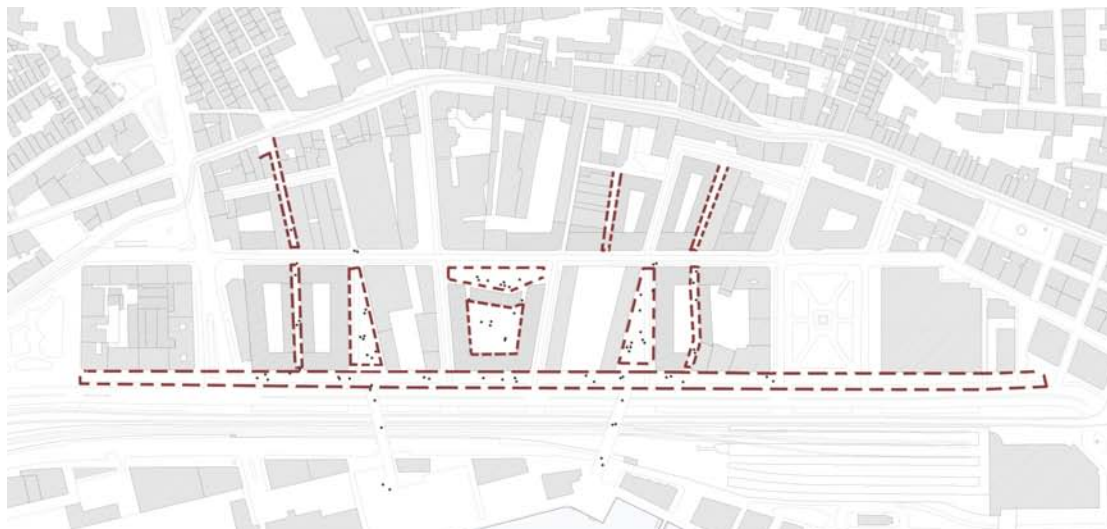


Fig. 31 - Formas dos Espaços Colectivos - Desenho da autora.



Fig. 32 - Árvore nos Espaços Colectivos - Desenho da autora.

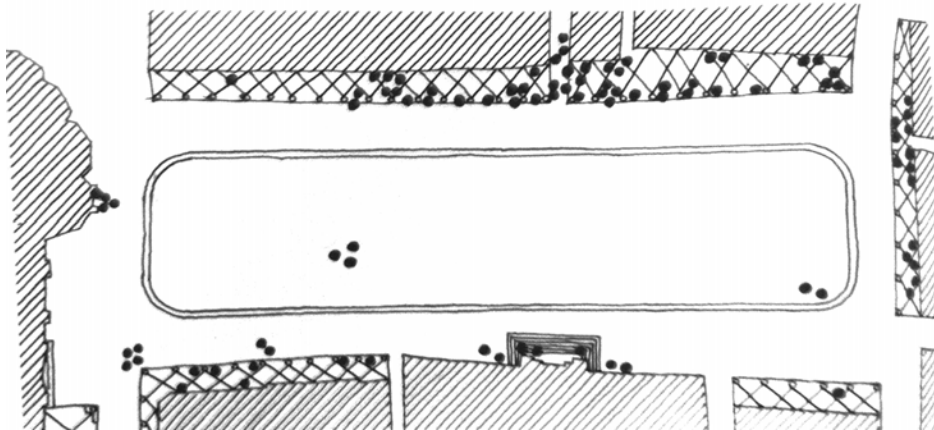


Fig. 33 - Ascoli Piceno (Itália) - Tendência de apropriação do espaço 'em volta'. Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p.148.



Fig. 34 - Ascoli Piceno (Itália) - Coluna como encosto. Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p.148.



Fig. 35 - Praça Vredenburg em Utrecht, Holanda. Hertzberger, H. (2006). *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 156.

Proporção e Escala

"The establishment of a social structure and corresponding physical structure with communal spaces at various levels permits movement from small groups and spaces toward larger ones and from the more private to the gradually more public spaces, giving a greater feeling of security and a stronger sense of belonging to the areas outside the private residence."⁸¹

Dimensionar exige perceber que "...o espaço que se deixa é tão importante como o espaço que se preenche".⁸² A proporção entre espaço público e espaço privado faz com que os espaços colectivos da cidade sejam mais dispersos ou mais concentrados. Este factor tem uma influência directa no aumento ou diminuição dos contactos sociais da cidade. O distanciamento físico na cidade promove o distanciamento social dos seus habitantes. Como tal, houve uma preocupação em concentrar a maioria dos espaços colectivos nas ruas, para que o território de contacto não se tornasse demasiado disperso. (Fig.36) Os quarteirões são atravessados por ruas pedonais públicas que são activadas por equipamentos de serviços, de escritórios e de comércio que controlam, através deles, os acessos ao seu interior. Podemos então, chamar estes espaços de semi-privados. (Fig. 37)



Fig. 36 - Proporção de Cheios e Vazios. Desenho da autora.

⁸¹ Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 59. Tradução livre.

⁸² Távora, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.18.

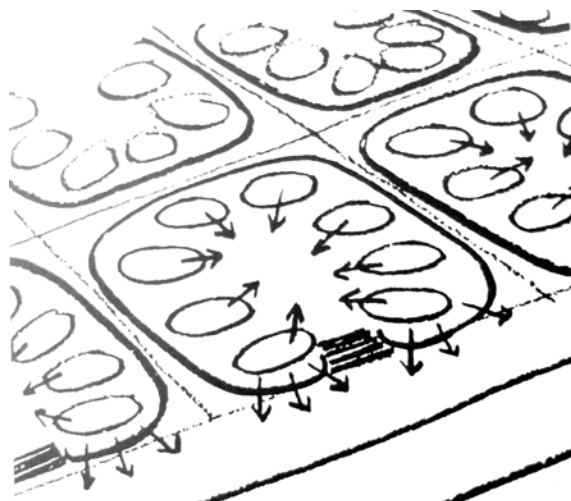


Fig. 37 - **Apropriação do Interior de Quarteirão.** Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p.126

O dimensionamento dos espaços da cidade não se resume, contudo, à proporção entre o espaço público e o espaço privado; este passa também pela proporção própria de cada um desses espaços - a que chamamos de escala. As diferenças de escala das formas e dos espaços organizam a cidade e a sociedade ao criarem nela uma hierarquia. (Fig.38) Foram criadas ruas mais estreitas que, através de uma maior privacidade, incentivassem os equipamentos que as conformam à sua apropriação. Por outro lado, as ruas mais largas pertencem a uma dimensão mais pública que oferece espaços colectivos mais públicos e acessos mais importantes à cidade. Quanto à escala do edificado, também ela, sendo menor ou maior, oferece uma dimensão mais humana e mais privada ou uma dimensão mais pública e, até por vezes, institucional. Esta alternância de escalas pode ainda criar limites essenciais à vida na cidade, desenhando transições subtis entre mundos mais privados e mundos mais públicos.

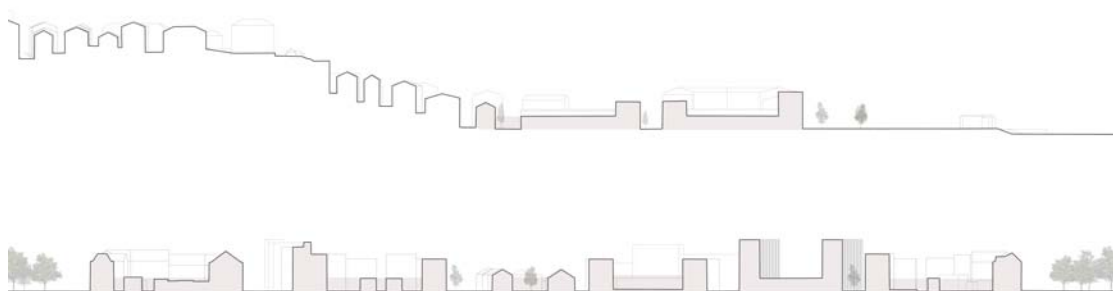


Fig. 38 - **Proporção e Escala do Espaço Construído e do Espaço Vazio** - Corte Transversal e Longitudinal. Desenhos da autora.

Diversidade Funcional

*"A integração de várias actividades e funções nos espaços públicos e na sua envolvente permite que as pessoas envolvidas actuem juntas e que se estimulem e inspirem umas às outras."*⁸³

Uma cidade diversificada procura nos seus espaços uma variedade dos seus usos. Esta promove uma maior variedade de actividades numa maior variedade de horários e, como consequência disso, uma maior quantidade de acontecimentos. (Fig.40) O território em estudo devia conseguir dar uma continuidade funcional à cidade que não se visse cingida a uma área de um uso restrito e aos seus horários limitados. Procurou-se que essa diversidade existisse, não só entre quarteirões mas também dentro dos mesmos. Para além de uma continuidade interrompida por quarteirões de excepção, a diversidade funcional destes espaços é dada por quarteirões de usos mistos que integram diferentes tipologias de habitação, comércio, escritórios e outro tipo de áreas de trabalho. (Fig39)

⁸³ Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 113. Tradução livre.

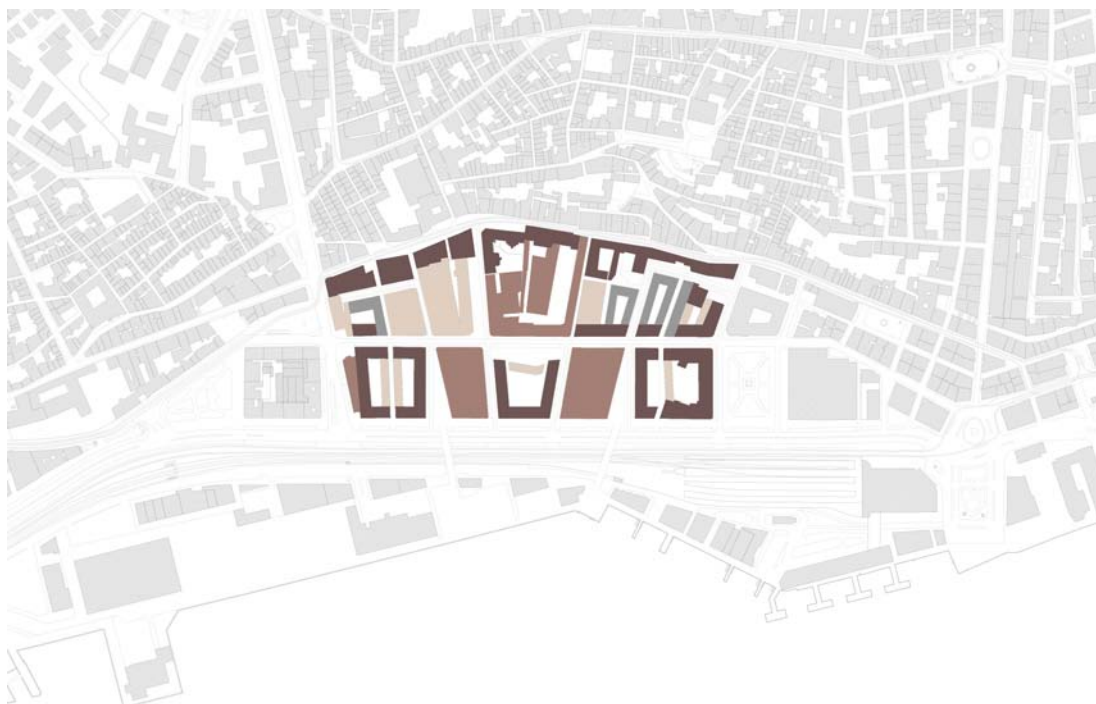


Fig. 39 - Planta Funcional. - Castanho: Habitação e comércio; Laranja: Grandes Equipamentos; Amarelo: Pequenos equipamentos, comércio, ateliers e espaços de trabalho; Cinzento: Habitação mais pequena, ateliers e comércio local. Desenho da autora.

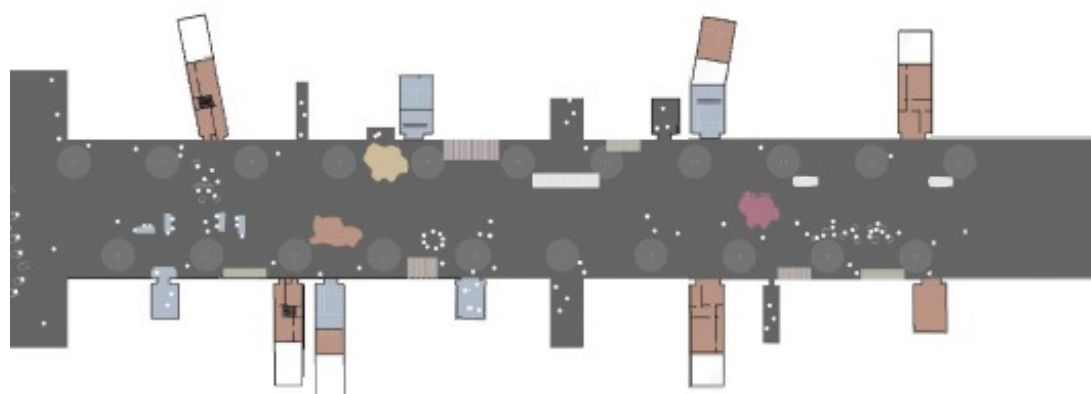


Fig. 40 - Diversidade de Funções nos Pisos Térreos - Promove uma maior variedade de actividades. **Monteys, X.** (et al.). (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Barcelona: Habitar Grupo de Investigación, p. 111.

Acessibilidade Dinamizadora do Espaço

Numa escala mais próxima interessa falar de acessibilidade, não pela ligação que qualquer acesso cria mas pelo espaço que pode ser activado através do mesmo. Isto é, por vezes os acessos não devem ser desenhados com o objectivo único de chegar a um lugar, mas também como um convite para outro. Os contactos com a Rua da Boavista aproximam as suas dinâmicas sociais com os espaços colectivos deste interior de quarteirão. (Fig.42 e 43) A continuidade visual e pedonal acrescentada à Rua Nova do Carvalho também vem potenciar a chegada a este local. (Fig. 44 e 45)

A possibilidade de diferentes acessos aos pátios multiplica a possibilidade de percursos. Assim sendo, a existência de várias possibilidades de chegada às habitações garante uma maior possibilidade de activação do pátio, e a existência de várias possibilidades de saída garante a possibilidade de uma maior activação de diferentes espaços da rua. (Fig.41)



Fig. 41 - Contacto Rua e Edifício - Acessos. Desenho da autora.



Fig. 42 - Acesso Visual com a Rua da Boavista. Fotografia da autora.



Fig. 43 - Acessos Pedonais com a Rua da Boavista. Desenho da autora.



Fig. 44 - Acesso Visual com a Rua Nova do Carvalho. Fotografia da autora.



Fig. 45 - Continuidade Pedonal da Rua Nova do Carvalho. Percurso pedonal complementar à Rua da Boavista. Desenho da autora.

Acessibilidade e Organização do Espaço Privado

"A estrutura física do edifício reflecte e apoia uma estrutura social desejada"⁸⁴

Gehl mostra que a hierarquia dos espaços colectivos se vê reflectida na hierarquia da sociedade. Visto isto, a estrutura visual e física de qualquer intervenção arquitectónica vai servir de suporte da estrutura social da área em questão. No desenho do conjunto de edifícios (Fig.46), foi procurado que o tipo de acesso de cada tipologia fosse desenhado consoante a necessidade de contacto social exterior, de modo a que a organização espacial encontrada respondesse às necessidades sociais espectáveis por cada tipologia. Os habitantes das tipologias mais pequenas, ao suportarem um menor número de moradores, dependem mais do contacto social exterior para a prática de actividades sociais. Face a esta dependência, o acesso às tipologias grandes é feito através de uma distribuição de esquerdo/direito. Por outro lado, o acesso às tipologias pequenas é feito através de galerias e de um bloco de acessos maior, de maneira a existir uma maior possibilidade de contacto entre vizinhos no acesso à casa. Quanto à casa-atelier, o acesso é feito através da partilha de um pátio comum a todas as casas e ainda, através da partilha dum patamar de entrada comum a duas ou quatro casas (dependendo da divisão das mesmas) que potencia um contacto mais próximo com um vizinho. O distanciamento entre a habitação e o espaço colectivo é, assim medido, segundo a previsibilidade de necessidade de contacto social exterior à casa. Esta organização não pretende forçar o morador a qualquer tipo de contacto indesejado, pois este tem sempre a liberdade de regular o grau de exposição com o meio exterior. No entanto, a proximidade com o espaço colectivo faz com que este possa optar por contactar mais ou menos.

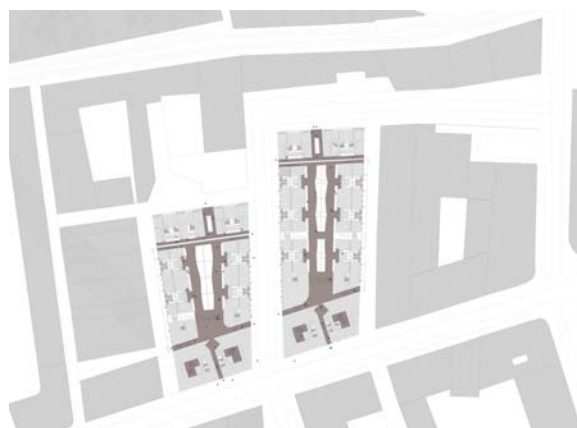


Fig. 46 - O Acesso à Casa. Desenho da autora.

⁸⁴ Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 57. Tradução livre.

Visibilidade e Pertença

"O carácter de cada área dependerá em grande parte de quem determina o guarnecimento e o ordenamento do espaço, de quem está encarregado, de quem zela e de quem é ou se sente responsável por ele".⁸⁵

Retomando o tema da visibilidade e segurança abordado na escala urbana, fala-se agora da sensação de pertença. A visibilidade sobre um espaço torna-o parte pertencente desse outro espaço. Se esta ligação for mais próxima, a relação vai tornar-se consequentemente mais forte. E, tal como nos preocupamos com aquilo que nos pertence, a imagem do espaço exterior, ao tornar-se parte pertencente do nosso espaço privado, passa a ser - também ele - uma preocupação nossa. (Fig. 48) Hertzberger relembra por isso, que através do desenho do espaço a "influência dos usuários pode ser estimulada, pelo menos nos lugares certos, onde se pode esperar o envolvimento importante"⁸⁶. A sensação de pertença é um factor de grande importância nas relações entre indivíduos e na partilha de um espaço social comum pois 'se cada um não tiver um lugar que possa chamar seu, não sabe onde está' e 'sem isso, não pode haver colaboração com os outros'⁸⁷. (Fig. 47) No caso do pátio das casas-atelier, cada depósito, ao ter sido desenhado em frente à habitação (para onde o espaço mais público da casa se vira) faz com que, a cada habitação pertença visualmente o espaço entre a mesma e este. O pátio, apesar de ter um carácter público consegue - através da proximidade que cria com cada uma das casas - conferir a cada um destes espaços uma sensação de privacidade e pertença; tornando-o um espaço protegido e vigiado por cada habitação. (Fig.49) O mesmo acontece no edifício em galeria. A relação visual que a janela da cozinha de cada habitação estabelece com a galeria faz com que esta, não só se torne um espaço vigiado, como seja parte pertencente do interior da casa. Através dela poderão ainda ser despoletadas situações de contacto entre vizinhos. Por último, também na rua houve um cuidado de que os espaços colectivos menos vigiados pelo 'olhar público' tivessem um outro tipo de vigilância. No caso das ruas ateliers, estas são controladas pelos pequenos espaços de trabalho que a activam e, cujo o desenho de uma rua elevada de acesso aos mesmos, incentiva a que o seu território privado se prolongue cá para fora. Quanto aos espaços colectivos que se relacionam com a Rua da Boavista, para além de serem vigiados pelo contacto com a mesma e pelas traseiras dos seus edifícios, são maioritariamente vigiados pelas habitações dos pisos térreos que marcam a sua outra frente. A existência de

⁸⁵ Hertzberger, H. (2006). *Lições de arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 22.

⁸⁶ Idem, p. 25.

⁸⁷ Idem, p. 28.

habitação nos pisos térreos faz com que, este espaço mais privado que qualquer comércio e activo dia e noite, tenha um olhar mais atento e preocupado sobre estes espaços; cuidando deles quase como seus.



Fig. 47 - Contacto através da visibilidade - Fotograma do filme *A Janela Indiscreta*, 1954. Alfred Hitchcock. Imagem obtida em: <http://www.jeffdesom.com/hitch/Day.jpg>



Fig. 48 - Visibilidade sobre o Espaço Público - Sensação de Pertença. Monteys, X. (et alt.). (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Barcelona: Habitar Grupo de Investigación.

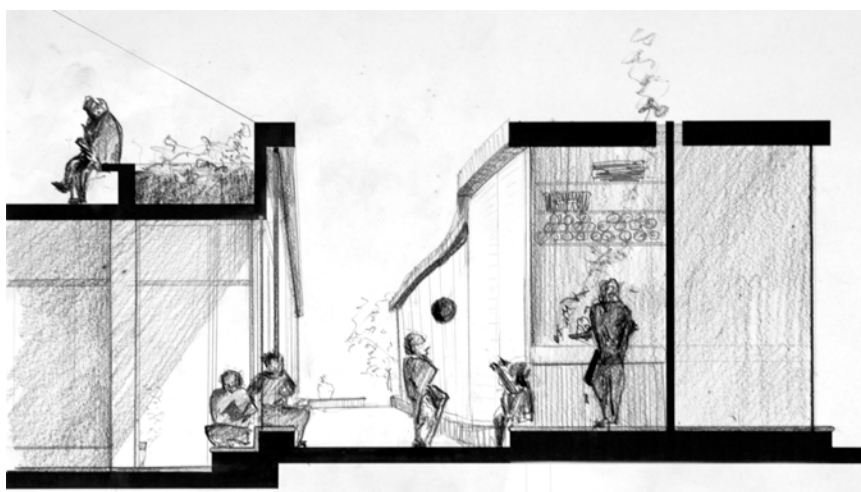


Fig. 49 - Pátio Casa Atelier - O acesso como complemento da casa. Desenho da autora.

Forma do Espaço

*"(...) em que medida uma forma pode ser bela sem ser funcional e em que medida uma forma pode ser funcional sem ser bela."*⁸⁸

Naturalmente, a beleza das formas na arquitectura está também na sua função. A capacidade que estas têm de moldar a vida do homem é, de facto, impressionante. A diversidade da concepção formal de vários espaços colectivos existentes direccionam a sua utilização para usos ligeiramente diferentes.

As ruas pedonais onde se localizam pequenos espaços de trabalho, ao serem longitudinais, incentivam a que sejam espaços de ligação e não espaços de convívio. Esta característica confere-lhes a privacidade necessária para a utilização dos mesmos como espaços de trabalho de acesso directo à rua. No entanto, o desenho de uma rua elevada - pela qual é feito o acesso a estes espaços - vem clarificar o distanciamento que precisa de ser feito. A decisão de vir contactar com o público exterior é oferecida, desta maneira, ao trabalhador de cada espaço.

O largo, de modo contrário às ruas de trabalho, convida o público a ficar, estimulando o convívio e a interacção física ou visual entre moradores. O alargamento da rua marcada por uma continuidade de árvores e canteiros que desenham bancos que convidam a sentar, potencia paragens mais breves. Este suporta um outro tipo de actividades como esperar, descansar, pousar ou simplesmente observar quem vai pela rua. O antigo beco - ao qual lhe foi retirado um lado para abrir uma passagem - foi-lhe restituído esse limite através de um muro e de uma continuidade de árvores que dificulta a passagem e oferece um 'encosto' que proporciona uma nova possibilidade para sentar.

O desenho irregular das mansardas dos edifícios mais baixos (Fig.50) provoca um afastamento destas fachadas exteriores através da criação de uma impossibilidade de habitar nelas. Assim sendo, o incentivo de uma fachada sem mobiliário, reforça a ideia de interiorização da casa. A intenção deste jogo formal pressupunha que estas habitações, ao estarem mais longe da rua e do contacto social exterior conferido pela mesma, se virassem para o pátio como espaço colectivo da casa (no caso das habitações grandes), ou para os pátios dos vizinhos como espaço colectivo visual de todos (no caso dos estúdios).

Ainda numa linguagem semelhante, mas com um propósito diferente, o desenho irregular dos depósitos (Fig.51) procura criar zonas mais protegidas nos seus recuos. Neste contexto,

⁸⁸ **Távora**, F. (1962, "2008"). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações. p.14.

esta descontinuidade proporciona lugares mais privados que comunicam directamente com as aberturas das habitações e dos respectivos depósitos. Este acontecimento propícia que este espaço possa ser apropriado como espaço complementar à casa.

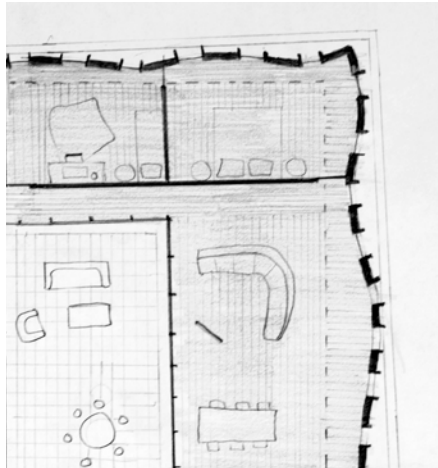


Fig. 50 - Mansardas Curvas - Desenho vira a casa para o pátio como lugar colectivo da casa. Desenho da autora.

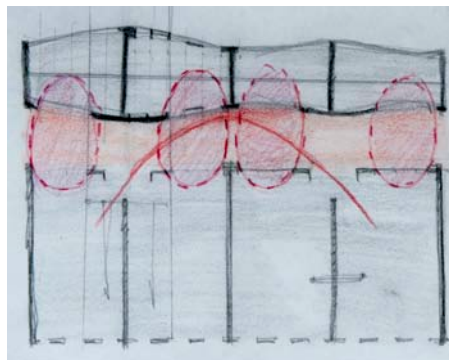


Fig. 51 - Depósito - A forma dá origem nos seus recuos a espaços mais privados. Desenho da autora.

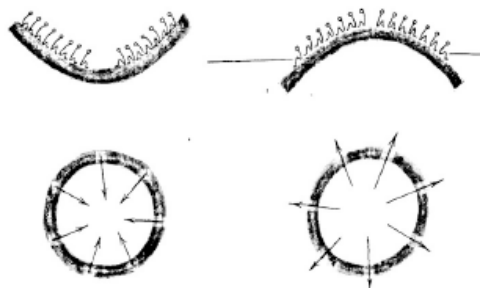


Fig. 52 - Exposição e Recolha. Diagrama de Aldo van Eyck - **Smithson**, A. (1974). *Team 10*

Do ponto de vista dos acessos, há que notar duas situações. Na primeira apenas se fala de escala, onde nas escadas de acesso aos pátios, as escadas mais largas oferecem um acesso a uma zona mais movimentada, e as escadas mais estreitas um acesso a uma zona menos movimentada. Ainda dentro do mesmo tópico, a forma elevada da rua destes pátios interiores foi desenhada com a pretensão de uma transição para um lugar menos público. Também no acesso entre o pátio e a Rua D. Luís é criada uma passagem mais brusca que tenta, com isso, colocar um maior filtro entre uma atmosfera mais pública desta rua e uma atmosfera semi-privada do quarteirão. Em último, o largo no interior de cada pátio reforça a chegada deste acesso de uma atmosfera mais pública. Esta transição é feita pela chegada a um espaço colectivo semi-público antes da chegada a um espaço colectivo mais privado da habitação.



Fig. 53 - Acesso ao Largo de Santo Antoninho, Bica. Fotografia da autora. - Acesso ao Pátio de Siza Vieira, Chiado. Fotografia da autora.

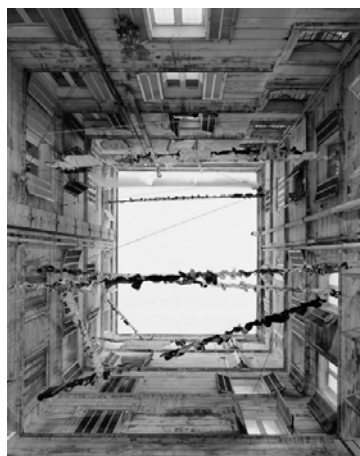


Fig. 54 - Cour intérieure, 27 de Setembro de 2008. Fotografia de Marie Bovo. Imagem obtida em: o-cour-interieure-26-septembre-2008.html

Flexibilidade e Polivalência

*"A falta de atributos dos elementos urbanos convida a um uso mais aberto."*⁸⁹

A cidade é organizada através dos seus espaços e estes espaços têm como princípio básico responder a funções. No entanto, o desenho dos espaços poderá oferecer mais do que isso. Hertzberger adoptou os conceitos de 'competência' e de 'desempenho' utilizados por Noam Chomsky na sua 'gramática generativa', e trouxe-os para o campo da arquitectura explicando que 'competência' era o potencial de expressão da forma e a capacidade que esta tinha de ser interpretada e 'desempenho' era a resposta específica dada pelo utilizador e a interpretação da forma numa situação determinada. A partir desta interpretação, o autor defende que o trabalho do arquitecto "proponha soluções com mais margem para a interpretação, com o maior 'potencial de acomodação', tornando o espaço mais receptivo a diferentes situações".⁹⁰



Fig. 55 - Playground do Van Eyck - Monteys, X. (et alt.). (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Barcelona: Habitar Grupo de Investigación.

⁸⁹ Monteys, X. (et alt.). (2012). *Rehabitar en nueve episodios*. Barcelona: Habitar Grupo de Investigación, p. 111.

⁹⁰ Martins, J. P. (2006). *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento, p.280.

Observando o corte da página seguinte (Fig 57), o desenho dos parapeitos das casa-atelier, do desnível entre a zona mais pública e mais privada da casa, do depósito em frente à casa, da garagem como espaço polivalente para onde se podem abrir as lojas e os ateliers e montar festas, exposições e feiras. Resumindo, através de um desenho mais pormenorizado, é possível - pela sua simplicidade - produzir usos diferentes pois, "se queremos responder à multiplicidade na qual a sociedade se manifesta, devemos libertar a forma dos grilhões dos significados cristalizados" e por isso "procurar continuamente as formas arquetípicas que, pelo facto de poderem ser associadas a múltiplos significados, são capazes de poderem ser associados a múltiplos significados, são capazes não só de absorver mas também de originar um programa".⁹¹

⁹¹ Hertzberger, H. (2006). *Lições de arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 149.

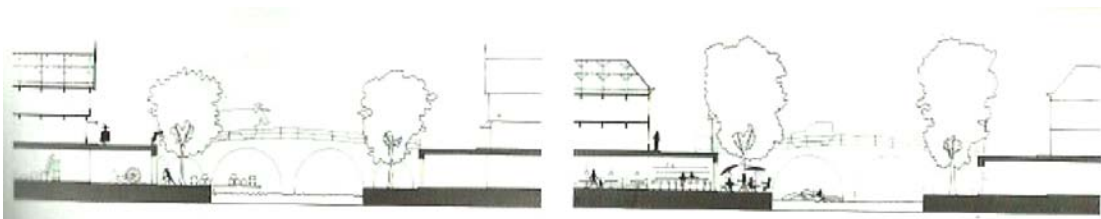


Fig. 56 - Canais de Utrecht - Readaptação dos armazéns de descarga para cafés, ateliers e restaurantes. **Hertzberger, H.** (2006). *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, p. 97.

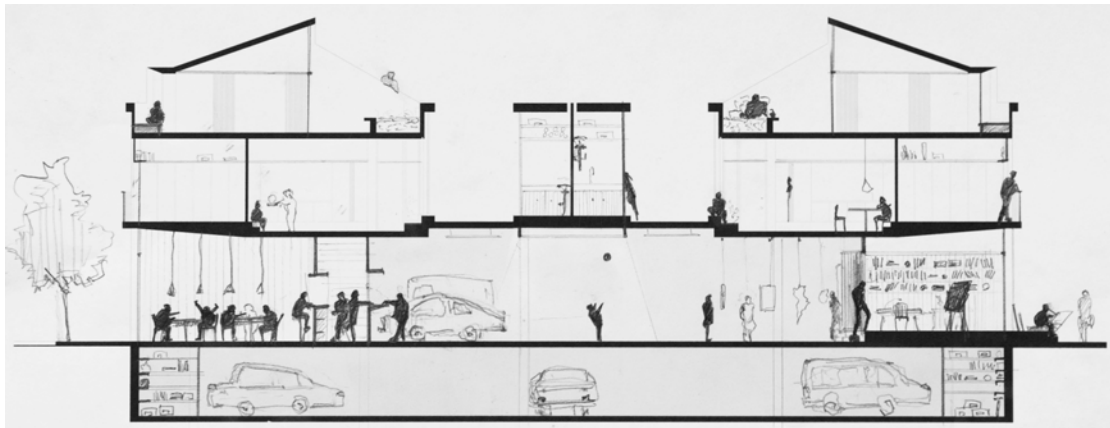


Fig. 57 - Flexibilidade casa-atelier - Pormenor da Forma como impulsionador de diferentes usos no espaço. Desenho da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"The importance of these requirements cannot be overestimated. They are modest demands that aim for a better and more useful framework for everyday activities. On the other hand, a good physical framework for life between buildings and for communal activities is, in all circumstances, a valuable, an independent quality, and - perhaps - a beginning."*⁹²

O desenvolvimento deste trabalho construiu um entendimento sobre a importância do desenho qualificado dos espaços colectivos na vida em sociedade. Foi constatada a capacidade que a arquitectura tem de criar condições que promovem a interacção social, apesar de não poder contudo garanti-lo.

No contexto deste ensaio foi primeiro procurada uma resposta - dentro de uma parte limitada do campo das ciências sociais - que pudesse clarificar a importância do desenho do espaço colectivo na vida do Homem. Estes espaços são de maior importância na estruturação da sociedade pois funcionam como lugares de incentivo ao contacto social e à troca de valores entre habitantes da mesma cidade.

Reforçou-se, por isso, a importância do estudo de alguns sociólogos e arquitectos como Anthony Giddens, Pierre Bourdieu, Van Eyck, Herman Hertzberger, Fernando Távora, Jan Gehl, João Paulo Martins, entre outros, que aproximaram o estudo da arquitectura e das ciências sociais através da relação do espaço e das práticas; percebendo e mostrando influências directas entre eles.

Partindo destes princípios e de que esta relação está em permanente actualização e mudança, foi entendida a necessidade de actuar sobre os espaços de modo contínuo, acompanhando a alteração das práticas e não deixando de repensar a cidade como todo. Uma actuação que se divide numa 'continuidade' através do tempo e do espaço e que é designada por Fernando Távora de participação vertical e horizontal. Só assim poderá ser preservada a vida colectiva nas cidades e as trocas sociais que lhe são subjacentes.

No entanto, foi no campo da prática disciplinar, através da intervenção sobre um lugar específico, que se viu confirmada a importância do desenho dos espaços colectivos na vida da cidade e na regeneração do tecido urbano. Questões como o desenho da acessibilidade visual e física, o desenho da escala e da forma e o desenho da função e da flexibilidade da função assumem um papel de maior importância na construção e definição destes espaços.

Neste sentido, a reestruturação de espaços colectivos - principais elementos de ligação espacial e social - em tecido urbano consolidado vem contribuir não só para a reorganização dos espaços e do seu modo de habitar mas também para a construção de uma cidade contínua e por isso, mais próxima.

⁹² Gehl, J. (2011) *Life Between Buildings. Using Public Space*. Washington, Island Press, p. 51.

Propõe-se assim, um olhar mais atento e alargado sobre as implicações sociológicas da prática da arquitectura. Realça-se ainda, o dever de uma especial atenção sobre o desenho dos espaços colectivos como suporte da vida urbana e das relações sociais que lhe estão implícitas. As soluções encontradas através do projecto procuram esclarecer e demonstrar esta capacidade de organização e estruturação da vida em sociedade, verificando-se a necessidade da qualificação arquitectónica dos espaços colectivos da cidade para um melhor suporte das práticas contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, F. (2013). *Espaços Liminares: a relação público-privado na construção do espaço arquitectónico*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

BAUMAN, Z. (2006). *Confiança e Medo na Cidade*. Lisboa: Relógio D'Água.

CARMONA, M.; HEATH, Tim; OC, Taner; TIESDELL, Steve. (2003) *Public Places Urban Spaces*, Architectural Press, Oxford.

CARR, S.; RIVLIN, Leanne G.; FRANCIS, Mark; STONE, Andrew M. (1992) *Public Space - Environment and Behaviour Series*, Cambridge University Press, Nova Iorque.

ÇELIK, Z.; FAVRO, D.; INGERSOLL, R.. (1994) *Streets - Critical Perspectives on Public Space*, University of California Press, Londres.

CULLEN, G. (2009). *Paisagem Urbana*, Edições 70 Arquitectura e Urbanismo, Lisboa.

DURÃO, P. (2013). *Os Lugares do Colectivo: a convivialidade, da cidade ao edifício multifuncional, na revitalização do Hospital de Santo António dos Capuchos e na consolidação da colina de Santana*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

FERNANDES, I. M. (2012). *Quarteirões Abertos*. Tese de Mestrado não publicada. Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

FIGUEIREDO, V. (2012). *Frangmentos de um Discurso*, Circo de Ideias, Lisboa.

FREITAG, M.(2004) *Arquitectura e Sociedade*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

GEHL, J. (2011) *Life Between Buildings, Using Public Space*, Island Press, Washington.

HALBWACHS, M. (1968). *La Mémoire Collective*,

HERTZBERGER, H. (2006) *Lições de Arquitectura*, Martins Fontes, São Paulo.

JACOBS, J. (2000). *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes.

LYNCH, K. (2008) *A imagem da cidade*, Edições 70, Lisboa.

MARTINS, J. P. (2006) *O espaço e as práticas - Arquitectura e as ciências sociais: habitus, estruturação e ritual*. Tese de doutoramento. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

MONTEYS, X.(2011) *Rehabitar*, Centro de publicaciones Secretaria General Técnica, Barcelona.

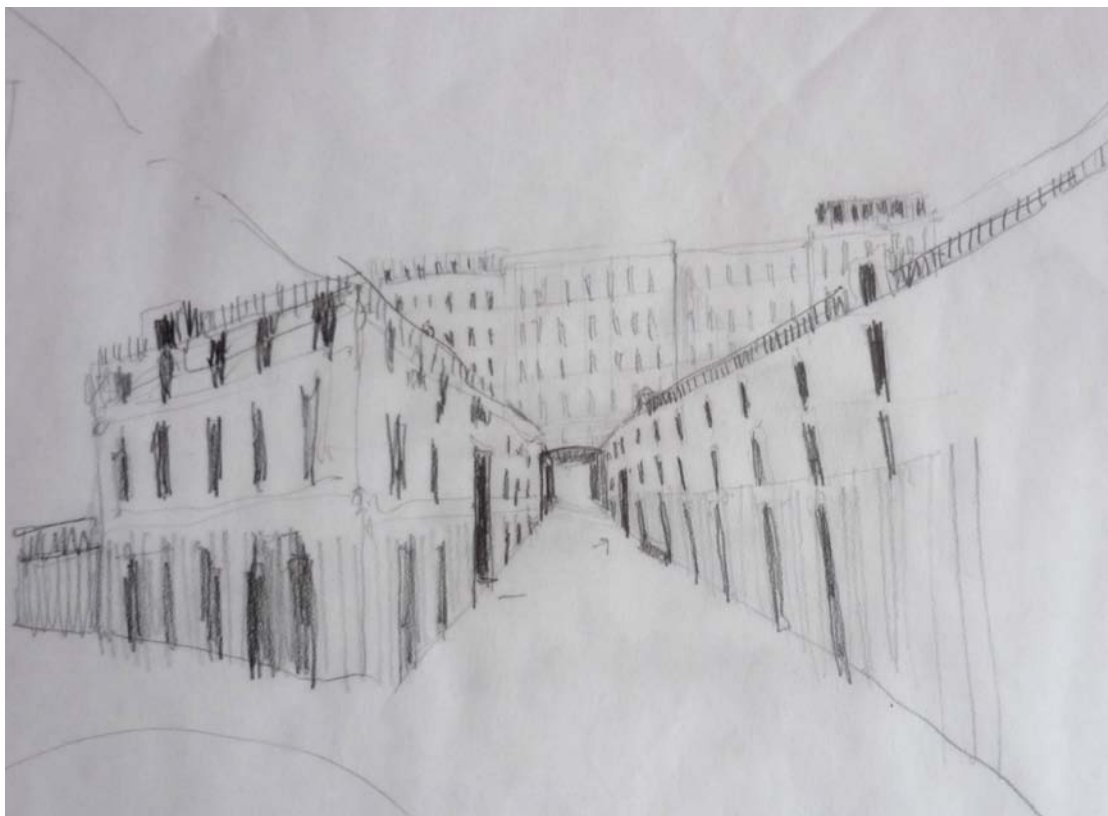
ROSSI, A. (1977) *A Arquitectura da Cidade*, Cosmos, Lisboa.

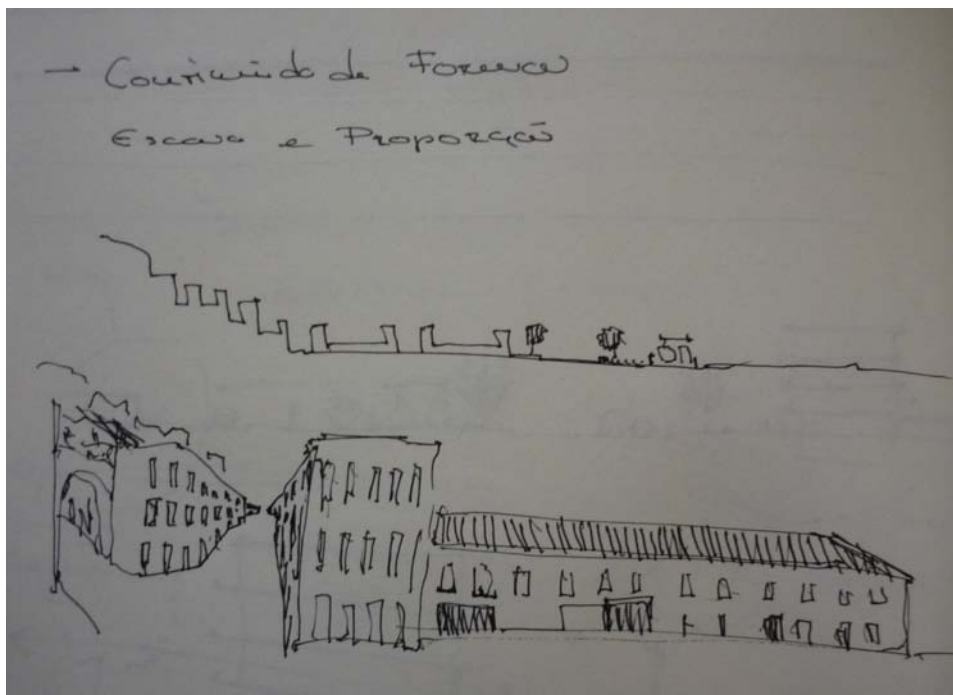
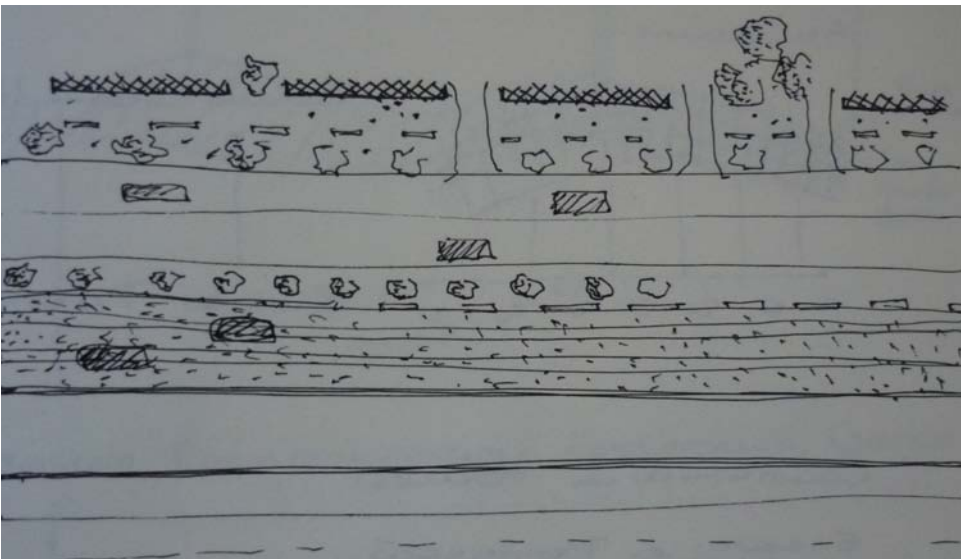
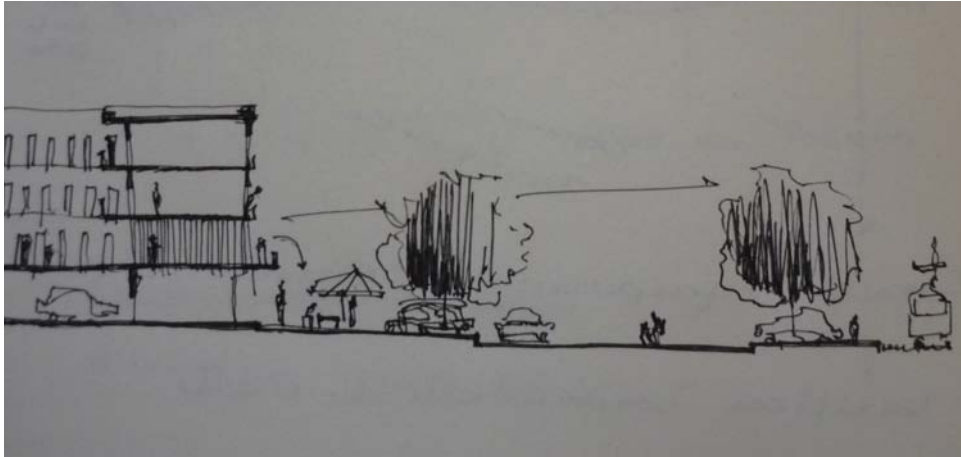
TÁVORA, F. (2006) *Da Organização do Espaço*, FAUP Publicações, Porto.

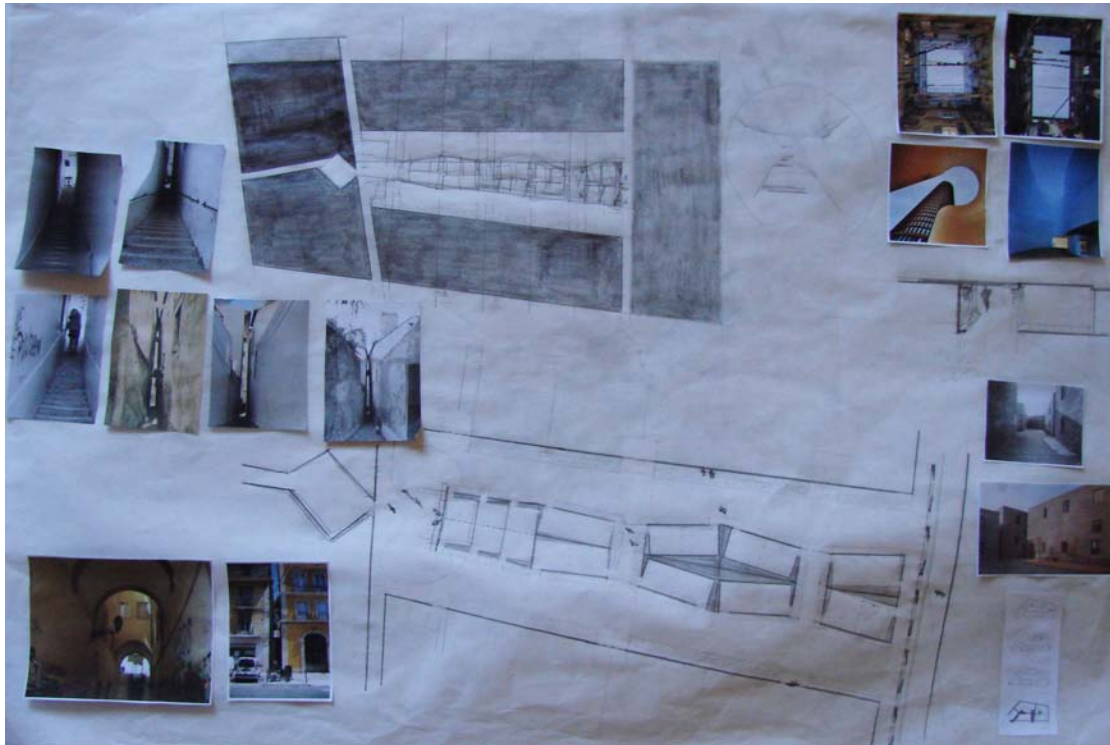
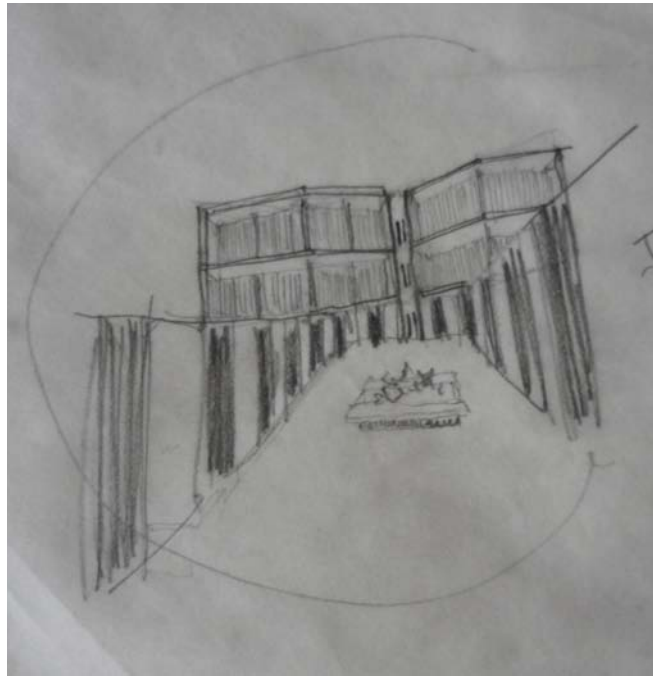
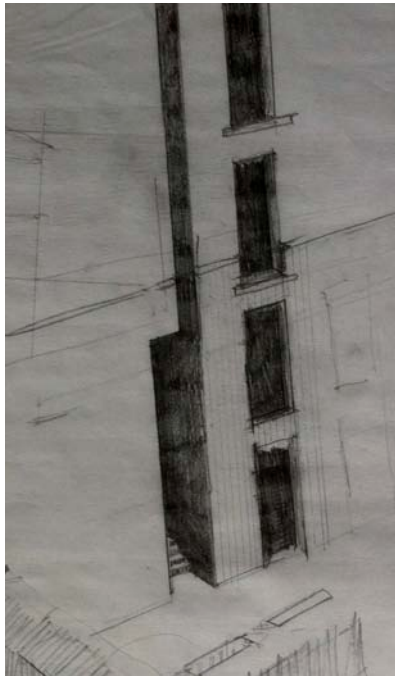
UNWIN, S. (2008) *Analysing Architecture*, Taylor&Francis, Nova Iorque.

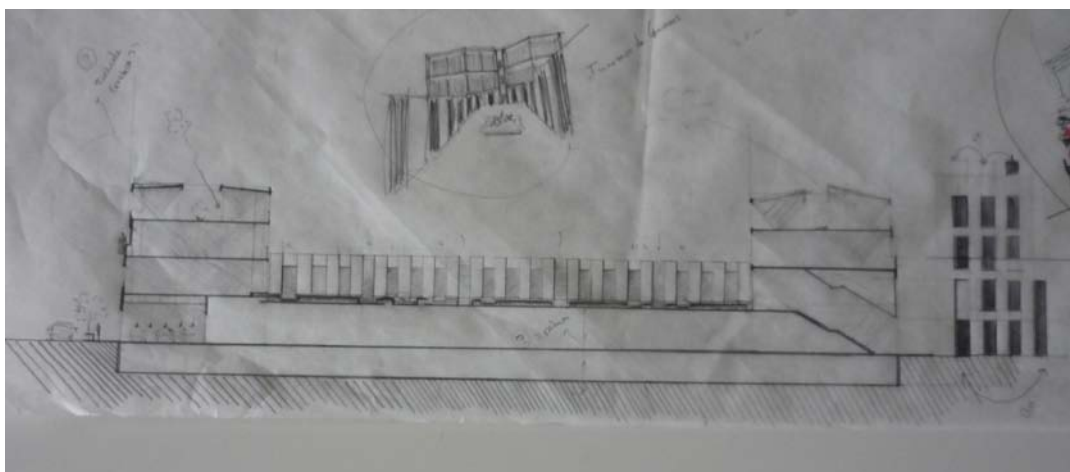
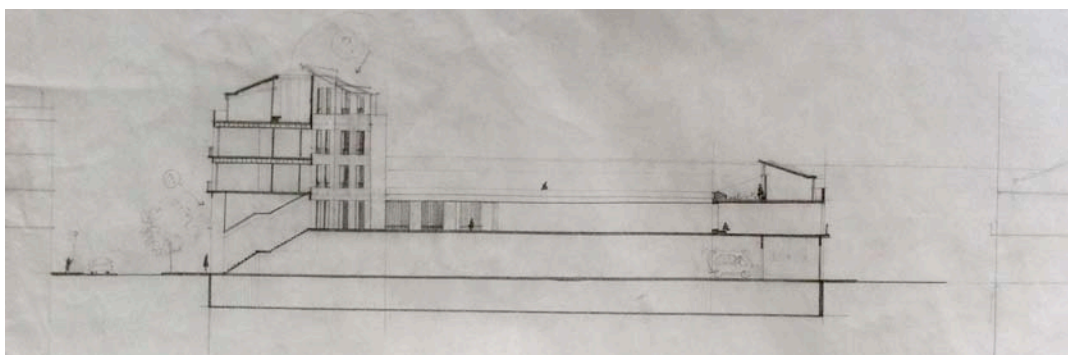
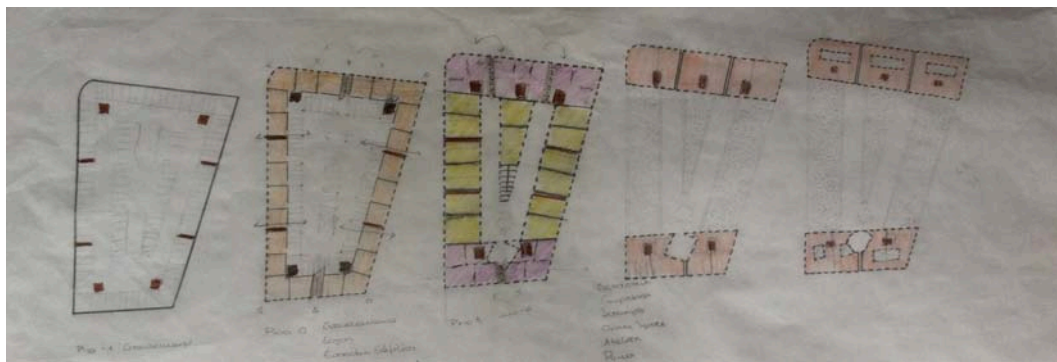
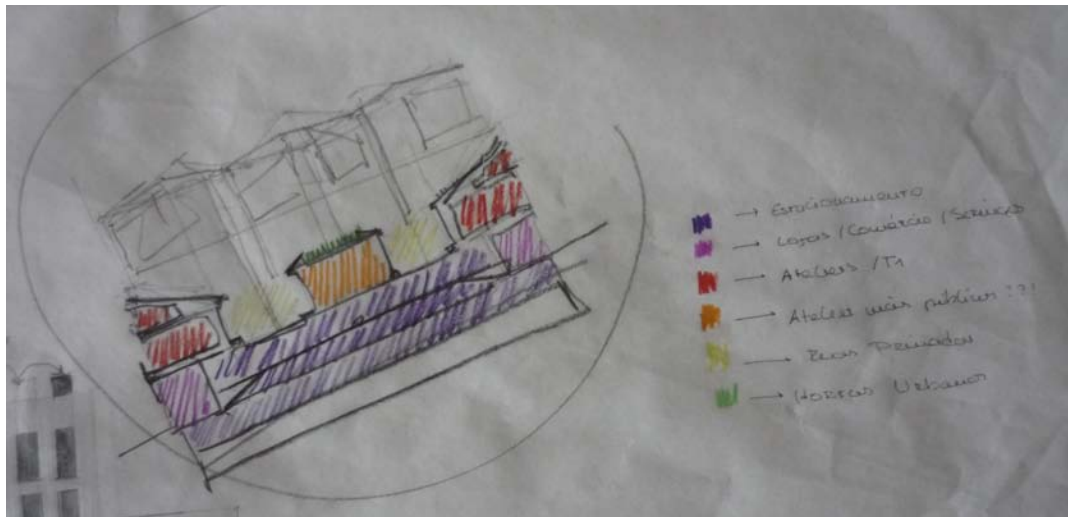
SUPLEMENTOS GRÁFICOS

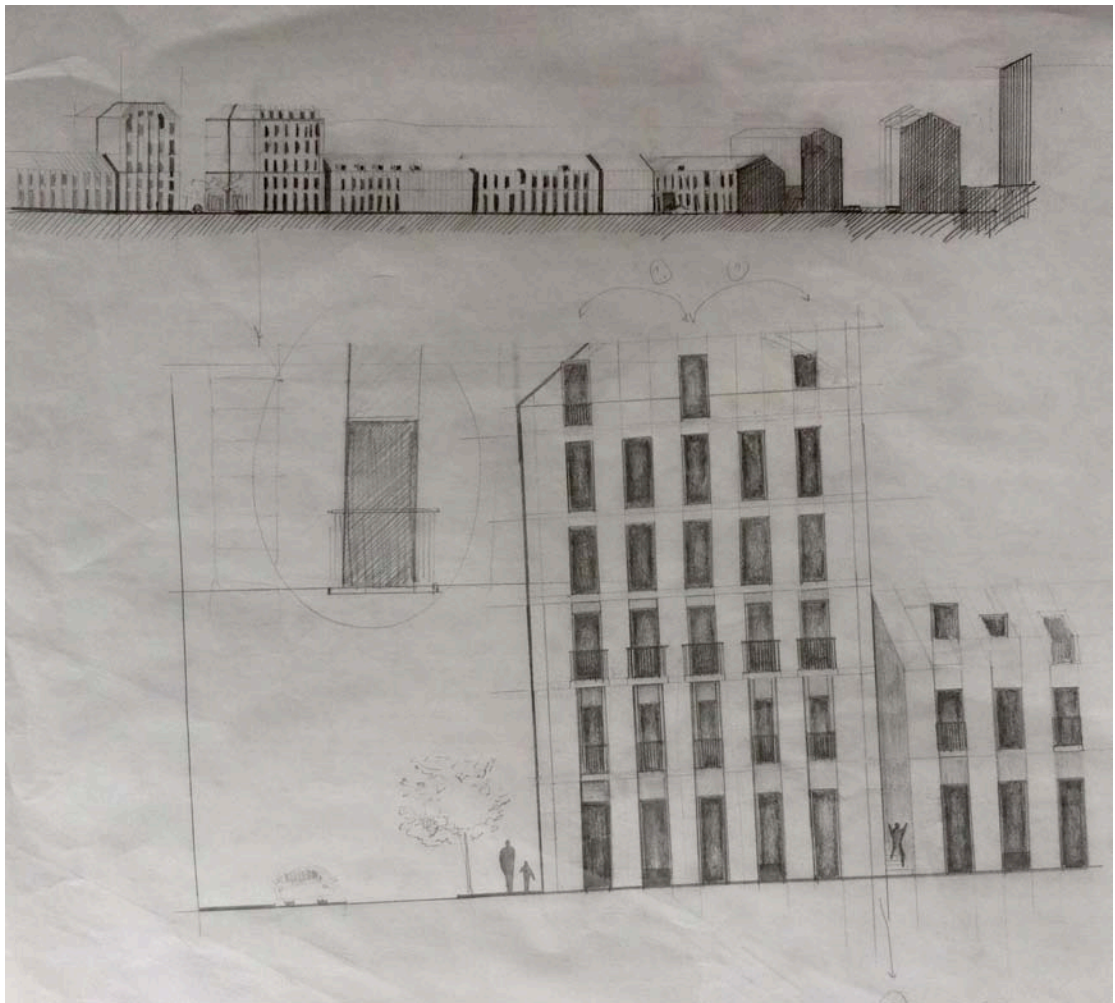
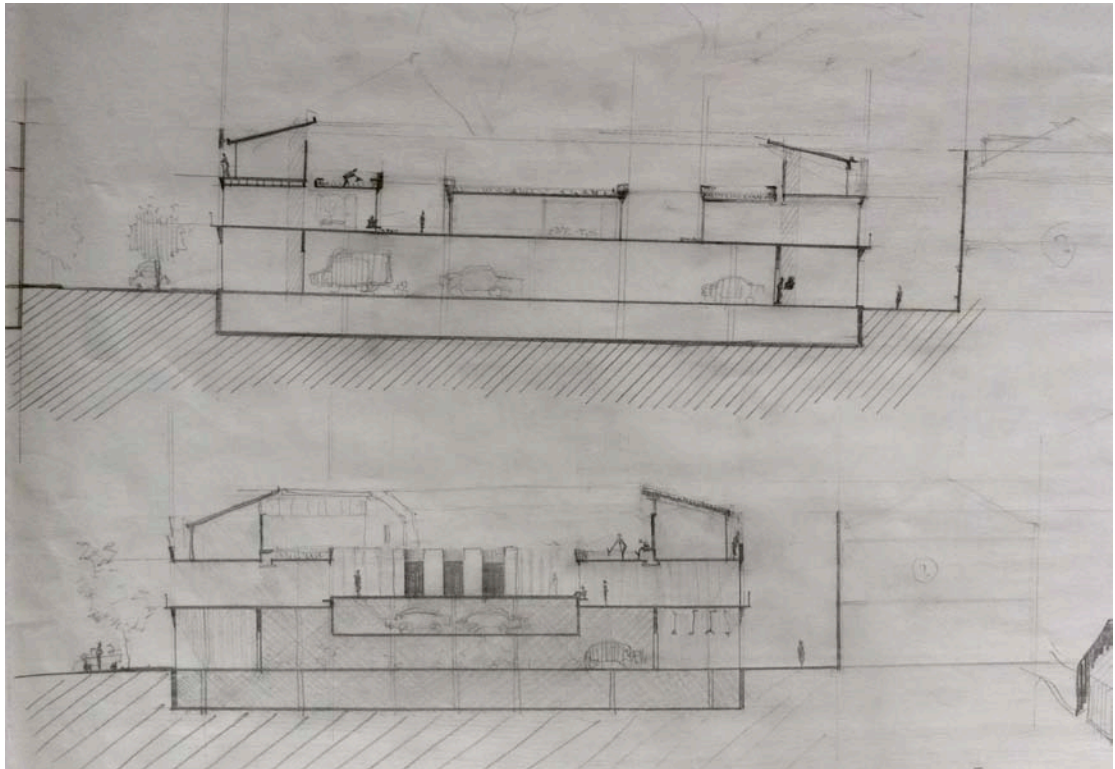
PROCESO



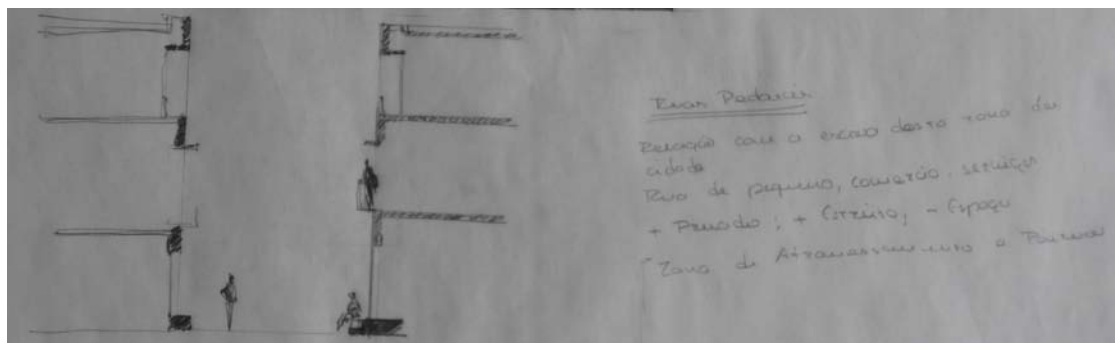
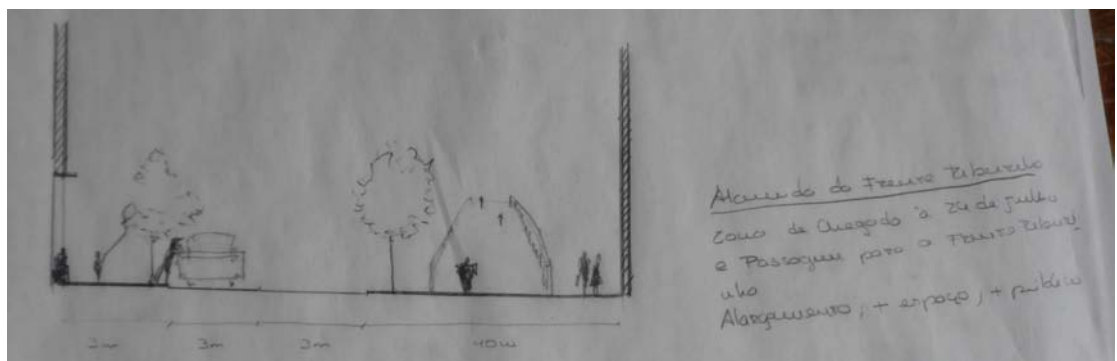
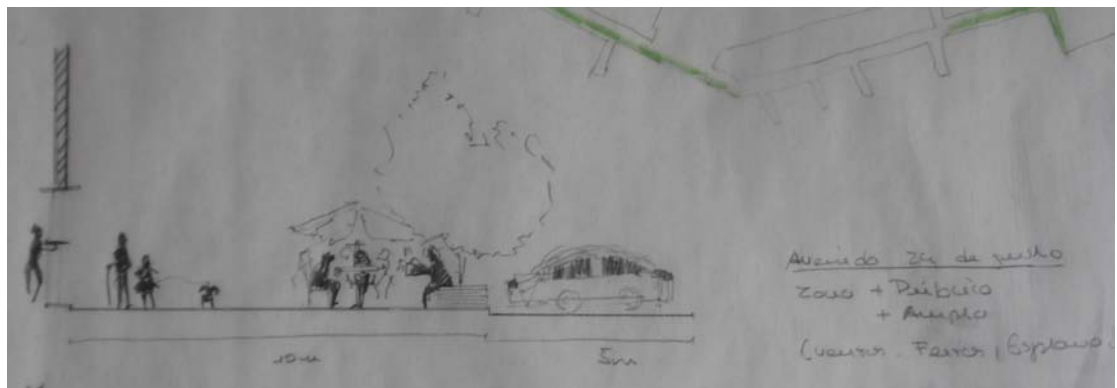




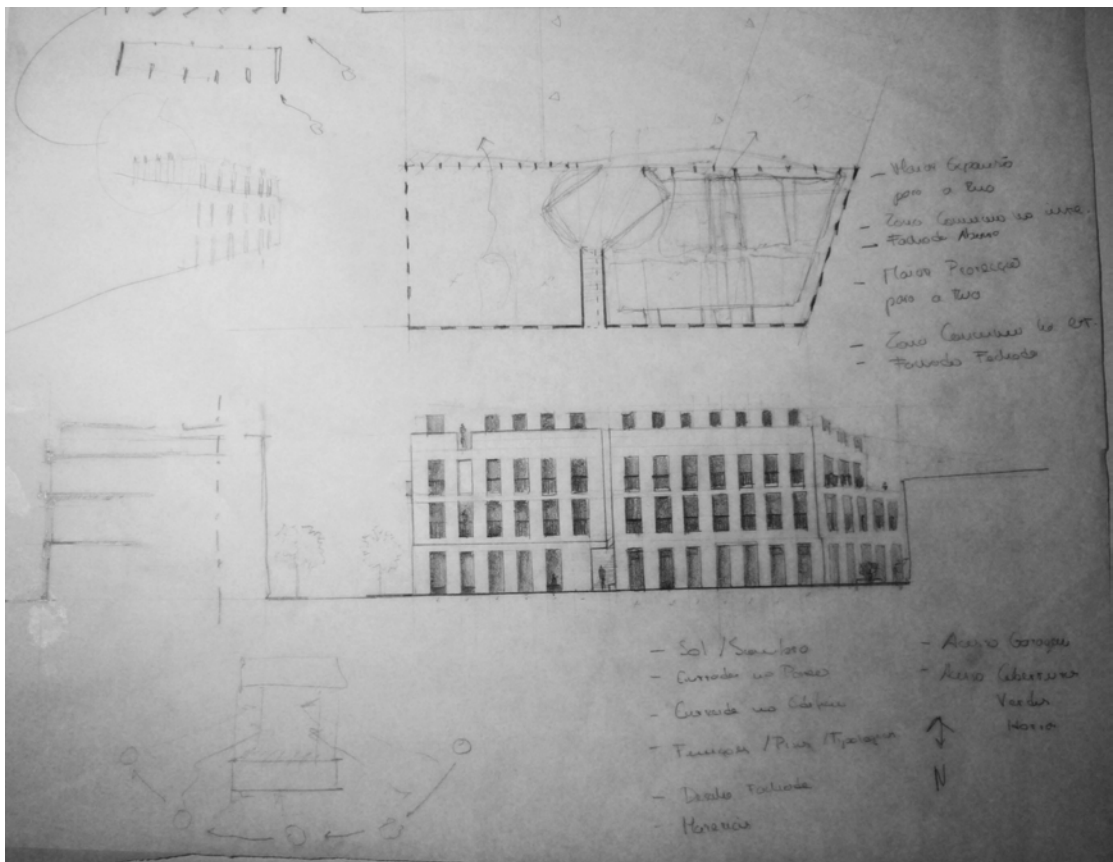
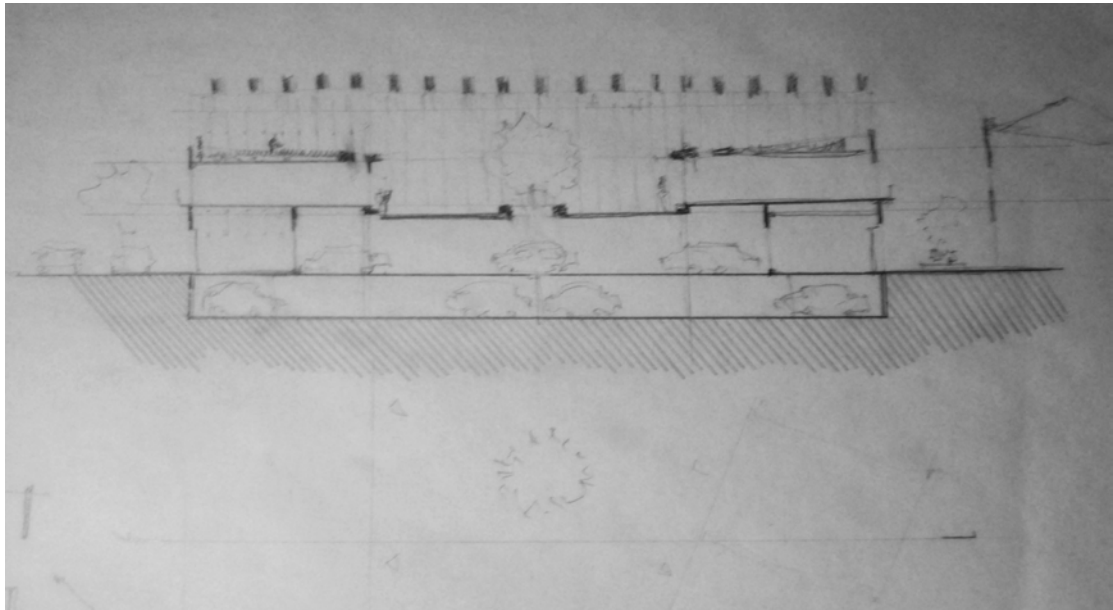


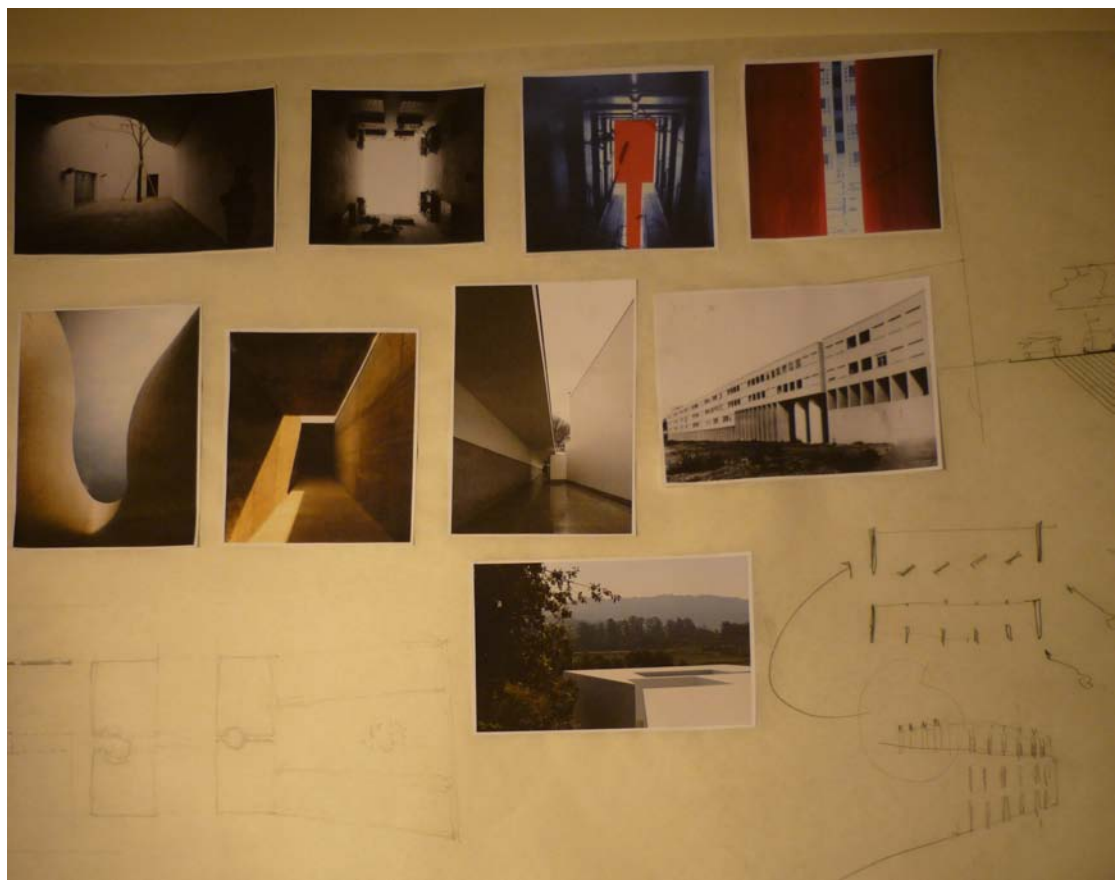


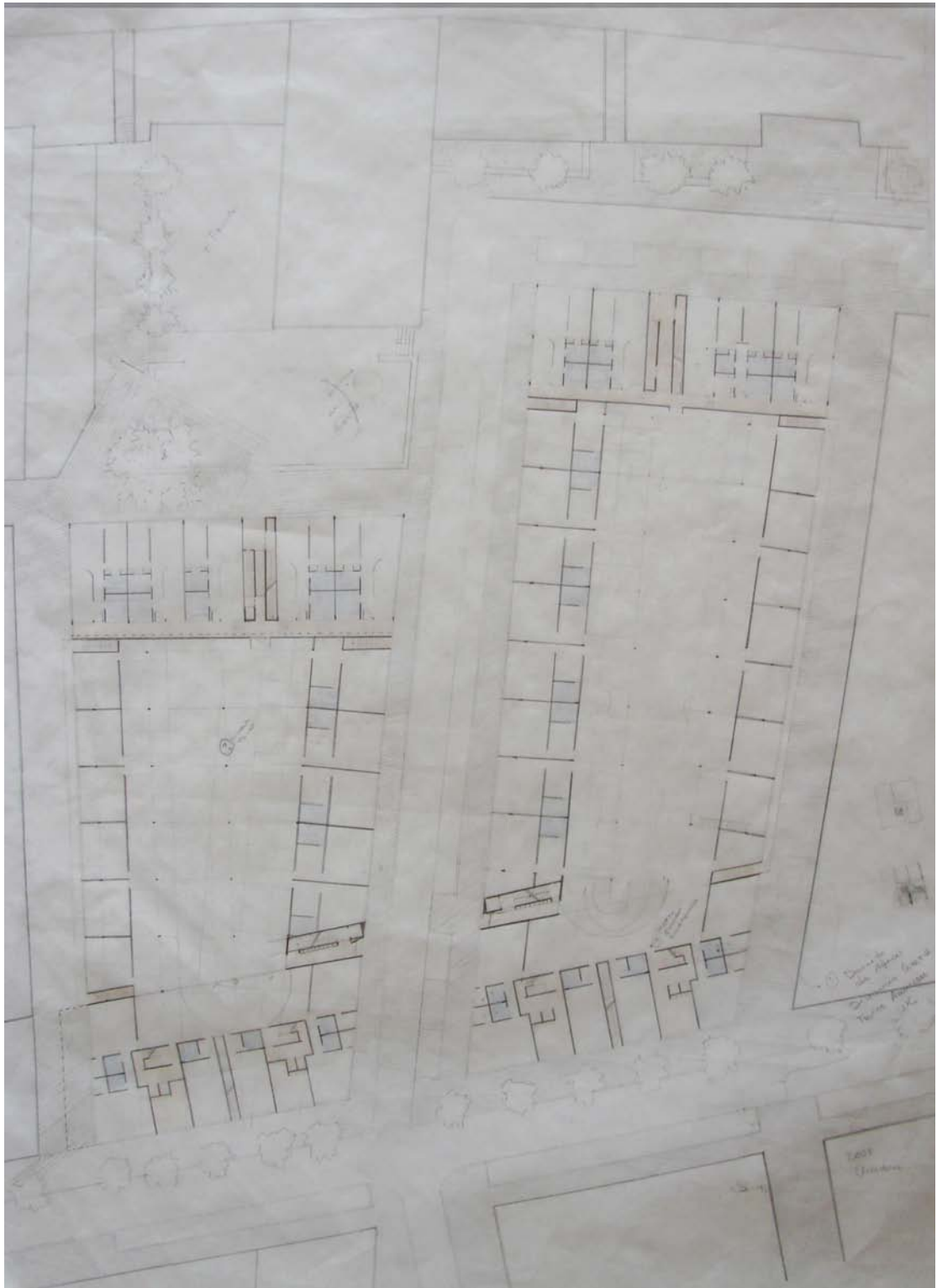




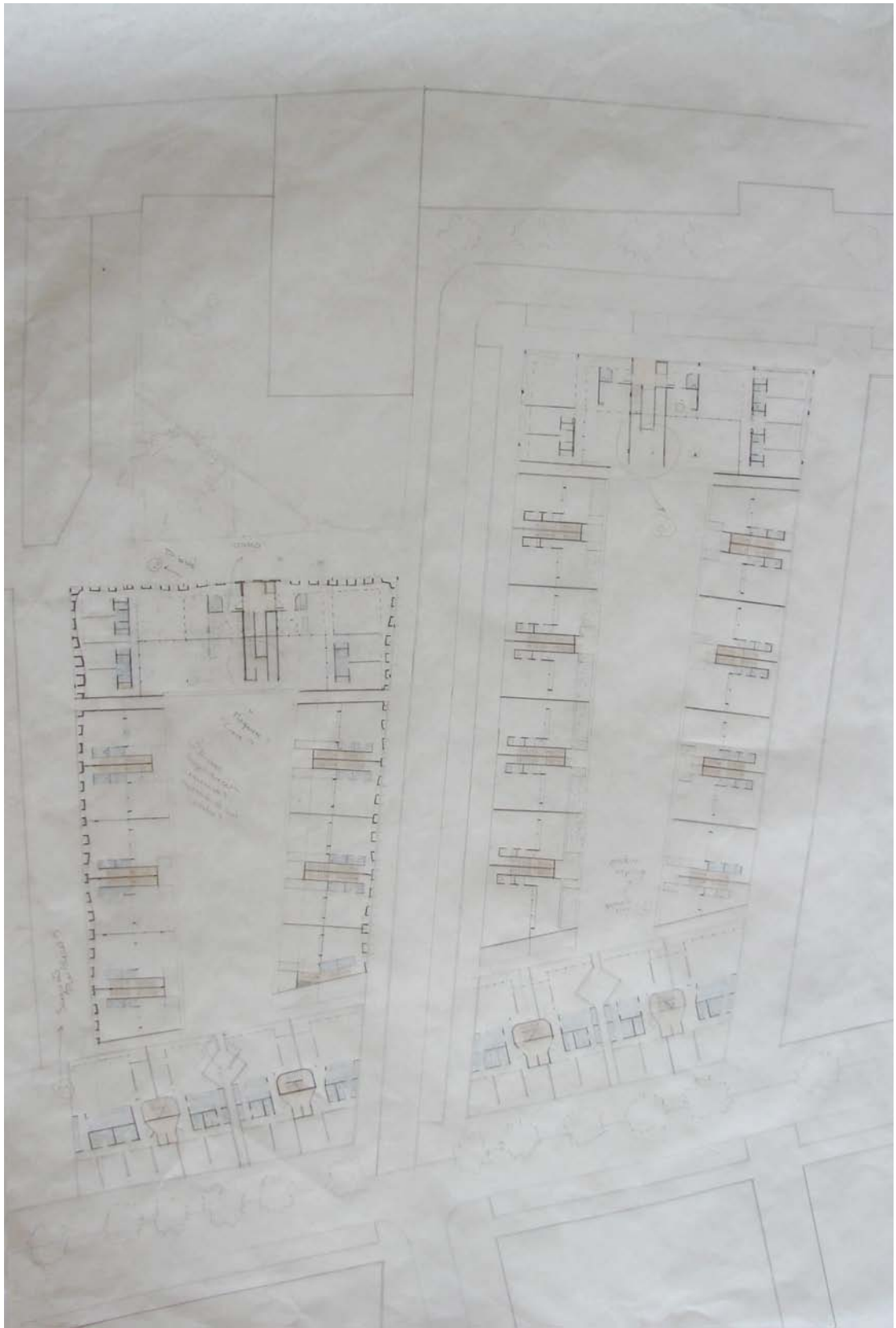




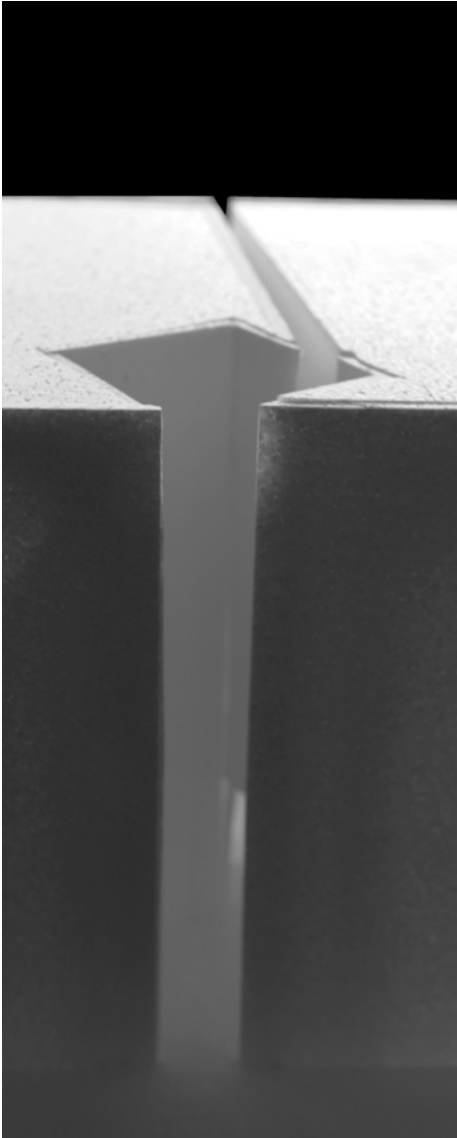
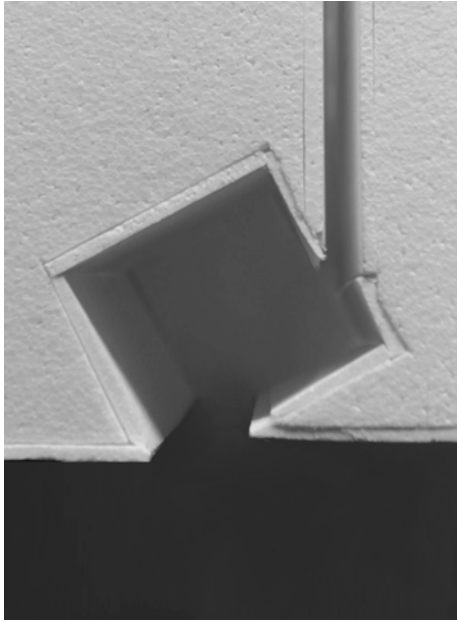


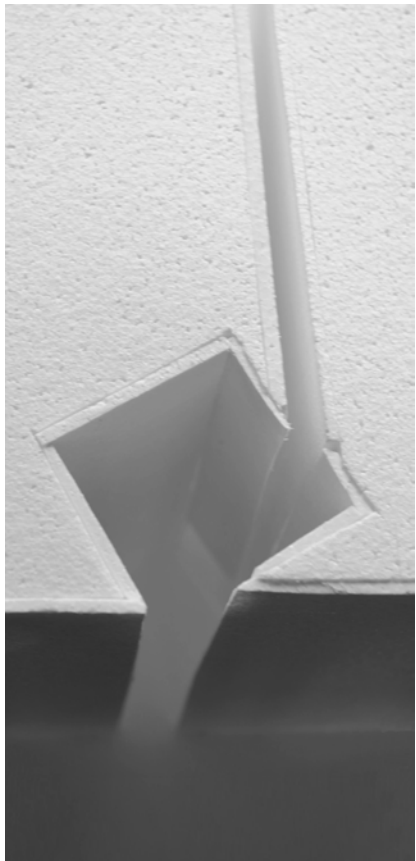
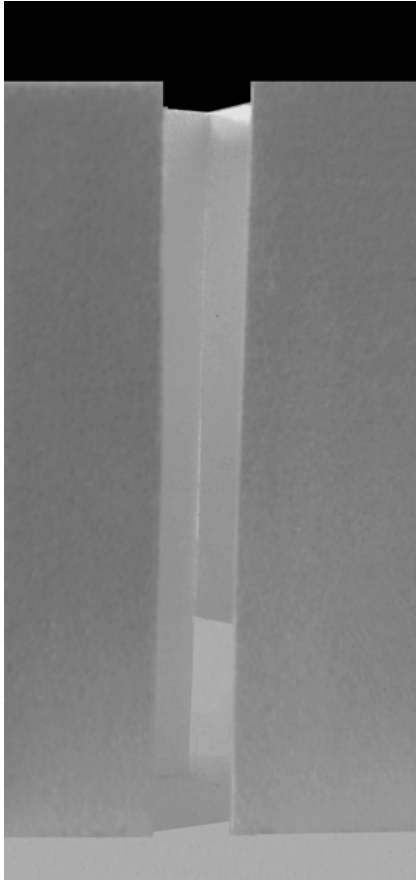


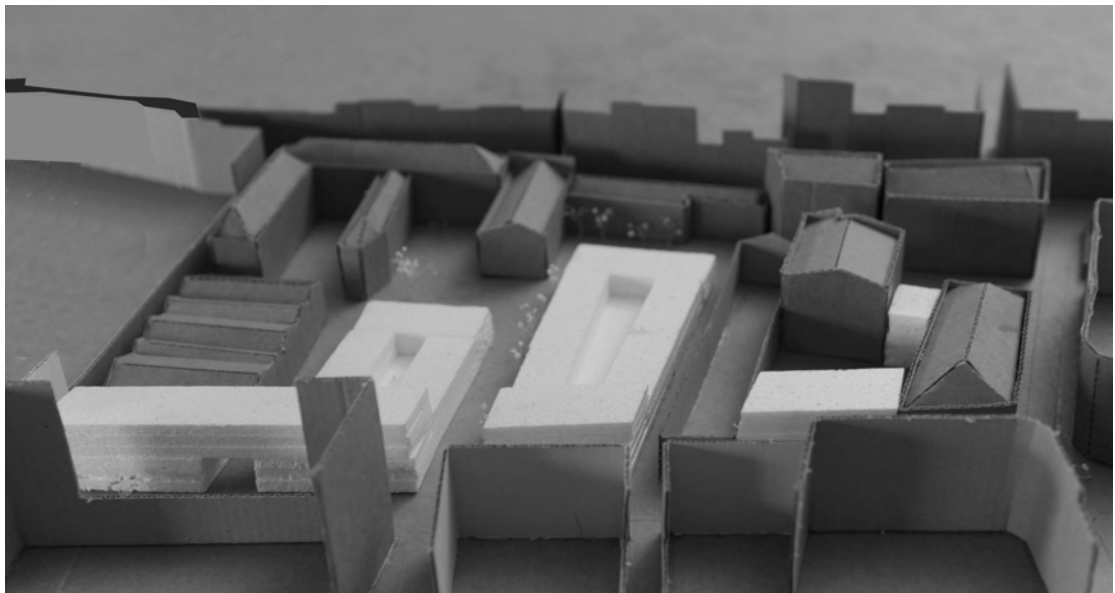
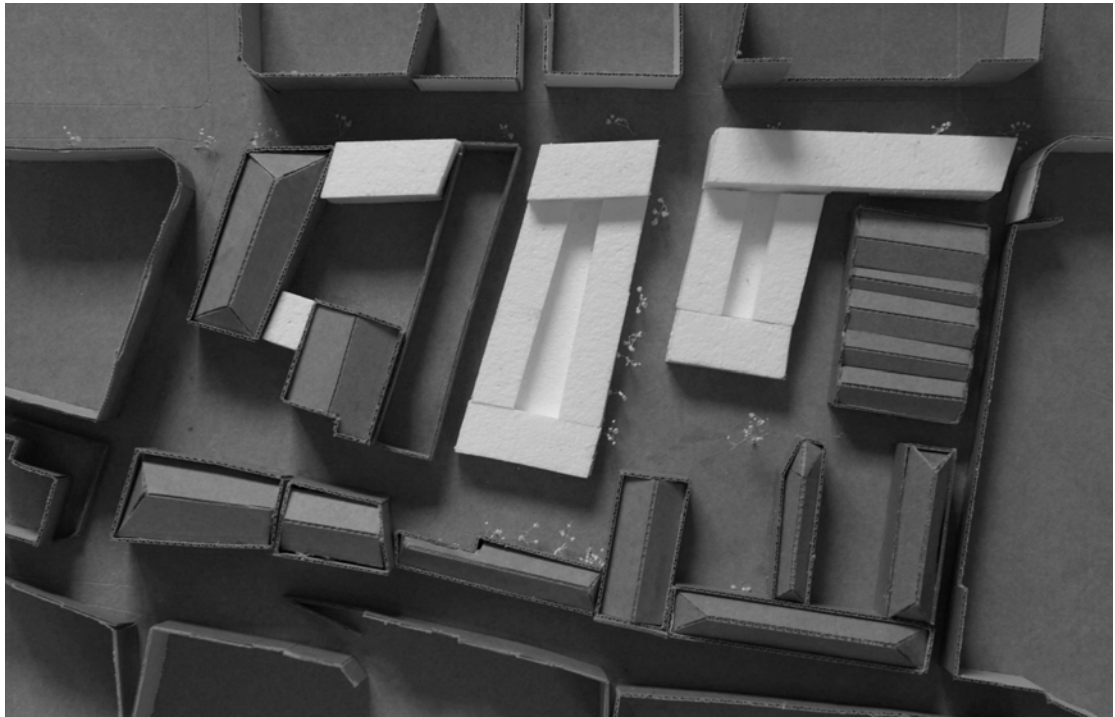


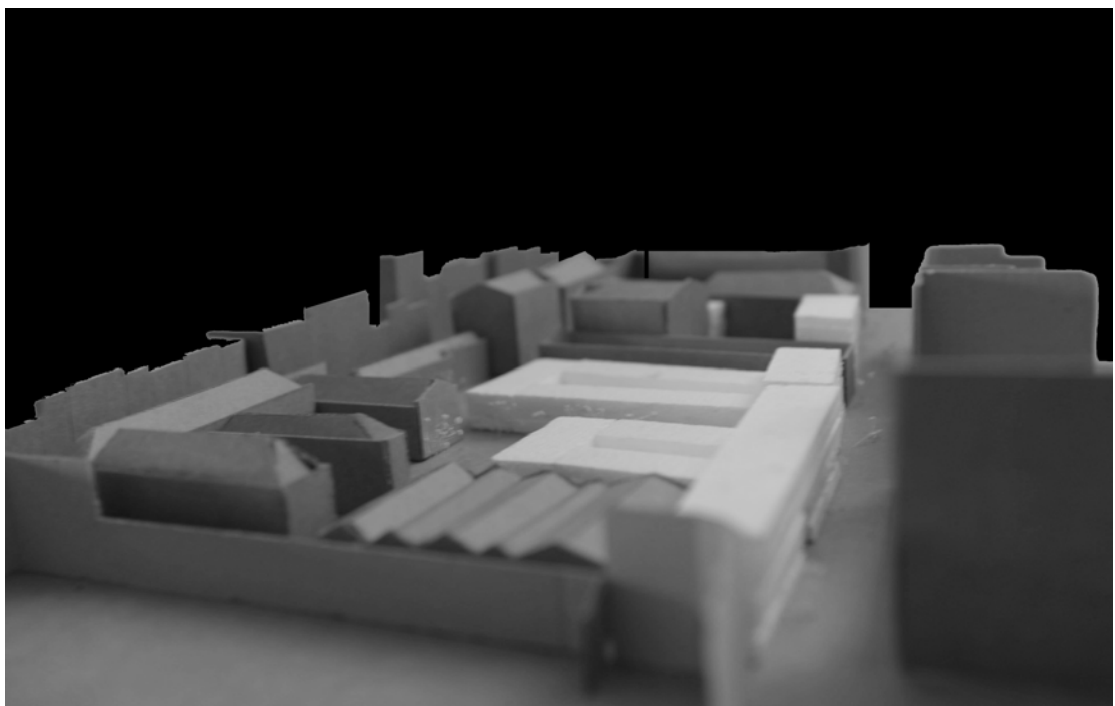
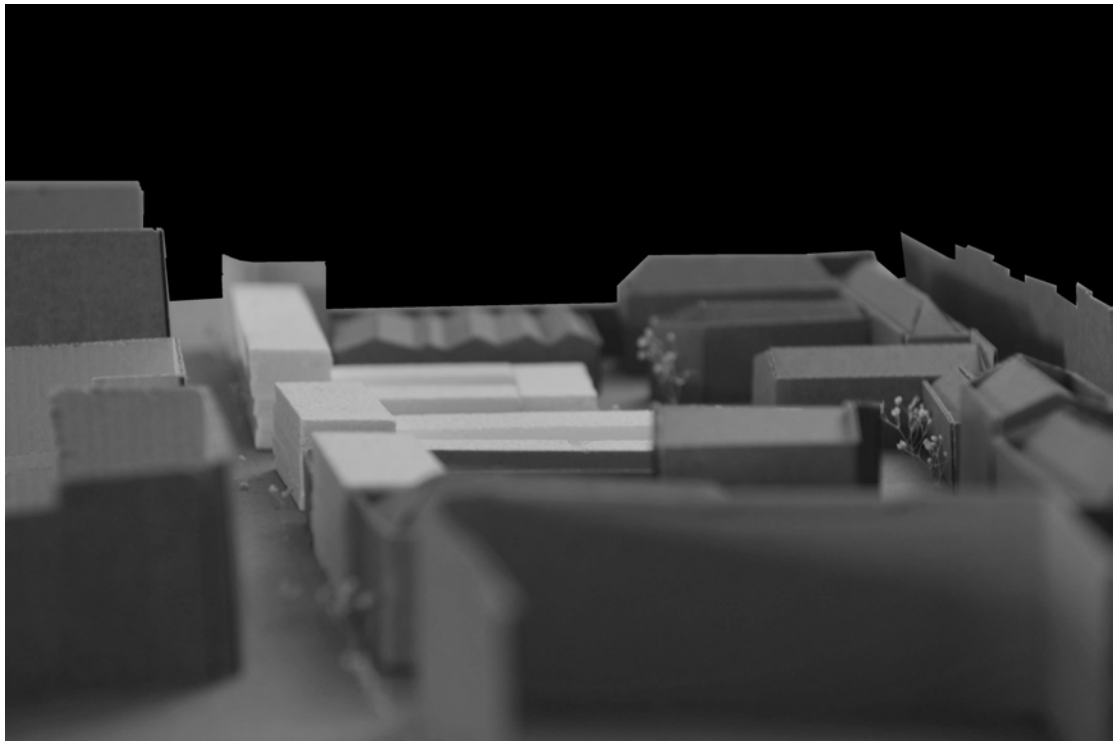


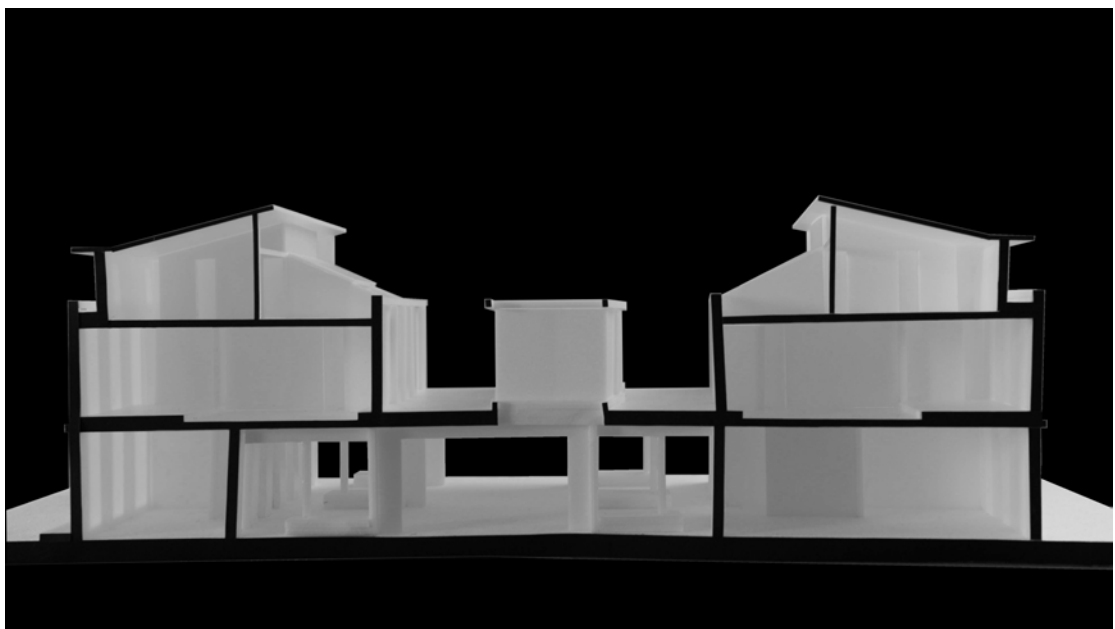
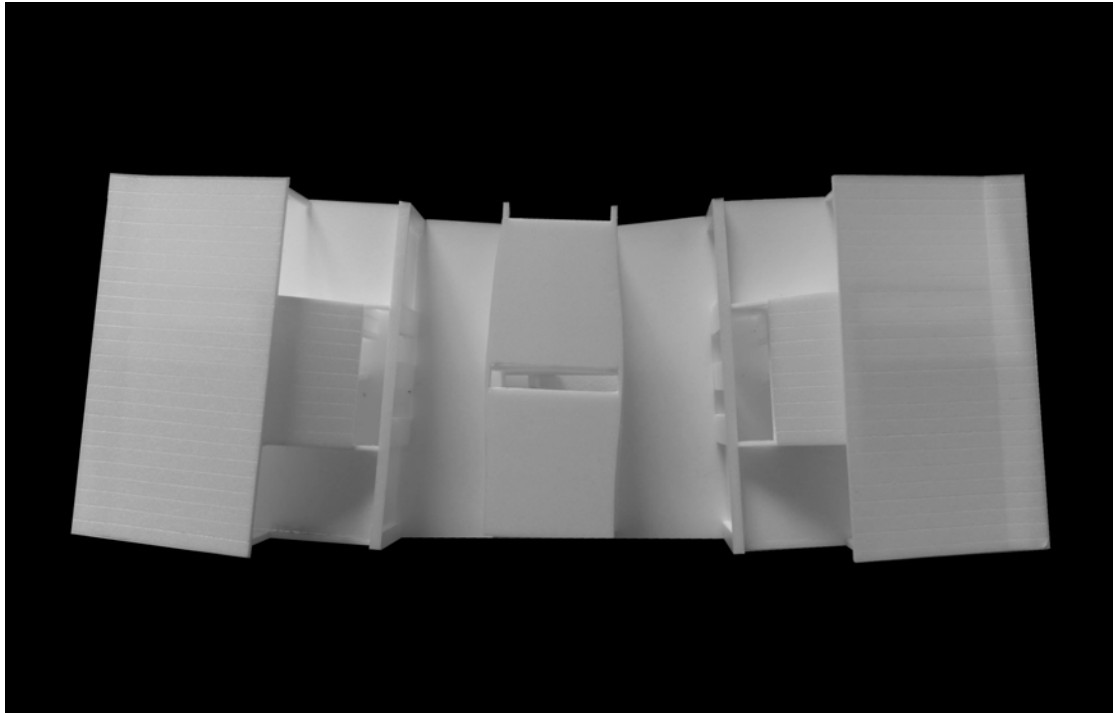


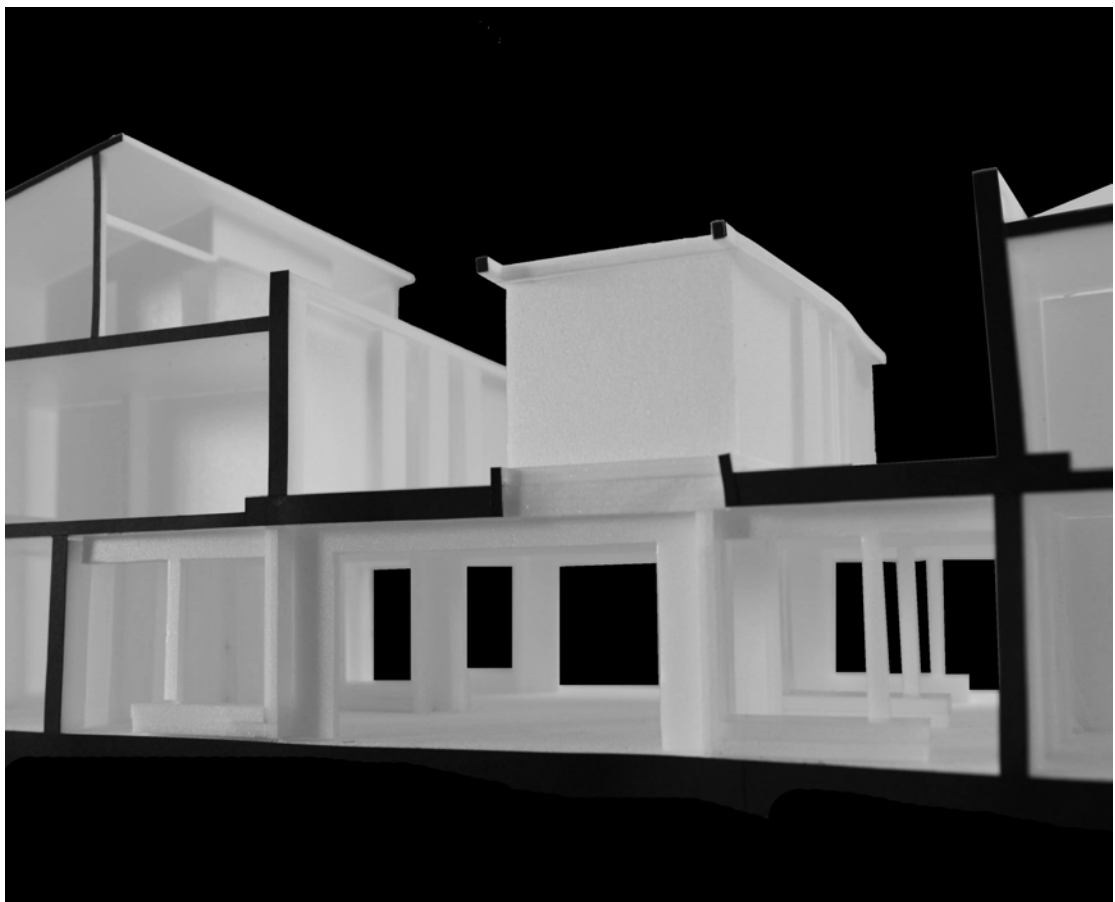
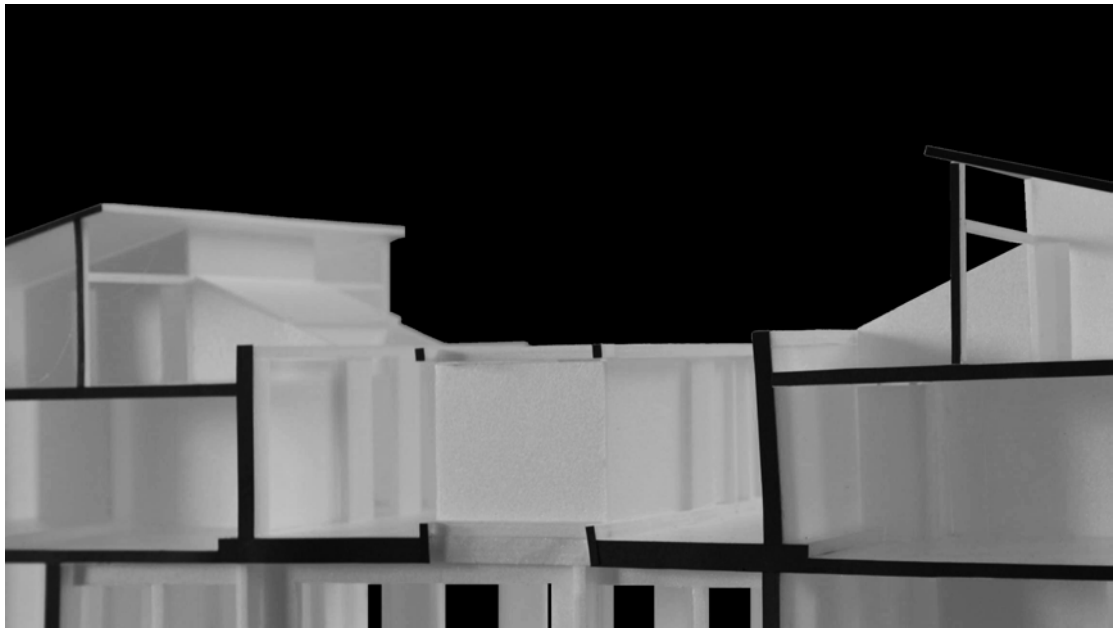


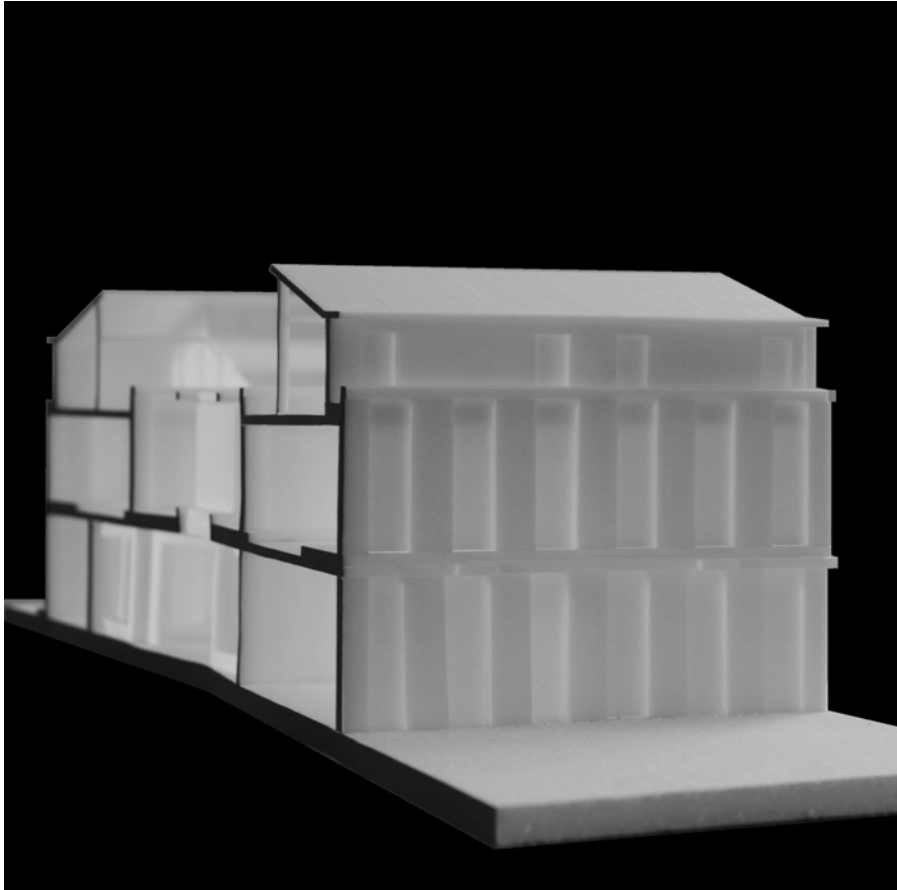


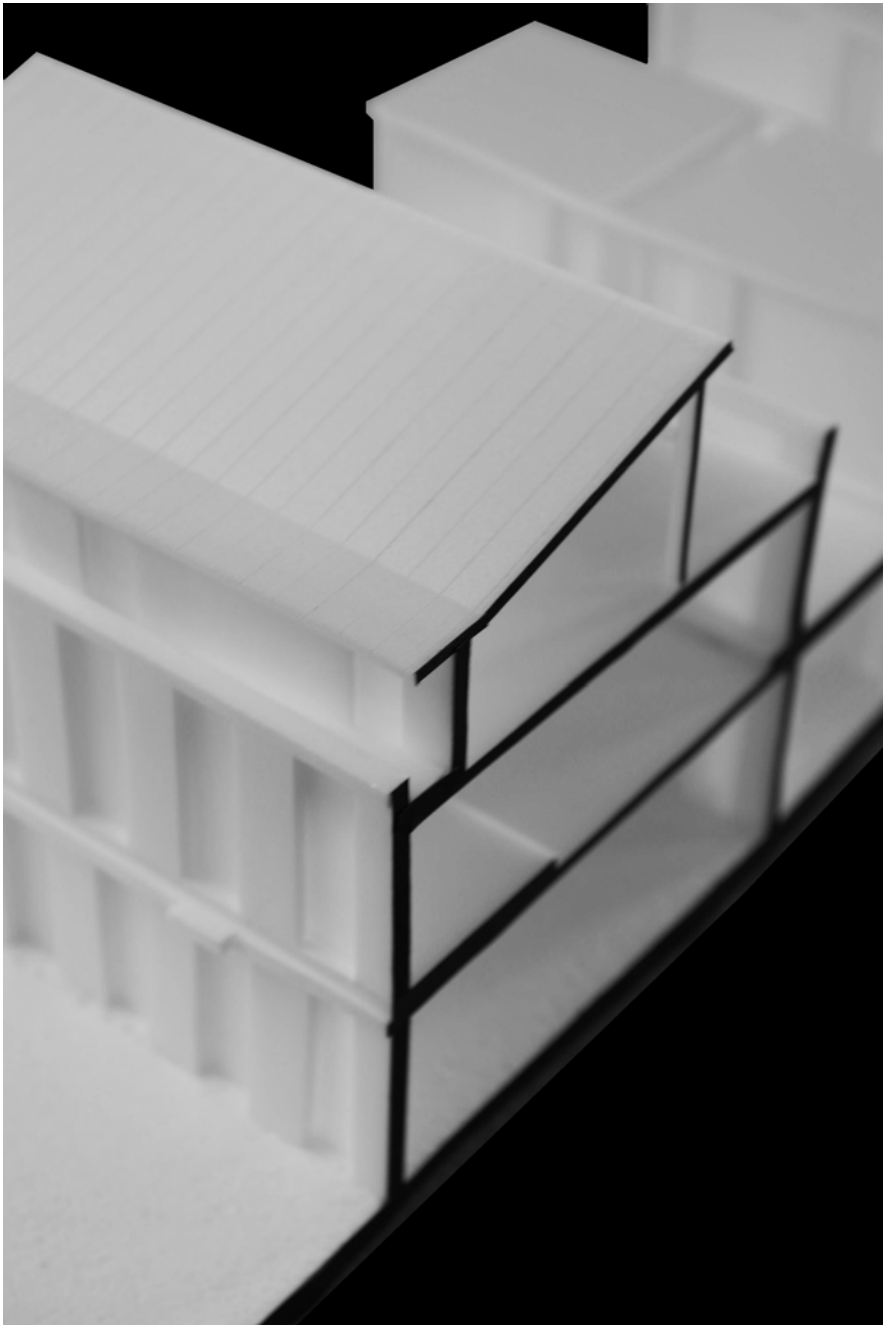


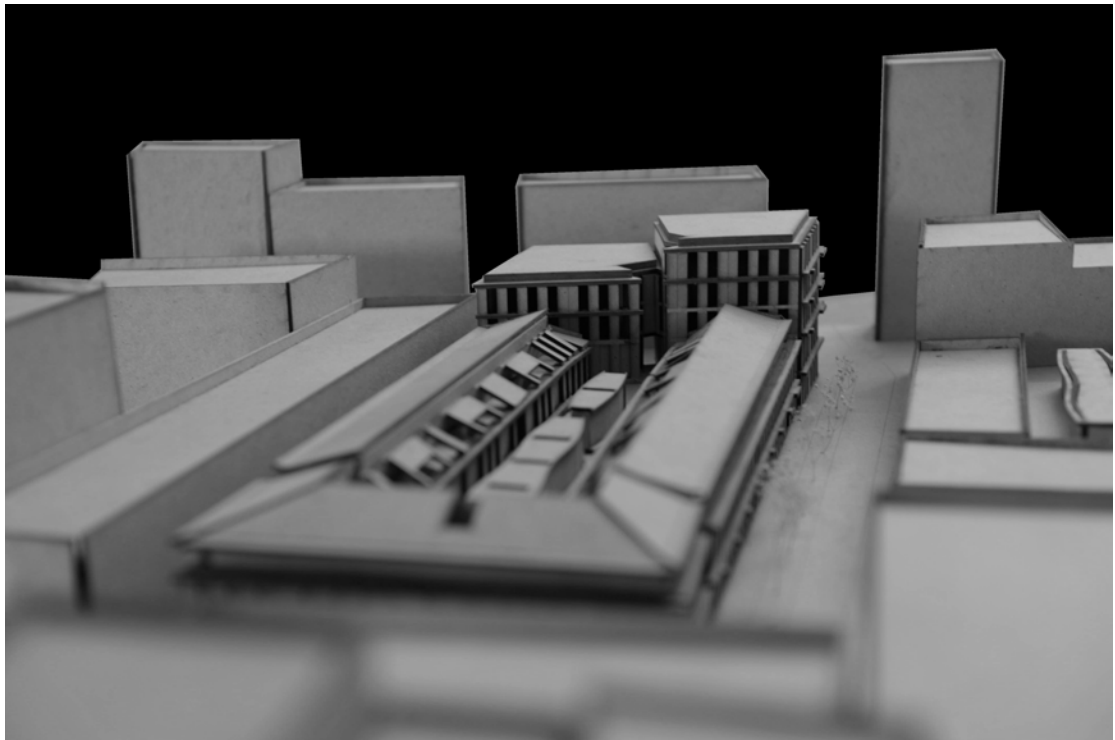
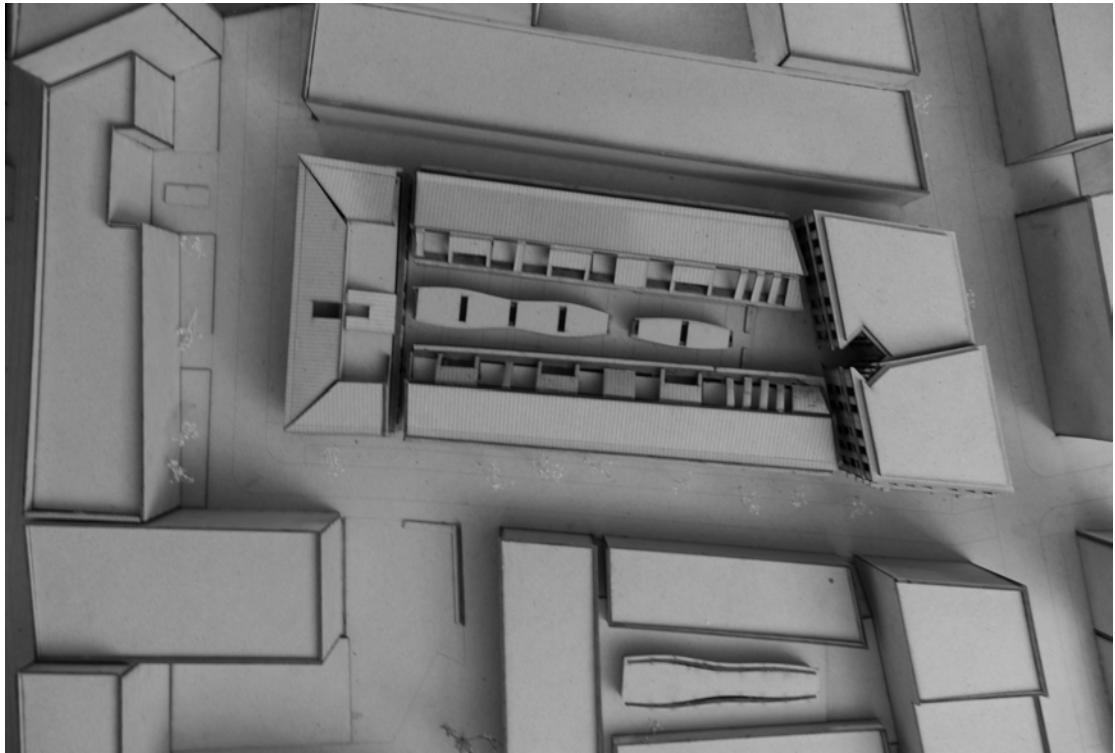


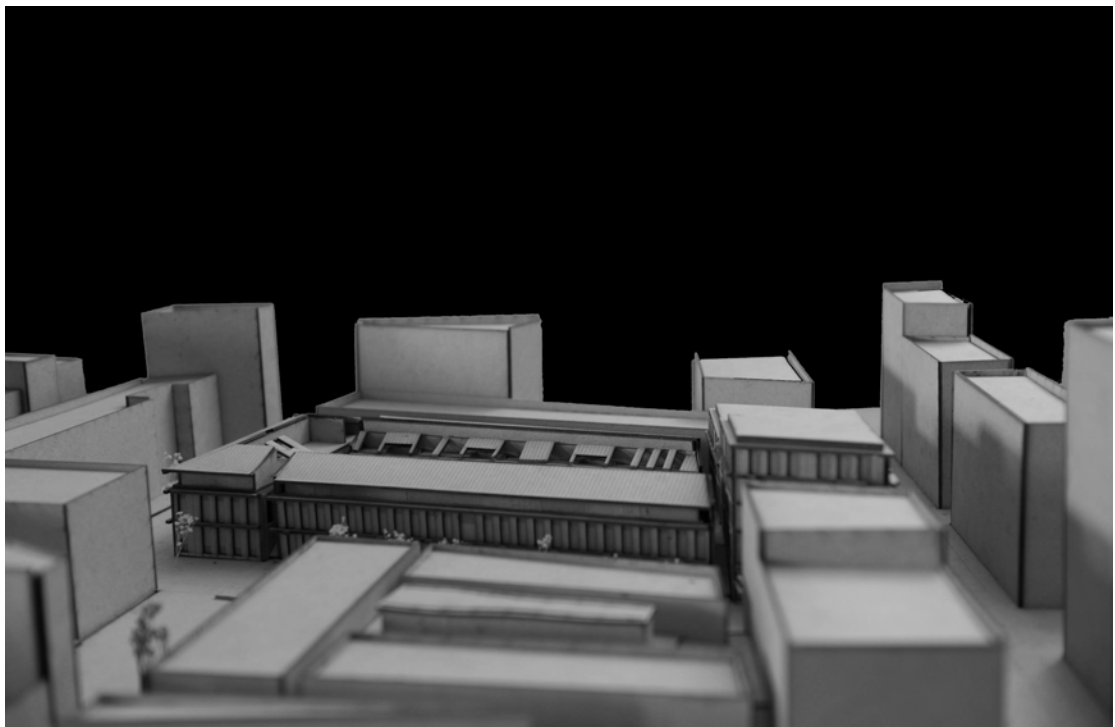
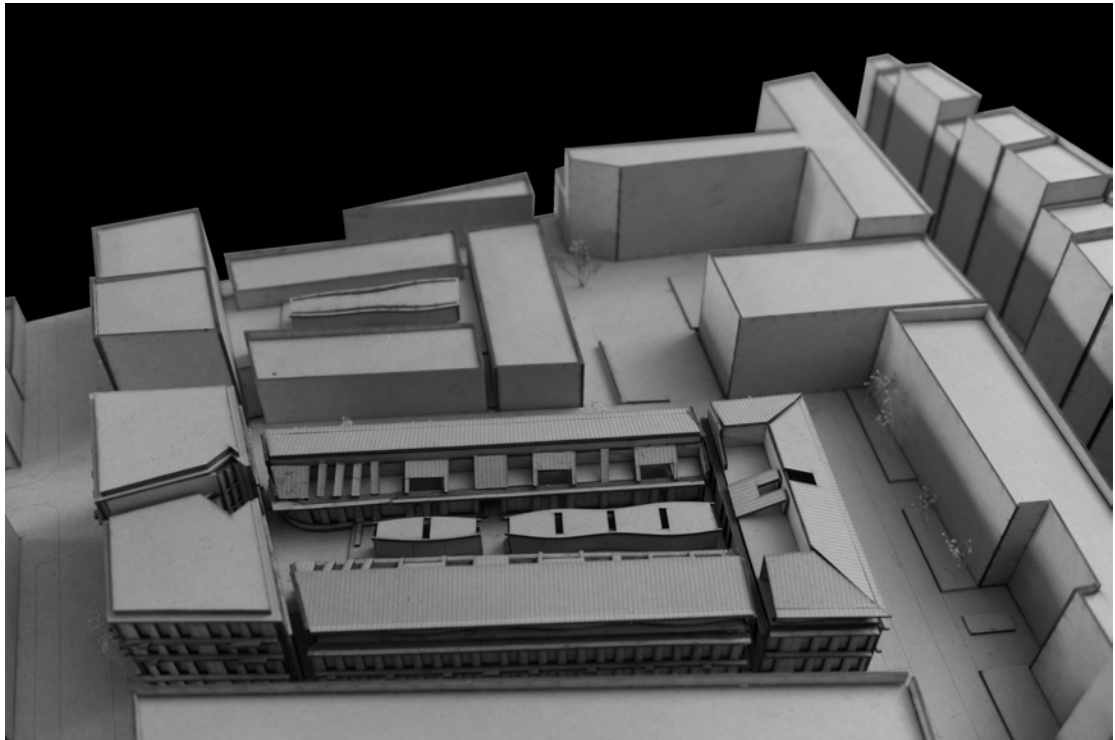


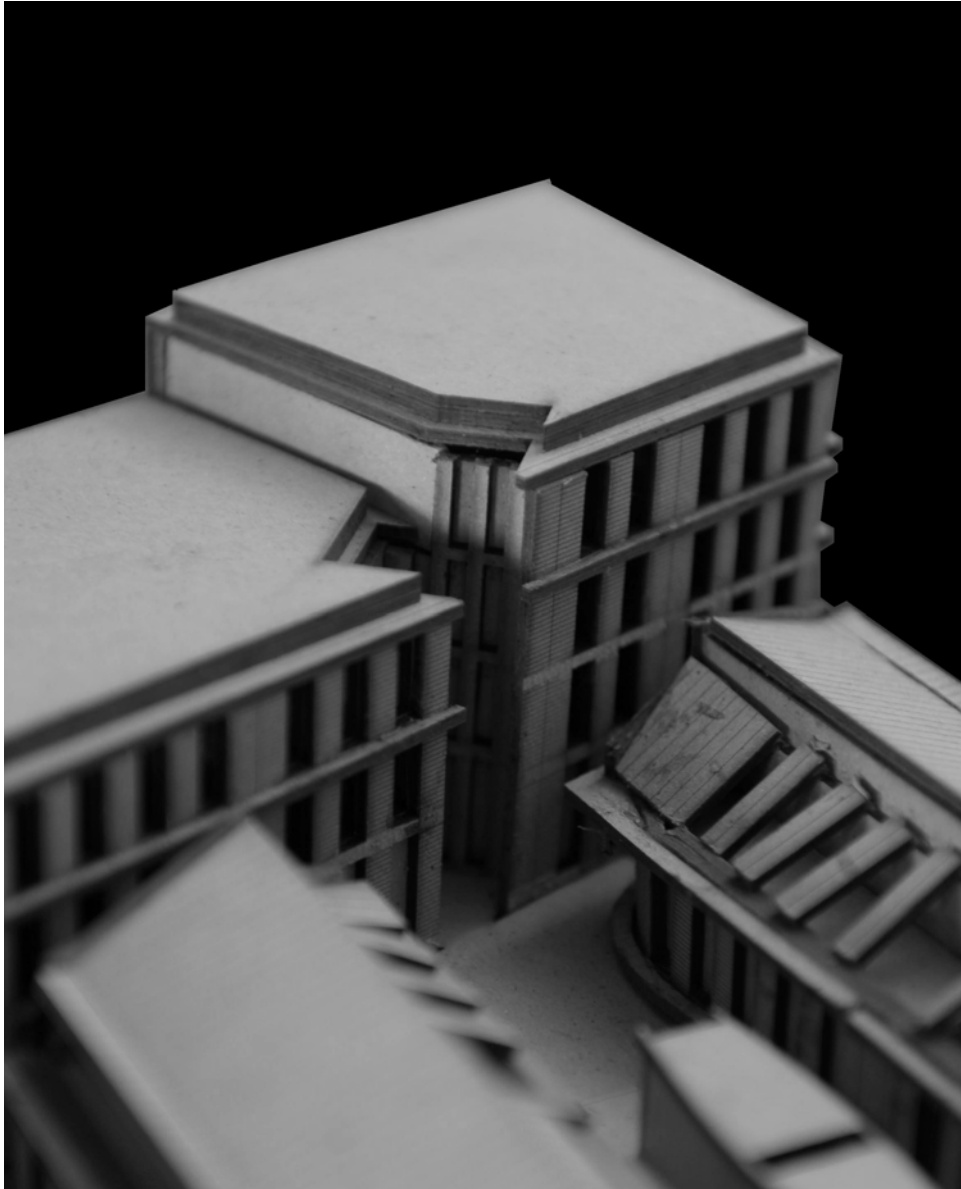


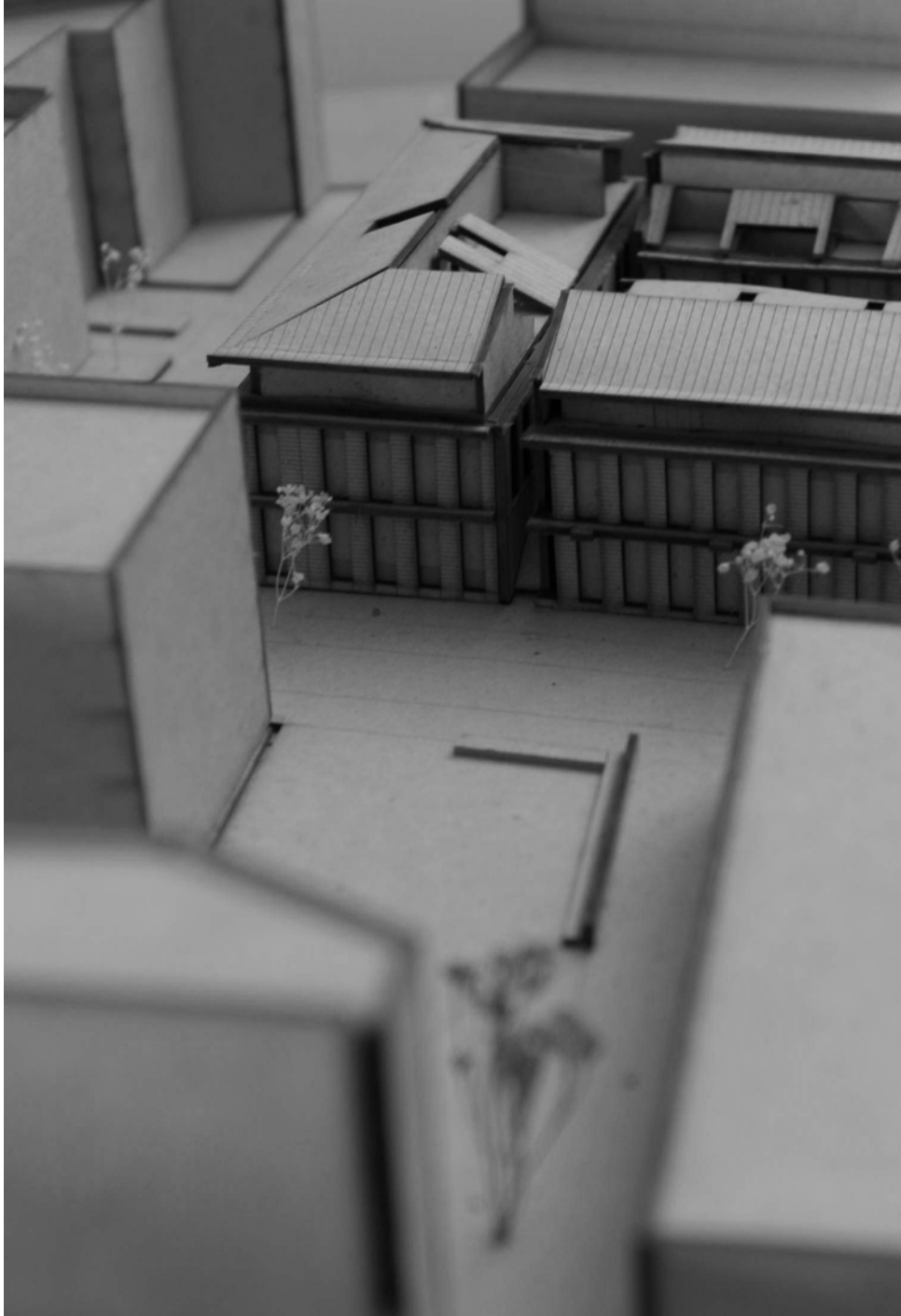


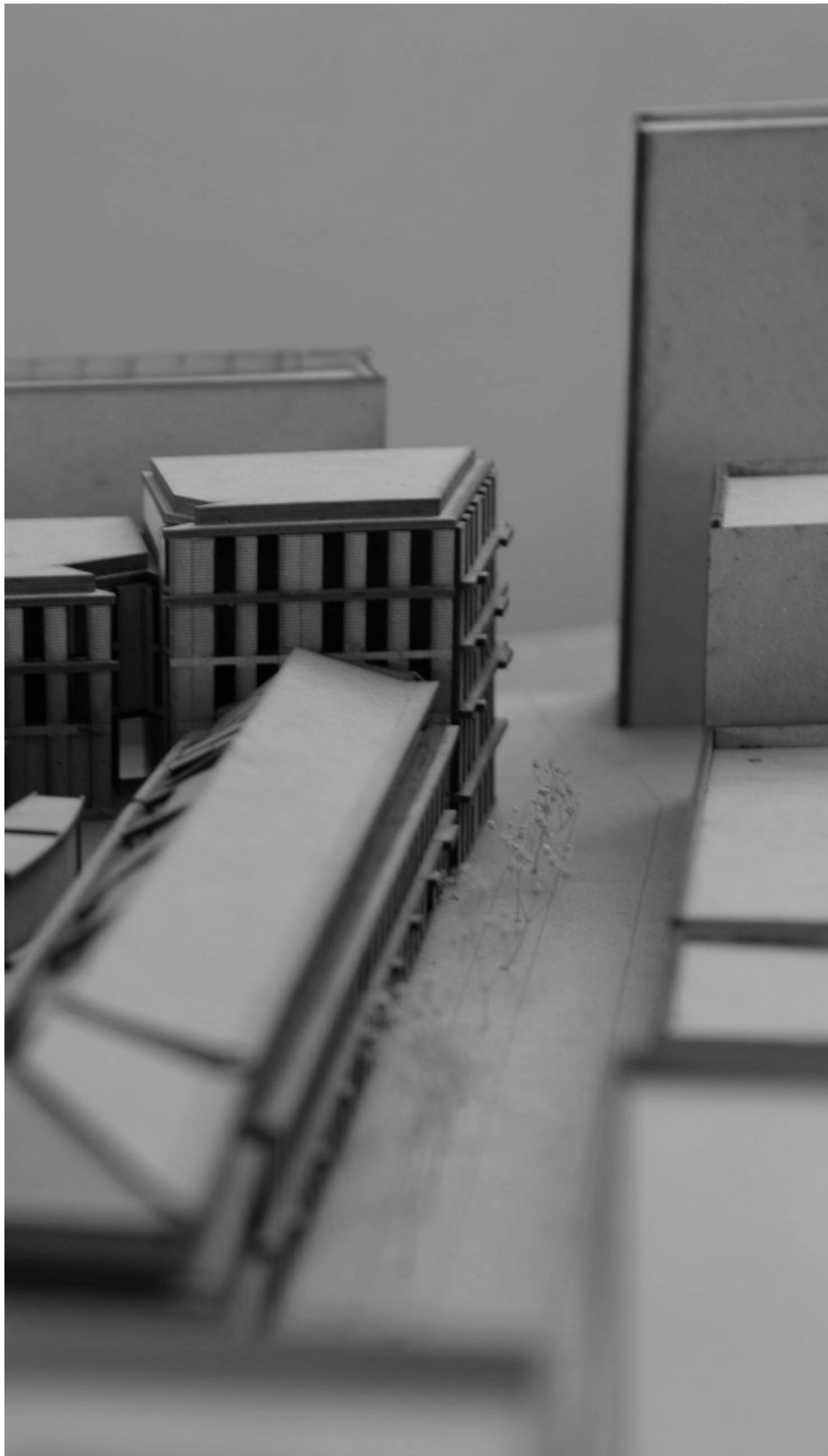














SUPLEMENTOS GRÁFICOS

QUADRO DE PRINCIPIOS DE CONTINUIDADE DA CIDADE

PRINCÍPIOS DE CONTINUIDADE DA CIDADE

Sendo este estudo centrado na importância da continuidade da cidade e da sociedade como um sistema único e indissociável, será essencial a compreensão das implicações que a (re)organização espacial e formal do espaço colectivo - como lugar onde a vida urbana alcança a sua expressão máxima - terá na organização social da vida urbana.

No entanto, apesar destes princípios poderem ser indicados, estão intrinsecamente dependentes da sua envolvente interventiva. Dar resposta às mudanças e alterações da cidade é dar uma resposta informada sobre a vida urbana, tendo em conta, o lugar. Seria incoerente e utópico, pensar nos princípios de continuidade da vitalidade das cidades, como princípios únicos e certos, desprendidos das respectivas "circunstâncias", como diz Fernando Távora. Dar continuidade, é ter consciência da envolvente em que cada intervenção se insere e saber dar resposta e continuidade àquilo com que nos deparamos em cada lugar específico.

Com isto, é preciso entender que os princípios que serão, nas próximas páginas indicados e suportados por esquemas, referências e as suas respectivas implicações na vida urbana, são temáticas que não devem ser esquecidas nem ultrapassadas inconscientemente durante o trabalho do Arquitecto, sem antes serem tidas em conta as suas implicações na organização da sociedade.

CONTINUIDADE ESPACIAL

1. PROPORÇÃO - A proporção entre o espaço contruido e não construido é um dos primeiros princípios de organização espacial da cidade. Assim se constrói um tecido urbano com um espaço público mais disperso ou mais concentrado, e consequentemente, uma vida urbana mais dispersa ou mais concentrada.



Ipanema e Leblon - Rio de Janeiro - Brasil



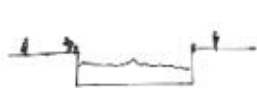
Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - Brasil



2. LIGAÇÃO / BARREIRA - A existência de ligações ou barreiras no tecido urbano é um princípio que é importante ter em conta em qualquer intervenção e alteração sobre o a cidade, pois tanto pode favorecer como prejudicar seriamente as práticas da sociedade.



Elevador de Santa Justa - Lisboa - Portugal



Paredão Elevado - Antuérpia - Bélgica



Muro de Berlim - Berlim - Alemanha



Implicações Espaciais e Sociais

CONCENTRAÇÃO

- Concentração dos espaços públicos
- Aumento da possibilidade de encontros
- Maior conforto
- Maior intimidade
- Escala do homem
- Eventual falta de espaços de lazer
- Diminuição do número de actividades
- Imposição de encontros
- Menor segurança e vigilância do espaço público devido ao elevado número de ocupantes
- Maior segurança e vigilância do espaço público

DISPERSÃO

- Dispersão do espaço público
- Diminuição da possibilidade de encontros
- Menor conforto
- Escala do automóvel
- Menor abrigo do sol, vento, chuva
- Maior insegurança

Implicações Espaciais e Sociais

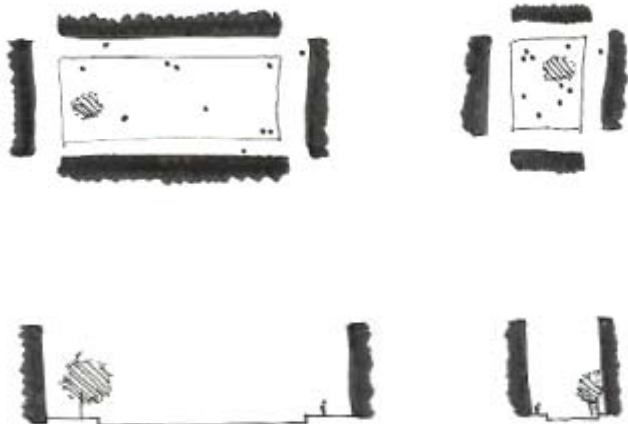
CONTINUO

- Aproximação visual e/ou física
- Facilidade de encontros
- Continuidade do tecido urbano
- Ligação dos espaços públicos
- Maior contágio da vida urbana

DESCONTINUO

- Distanciamento visual e/ou físico
- Dificuldade de encontros
- Descontinuidade do tecido urbano
- Interrupção dos espaços públicos
- Menor contágio da vida urbana

3. ESCALA - A escala dos espaços públicos tem implicações, na qualidade do espaço e, consequentemente, na quantidade de utilização dos mesmos. A escala destes espaços tem a maior importância na organização da cidade, pois é através dela que é construída uma hierarquia do espaço público e, consequentemente das práticas da sociedade. A utilização errada da escala dos espaços públicos cria lugares desapropriados da sua função que levam, na maioria das vezes, à criação de vazios e de lugares de ninguém.



Praça do Comércio - Lisboa - Portugal



Largo de São Miguel - Lisboa - Portugal



Figuras do livro Life Between Buildings

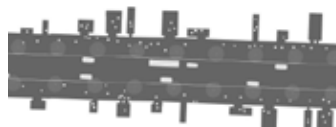
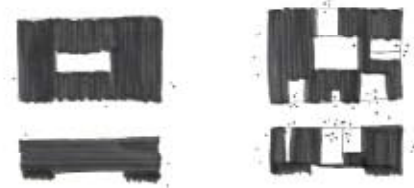
4. DIVERSIDADE - A diversidade na existência de espaços e equipamentos públicos na cidade dá origem a uma cidade diversa, com uma escala de vizinhança mais próxima, mais percorível e mais utilizada. Cria-se desta maneira uma vida urbana mais rica.



Figuras do livro Rehabitar



5. PISO TÉRREO - A continuidade na existência de espaços públicos ou privados em constante contacto com a rua, fazem com que o espaço público seja "visitado" e "ativado" com maior frequência pelo espaço privado, dando origem a uma vida urbana com mais intensidade.



Figuras do livro Rehabitar



Figuras do livro Life Between Buildings



Implicações Espaciais e Sociais

- Sobre-dimensionamento
- Demasiada exposição - sensação de desabrigo
- Dispersão da população
- Menor contacto
- Insegurança por falta de concentração
- Imprime importância hierárquica na cidade
- Sub-dimensionamento
- Insalubridade
- Sombra
- Insegurança por demasia de concentração

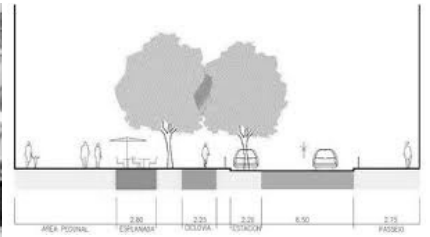
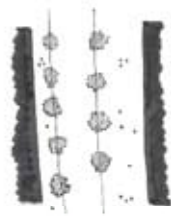
Implicações Espaciais e Sociais

- Homogeneidade
- Concentração de equipamentos da mesma tipologia
- Segregação da cidade
- Diminuição da deslocação pedonal
- Maior dependência de transportes
- Menor possibilidade de encontro
- Maior insegurança
- Diversidade
- Equipamentos diversificados por unidade de vizinhança
- Aumento da deslocação pedonal
- Proximidade
- Aumento da possibilidade de encontro
- Maior segurança

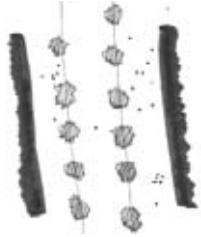
Implicações Espaciais e Sociais

- Fechado
- Menor activação do espaço público
- Espaços públicos menos vividos
- Maior insegurança
- Maior desconforto
- Menor possibilidades de encontro
- Aberto
- Maior activação do espaço público
- Espaços públicos mais vividos
- Maior segurança
- Maior contacto e interacção social

6. VISIBILIDADE - A visibilidade sobre o espaço público é um dos principais factores que previnem com maior eficácia a segurança nas cidades. O espaço público, embora deva oferecer zonas de maior e menor isolamento deve, ainda assim, prevenir uma grande dispersão do mesmo para que se continue a propiciar situações de encontro e de interacção social ou apenas algum controle através do olhar público.



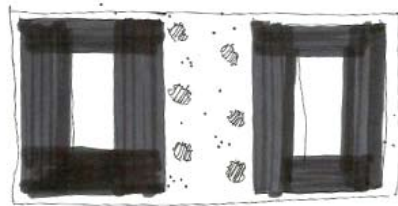
Rua Duque D'ávila - Lisboa - Portugal



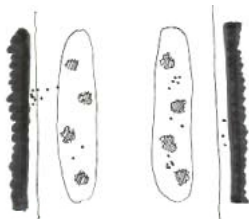
Avenida Guerra Junqueiro - Lisboa - Portugal



Avenida de Paris e Avenida Almirante Reis - Lisboa - Portugal



Alto dos Moinhos - Lisboa - Portugal



Avenida da Liberdade - Lisboa - Portugal



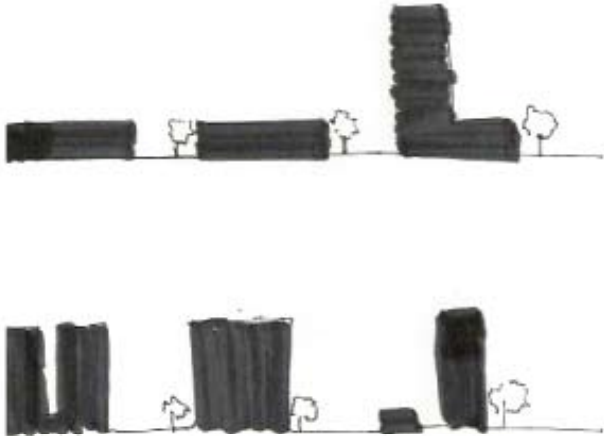
Jardim de Campo de Ourique - Lisboa - Portugal

Implicações Espaciais e Sociais

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">- Longe do olhar público- Maior insegurança- Maior oportunidade de vandalismo- Maior dispersão não só física mas também visual- Menor contacto físico e visual- Maior possibilidades de isolamento | <ul style="list-style-type: none">- Perto do olhar público- Maior segurança- Maior controlo sobre o espaço público- Maior concentração das actividades colectivas- Maior contacto físico e visual- Falta de alguns espaços de isolamento |
|---|---|

CONTINUIDADE ESPACIAL

1. ESCALA - A escala de um edifício deve ser uma decisão formal consciente no trabalho do arquitecto. A diferença de escala na continuidade formal da cidade, tanto pode ter implicações bastante apropriadas e contribuir para uma melhor organização da sociedade ou ser simplesmente inofensiva, bem como o contrário.



Pandreitje - Brugges - Bélgica



Amoreiras - Lisboa - Portugal



Torre Agdar - Barcelona - Espanha

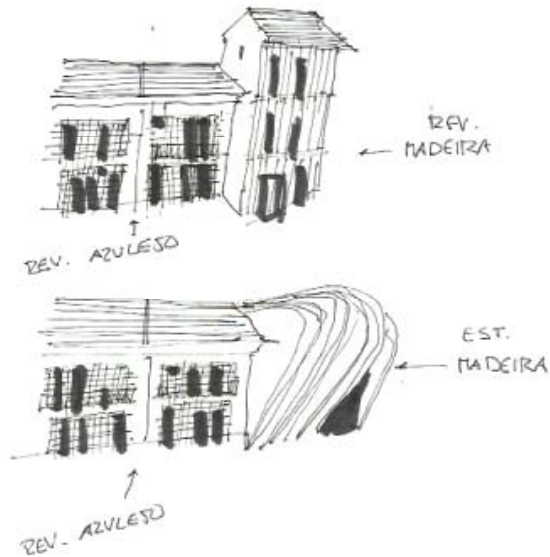


Nova Iorque - EUA

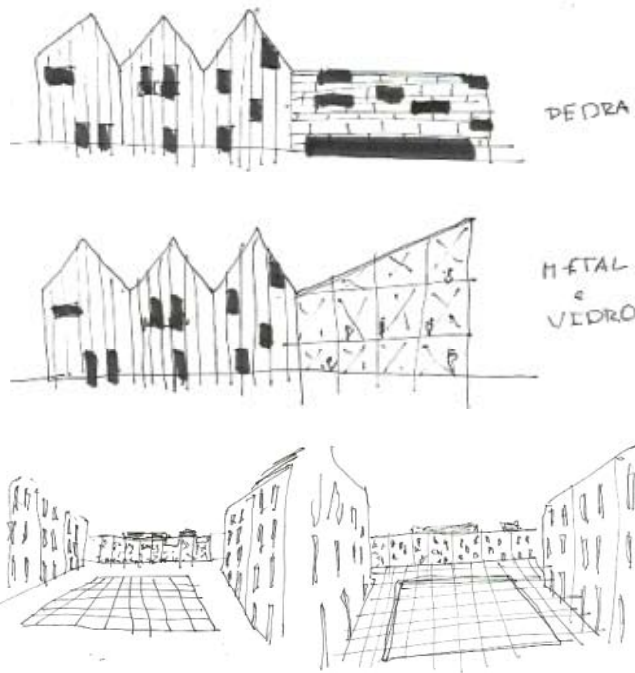
Implicações Espaciais e Sociais

- Hierarquia
 - Centralidade
 - Importância
 - Destaque
 - Referência
 - Se o propósito não for consciente pode ter um impacto desorganizador da sociedade
- Continuidade
 - Homogeneidade
 - Integração
 - Se o propósito não for consciente pode ter um impacto desorganizador da sociedade

2. CONSTRUÇÃO - O tipo de construção e estrutura de um edifício tem implicações na continuidade formal da cidade. Cada cidade, cada cultura e cada zona geográfica tem tipologias diferentes de construção.



3. MATERIA - A matéria é um elemento de maior importância e influência no desenho do espaço público. Este está presente na construção do pavimento, de todo o mobiliário urbano e também no edifício e na sua relação com a rua.



Implicações Espaciais e Sociais

- Continuidade formal
- Pertença
- Identidade
- Referência cultural

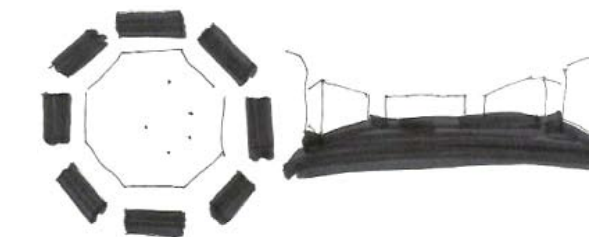
- Destaque
- Referência
- Globalização
- Excepção
- Simbolismo
- Hierarquia

Implicações Espaciais e Sociais

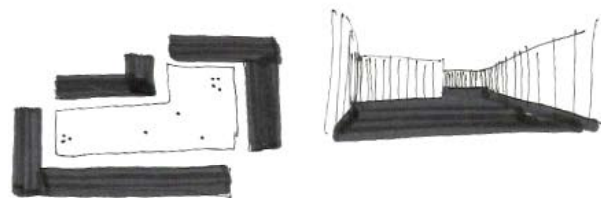
- Continuidade formal
- Uniformidade
- Pertença
- Identidade
- Referência cultural

- Diferenciamento
- Referência
- Globalização
- Excepção
- Simbolismo
- Hierarquia

4. FORMA - A forma do espaço público e dos edifícios que o constroem é algo tão importante no desenho físico da cidade como no desenho psicológico de cada um dos seus habitantes.



Palma Nova - Itália



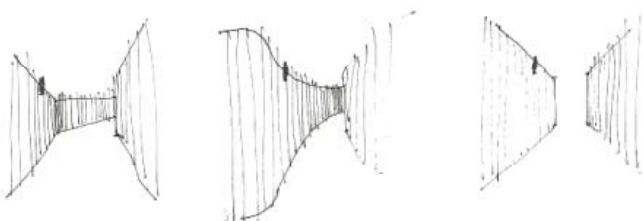
Piazza del Campo - Siena - Itália



Piazza Navona - Roma - Itália



Piazza San Miguel - Lucca- Itália



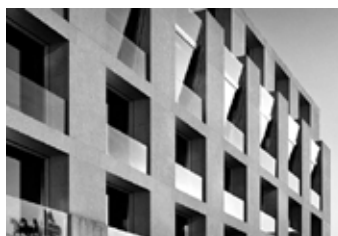
Rua Augusta - Lisboa - Portugal



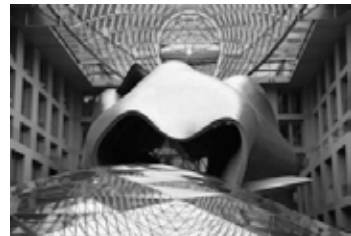
Calçada Nova de São Francisco



Alfama



DG Bank - Berlim - Alemanha



Casa da Música - Porto - Portugal



Implicações Espaciais e Sociais

- Centralidade
- Simetria

- Irregularidade
- Característico

- Simetria
- Direcção

- Centralidade
- Simetria

- Prespectiva
- Direcção
- Profundidade
- Publicidade

- Continuidade
- Direcção
- Convite
- Alguma privacidade

- Quebra
- Dessvio
- Direcção
- Alguma continuidade
- Maior privacidade

- Integração
- Homogeneidade

- Destaque
- Particularidade
- Referência

6. FACHADA - O desenho da fachada e as impressões que o desenho da sua forma pode criar sobre o espaço público é uma ferramenta muito importante na organização da vida urbana.



GALERIA



Politécnico de Tomar - Portugal



ENTRADA RECUADA



Politécnico de Tomar - Portugal



ENTRADA SALIENTE



Escola de Setúbal - Portugal



PALA



Escola Francisco Arruda - Lisboa - Portugal



VARANDA



Lar de Idosos - Alcácer do Sal - Portugal



MIRADOURO



Bouça - Porto - Portugal



Gormley Studio - Londres - UK



Pátio do Siza - Lisboa - Portugal



ESCADAS

Implicações Espaciais e Sociais

- Continuidade
- Ritmo
- Maior relação com o edifício
- Abrigo
- Interioridade
- Prolongamento do espaço público
- Recepção

- Descontinuidade
- Diferença
- Convite
- Zona de transição mais íntima
- Abrigo

- Descontinuidade
- Diferença
- Convite
- Zona de transição mais colectiva
- Abrigo
- Destaque

- Descontinuidade
- Diferença
- Convite
- Zona de transição mais pública
- Abrigo
- Destaque

- Maior descontinuidade da fachada
- Presença
- Exposição
- Maior publicidade
- Destaque
- Maior iluminação

- Maior continuidade da fachada
- Descrição
- Isolamento
- Abrigo
- Maior privacidade
- Menor iluminação

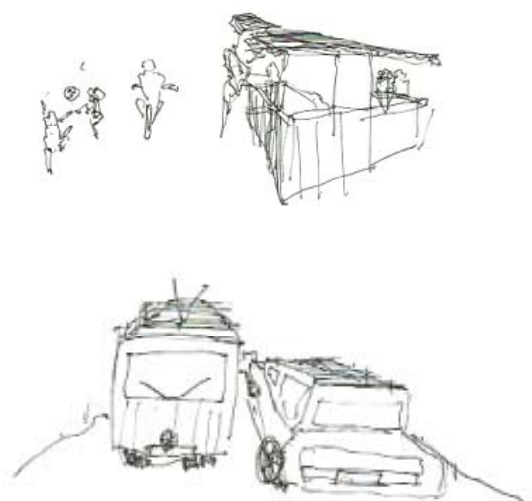
- Descontinuidade
- Presença física e visual
- Convite

- Descontinuidade
- Presença visual

- Descontinuidade
- Descrição
- Convite
- Interioridade
- Curiosidade
- Interrupção / excepção

CONTINUIDADE FUNCIONAL

1. FLEXIBILIDADE HORÁRIOS - A flexibilidade de horários no espaço público proporciona um maior aproveitamento do mesmo, pois a mudança do tipo de práticas num curto espaço de tempo faz com que haja uma atracção mais diferenciada sobre o mesmo espaço e, consequentemente, uma intensificação da vida urbana.



Marginal pedonal ao domingo - Rio de Janeiro - Brasil



Feira de final de tarde Copacabana - Rio de Janeiro - Brasil



Figura do livro Rehabitar

2. ADAPTABILIDADE - A importância da capacidade do desenho e redesenho dos espaços e equipamentos públicos consoante as mudanças e alterações da sociedade no evoluir da cidade.

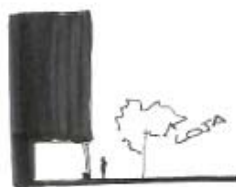


Figura do livro Rehabitar



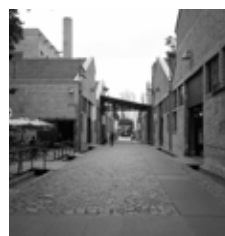
Parque Infantil Van Eyck



Alteração das práticas no canal - Utrecht - Holanda



Figura do livro Lições de Arquitectura



Sesc Pompeia - São Paulo - Brasil

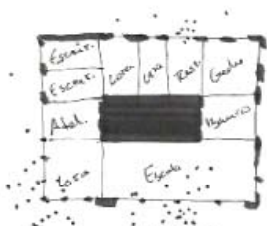
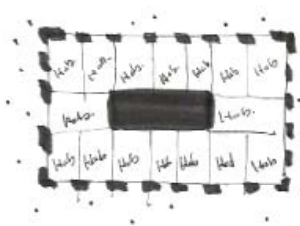
Implicações Espaciais e Sociais

- Aumento da atractividade
- Aumento das actividades
- Continuidade funcional
- Maior diversidade de utilizadores

Implicações Espaciais e Sociais

- Adaptabilidade dos espaços e dos equipamentos públicos a novas práticas
- Maior acompanhamento da evolução da sociedade
- Flexibilidade do espaço

3. DIVERSIDADE - A cidade deve ser desenhada para que exista uma diversidade de funções, tanto a nível do espaço público, bem como do equipamento público e dos pisos térreos, que sejam coexistentes.



Rotunda EUA



Champs Elysees- Festival das Flores

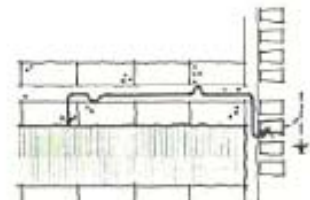
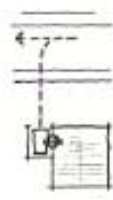
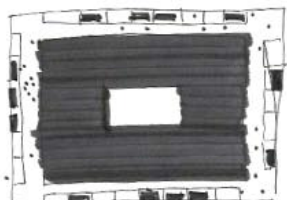


Parque Infantil Van Eyck



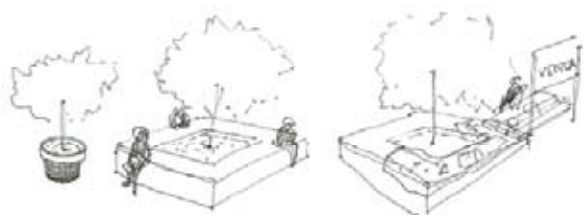
Avenida da Liberdade - Lisboa - Portugal

4. ESTACIONAMENTO - O estacionamento é uma das questões mais imprescindíveis na organização das cidades e das sociedades de hoje. Ele tanto pode comprometer a organização da cidade ao dificultar o acesso a certas zonas e equipamentos da mesma, bem como promover a vida urbana através do estudo dos seus acessos, distancias e localização.

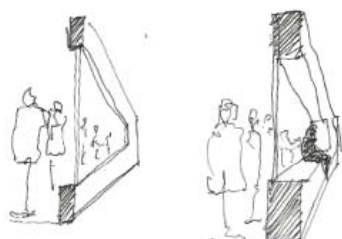


Figuras do livro Life Between Buildings

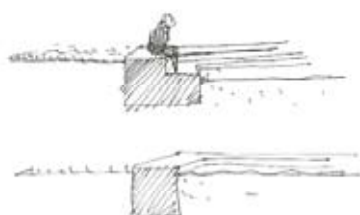
7. PORMENOR - O desenho da forma e do dimensionamento e escala dos elementos constituintes do espaço público, têm uma enorme influência na flexibilidade de actividades que nele se passam.



Figuras do livro Lições de Arquitectura



Escola Francisco Arruda - Lisboa - Portugal



Implicações Espaciais e Sociais

- Diversidade funcional no espaço público
- Coexistência de diferentes práticas no mesmo espaço
- Flexibilidade funcional
- Maior atracção
- Maior afluência
- Maior possibilidade de interacção e contacto

Implicações Espaciais e Sociais

- Maior circulação
- Maior afluência
- Melhor acesso
- Maior número de encontros
- Diversidade

Implicações Espaciais e Sociais

- Flexibilidade funcional
- Adaptabilidade
- Aumento do número de actividades
- Maior utilização
- Maior paragem e permanência
- Maior interacção física e visual
- Maior conforto

SUPLEMENTOS GRÁFICOS

DESENHOS FINAIS

